

A woman with long, dark, curly hair, wearing a white, sleeveless, ruffled dress, stands by a window. She is looking out at a lush green garden with a path leading through it. The scene is bathed in soft, natural light, suggesting a bright day. The window has white curtains that are slightly pulled back.

O Fio de Ariadne
Abordagens da Terapia
de Vidas Passadas

Camila
Sampaio

Índice

Prefácio	5
Introdução – Hugo Lapa.....	8
Camila Sampaio	30
1. Auto-obsessão	35
2. Enxaqueca	81
3. Depressão	102
4. Vida Profissional	139
5. Vida Afetiva	157
6. Pânico	204
Bibliografia	233

Agradecimentos

Agradeço inicialmente ao meu marido, Hugo Lapa, pelo apoio incondicional em todos os momentos da elaboração desse livro. Mesmo antes de me conhecer ele já estava desdobrado me apoiando! Qualquer palavra seria pouco para definir o amor que sinto por esse homem e a história de amor que vivenciamos por todos os dias e em todos os séculos anteriores que temos notícia.

Agradeço também aos meus pais.

Meu pai Flávio, pelo carinho, amor incondicional e pelo incentivo em todas as fases da minha vida. Principalmente por me ensinar desde pequena duas grandes virtudes: honestidade e humildade.

Minha mãe, Alice, por me acostumar desde pequena a ler muito, a ser uma mulher culta e a ser chegada em um bom teclado (antes aquele delicioso “tlec tlec” da máquina de escrever).

Para Dona Celina, a avó mais deliciosa que qualquer um poderia ter!

Agradeço muito a todos os meus pacientes e ex-pacientes, pela oportunidade de ajuda-los, pelo crescimento conjunto que tivemos e por abrirem as

portas dos seus psiquismos para navegarmos juntos.

Especialmente aos amigos Emilia Olivieri, Paulo Dutra e Simone Martinelli, e aos Grupos Mahaidana (todos os meus queridos) e Casinha Azul (principalmente Seu Sardinha, Dona Leticia, Robson e Mazinho).

Aos meus alunos, pelo carinho e incentivo. Pelo orgulho de ver os terapeutas maravilhosos que eles se tornaram!

Á Ricardo Nunes, parceiro de caminhada, que levou as luzes da TVP a Natal-RN.

Para Baby, Isis, Safira e Mila, colaboradores incansáveis.

Agradeço aos colegas que fazem parte do livro, pela oportunidade de trabalho conjunto e troca de experiências.

Muita luz a todos!

Prefácio

Quando pensei em escrever esse livro, pensei no quanto seria interessante fazer duas coisas através dele: mostrar ao público o grande potencial da Terapia de Vidas Passadas, em vários temas e perspectivas. Além disso, mostrar vários modos de realizar o mesmo trabalho, ou seja, que as correntes de TVP que existem atualmente em vez de se oporem complementam-se, integram-se.

Para mim como terapeuta escrever esse livro, além de uma profunda realização, foi uma incalculável oportunidade de contato com meus colegas e de intenso aprendizado. Foram cinco anos de leitura e reflexão intensa para concluí-lo.

O livro aborda seis temas principais: Auto-obsessão, Enxaqueca, Depressão, Vida Profissional, Vida Afetiva e Pânico. Cada tema possui três partes: a revisão bibliográfica, um relato de caso atendido por mim e um caso de terapeuta convidado.

Foi feita uma revisão bibliográfica, com dois critérios: toda a bibliografia traduzida para português e que apresentasse relatos de caso relacionados aos temas. No total são 35 livros. Em cada um dos seis temas foram revistos um a um os casos apresentados na bibliografia. Todos eles foram resumidos em quadros e para cada tema foi escrito um artigo geral.

Fazendo a revisão bibliográfica, tive a oportunidade de ter contato com toda a produção já traduzida da área, toda a equipe de terapeutas pelo mundo afora que trabalha com essa técnica maravilhosa e harmoniza as pessoas.

Nos relatos de caso apresento a minha produção, abrindo meus arquivos pessoais inéditos. Além das pessoas que foram atendidas, posso agora mostrar ao público como cada pessoa pode se beneficiar com a TVP, em seis temas principais que levam as pessoas a buscarem a terapia.

O objetivo de chamar terapeutas convidados foi justamente mostrar as diversas abordagens que a TVP pode dar a um mesmo tema, apresentar a diversidade de técnicas com as quais os terapeutas trabalham e buscar um objetivo de união, dado que é natural que cada terapeuta acabe se isolando no seu próprio consultório.

Espero que o principal objetivo desse livro se cumpra: a multiplicidade seja conhecida e as pessoas busquem ajuda a partir dele. Afinal, a base da TVP é o aprendizado, através do qual o sofrimento se esvai e a evolução é alcançada e retomada.

Foi escolhido como título “O Fio de Ariadne” por ser essa uma simbologia da entrada no inconsciente. Assim como Ariadne usou o fio para entrar e sair do labirinto do Minotauro a salvo, nós terapeutas de vidas passadas entramos e saímos diariamente várias vezes por dia nos portais do passado de nossos pacientes, para ajuda-los a resgatar e integrar a sua sombra.

Boa leitura!

Camila Sampaio
Fevereiro de 2008

Introdução

Hugo Lapa

*“Te advirto, quem quer que sejas, oh tu!
Que desejas sondar os mistérios da natureza.
Como espera encontrar outras excelências se
ignoras as excelências de tua própria casa? Em ti
está oculto o tesouro dos tesouros. Oh homem!
Conhece-te a ti mesmo... e conhecerás o Universo
e os deuses.”*

(Templo de Delphos, Grécia antiga)

Além da pergunta “*Quem somos?*”, “*De onde viemos?*” e “*Para onde vamos?*”, você já pode ter se perguntado se viveu alguma outra vida, em outra época, com outro corpo, com costumes e padrões de comportamentos diferentes dos atuais. Você já deve ter ouvido falar da Teoria da Reencarnação. Há milênios a teoria do renascimento sucessivo foi parte integrante das maiores religiões, culturas e tradições espirituais do mundo, como o Hinduísmo, o Budismo, o Cristianismo primitivo, a Cabala, a Alquimia, o Espiritismo, o Druidismo, os Celtas, os Cátaros, a Umbanda, a Gnose, o Hermetismo, a Yoga etc.

Mas a concepção da vida após a morte e das múltiplas existências do ser humano há muito já deixou de ser um tema puramente místico e espiritualista. Cientistas de várias partes do mundo

estudam a possibilidade da existência da alma e desse princípio já ter encarnado em diversos corpos ao longo da História. É a Teoria da Reencarnação posta dentro de uma perspectiva e visão científica.

Alguns Médicos e Psicólogos atuais estão convencidos de que não vivemos apenas uma vez, mas muitas e muitas vezes e retornaremos ao palco terrestre ainda outras vezes, com o objetivo de aprender com nossos erros e assim evoluir pessoal e espiritualmente. A técnica terapêutica utilizada por esses profissionais é a chamada *Terapia de Vidas Passadas*.

Todo o material descrito nas páginas seguintes dessa introdução traduzem a visão de nossa abordagem com Terapia de Vidas Passadas, mais especificamente a minha visão (Hugo Lapa) e a visão de Camila Sampaio. Os outros autores que gentilmente participaram dessa obra podem ou não corroborar com as idéias aqui contidas e não necessariamente endossam o conteúdo exposto nessa introdução.

O objetivo deste resumo teórico sobre Terapia de Vidas Passadas é informar ao leitor acerca das principais idéias, conceitos, hipóteses e experiências já trabalhadas com a técnica da Regressão.

História da Regressão de Memória

Conta-se que da Atlântida (continente perdido que afundou no oceano Atlântico) deu-se início o maior êxodo de toda a história da

humanidade, logo após o maremoto que a varreu. Alguns sensitivos, dotados de capacidade de consulta aos arquivos planetários, relatam que após a grande inundação os grandes mestres atlantes guardaram zelosamente o conhecimento iniciático das idades e o levaram a vários pontos diferentes do mundo. Segundo essas estimativas, isso ocorreu há 9.500 anos antes de Cristo.

A regressão de memória já era praticada, de forma diferente da atual, nos templos iniciáticos oriundos da Atlântida, do Egito e de outros países como Grécia, China, Persia, Mesopotâmia, Suméria, Índia etc. As ordens esotéricas ensinavam a seus discípulos técnicas específicas para a regressão da consciência a existências anteriores, para que eles percebessem a realidade das vidas sucessivas e das leis que a regem. É bem provável que as chamadas *escolas de mistério*, as Fraternidades arcanas antigas, as organizações esotéricas do passado, sejam os recipientes de onde emanaram a sabedoria que se espalhou para boa parte do mundo.

A Terapia de Vidas Passadas começou quase simultaneamente nos anos 70 com os pioneiros Morris Netherton, Roger Woolger, Edith Fiore e Hans Tendam. Porém, antes destes pesquisadores já existiam formas de regressão de memória provocadas através de técnicas hipnóticas.

Freud foi um pesquisador do psiquismo que trabalhou durante anos com a hipnose e regressão, porém, ele não considerava a hipótese de existências anteriores, por isso pedia aos seus

pacientes para focalizar em aspectos inconscientes da vida atual.

Antes disso, Gabriel Delane e Albert de Rochas já iniciaram estudos profundos em regressão e tiveram bastante sucesso fazendo seus pacientes regredirem a vidas anteriores, o que ocorria espontaneamente.

No ano de 1953 o hipnotizador Morey Bernstein conseguiu um processo regressivo muito profundo com sua paciente, que a fez regredir a uma vida em que foi Bridey Murphy, uma irlandesa de séculos anteriores. Esse caso tomou grandes proporções na mídia e nos meios científicos pela precisão dos dados que a paciente trouxe à sessão, sendo praticamente impossível pensar em fraude ou em coincidências.

Como Funciona

A Terapia de Vidas Passadas é uma forma de terapia holística baseada no regresso da consciência a fatos e eventos ocorridos antes do nascimento. Para os terapeutas de vidas passadas, é possível lembrar de nossas vidas anteriores através da técnica da regressão de memória, que consiste num conjunto de técnicas de relaxamento e indução a um estado de consciência mais elevado.

Durante o processo regressivo, as pessoas podem ter acesso a sua memória anterior ao nascimento físico e podem se reconhecer como sendo uma outra personalidade em vida anterior,

porém conservando a consciência daquilo que elas são na vida atual.

A Regressão de memória, tal como é utilizada nos dias de hoje, não coloca a pessoa num estado inconsciente, onde supostamente ela estaria subjugada ao terapeuta e enfraquecida em sua vontade. Isso verdadeiramente não ocorre. Na regressão pela via do relaxamento e da visualização, as pessoas submetidas à terapia permanecem conscientes durante todo o tempo, tendo o controle da experiência e podendo interromper a regressão a qualquer momento (embora isso não seja aconselhado).

A TVP é um poderoso instrumento da nova abordagem da consciência. Toda essa terapêutica emergente se baseia na hipótese de que o ser humano já viveu inúmeras vezes, vestiu vários corpos, pertenceu a culturas e épocas diversas, teve outros costumes, mentalidades e visões de mundo. Em decorrência de tudo isso, a cada vida o ser constituiu uma personalidade diferente, que se formou devido a sujeição de fatores sócio-históricos, genéticos, religiosos e de moral e valores específicos. Esses conteúdos que vêm à tona numa sessão de regressão a vidas passadas na maioria dos casos aparecem impregnados de muita emoção, dor, apego, trauma, medos etc.

Com a morte, cada uma dessas personalidades que revestiram nosso nível mental são dissolvidas no espaço cósmico, mas não completamente destruídas. Elas são memorizadas pelo Universo e nesse sentido, não podem nunca

ser desintegradas, pois tudo aquilo que fica armazenado nos arquivos indelévels do cósmico e se eterniza dentro do grande reservatório universal da memória pode ser resgatado por qualquer pessoa de sensibilidade suficientemente desenvolvida.

Uma personalidade é desconstruída em decorrência das forças que passam a atuar sobre ela após o desencarne. Sem um corpo físico e sem a influência de nossa mente objetiva, que responde às orientações espaço-temporais, a personalidade que tivemos deve perecer para que o espírito possa, numa próxima encarnação, assumir outra personalidade. Porém, as tendências que tivemos ficam armazenadas em nossa memória espiritual e em nossos corpos, influenciando nosso comportamento futuro, nossas escolhas, nossas crenças, a formação de um novo corpo, dentre outras coisas. Além de nossas tendências internas, existem energias provenientes dessa lei que não puderam expressar-se na vida anterior e que continuam presentes no espírito, aguardando o momento em que as condições sejam criadas para a sua manifestação.

Assim, o espírito conserva as marcas físicas, emocionais, mentais e espirituais de tudo aquilo que viveu em existências passadas e elas são uma influência maior ou menor para o ser encarnante. Quanto mais elevado for o seu nível de consciência, menos ele estará sujeito a essas tendências.

O comportamento é uma simples expressão de uma crença (cognição, mental inferior), que vem

de uma visão de mundo, que em última análise se formou em experiências passadas devido ao nível de consciência que aquele ser alcançou. Em suma, todo o processo psicológico responde ao estado de consciência da pessoa, que pode ser mais ou menos evoluído. Quanto menos evoluído, mais focado em coisas passageiras. Quanto mais evoluído, menos focado no transitório e ilusório e mais voltado para uma perspectiva de valores eternos e transcendentais, registrados na própria alma, que é infinita e permanece na eternidade.

A TVP nos dá a oportunidade de testar, experimentar e vivenciar o conhecimento espiritual. E o melhor de tudo, essa experiência direta daquilo que fomos e fizemos em nossas vidas anteriores pode não apenas curar, como também nos dar uma dimensão de nossa missão aqui na Terra e nos conscientizar de quem somos e qual pode ser nosso próximo passo evolutivo. Somos seres Unos em essência, mas múltiplos em manifestação. Vestimos centenas de corpos, personalidades, em culturas, épocas, geografias e mentalidades diferentes. Nos manifestamos de infinitas formas, mas nossa essência é infinitamente Una.

Para que Serve

O poder terapêutico da regressão a vidas passadas reside no fato de que a maioria de nós, em nossas vidas anteriores, fomos vítimas de traumas e sofrimentos muito intensos e toda essa emoção

ficou armazenada em nosso inconsciente. Nos dias atuais, essa memória que não reconhecemos objetivamente nos influencia de um modo positivo ou negativo, podendo criar padrões de comportamentos e crenças centrais que se originaram em existências anteriores.

Durante o processo da Terapia de Vidas Passadas a pessoa tem a oportunidade de experimentar novamente aquilo que havia permanecido no passado e estava esquecido. Ela terá outra chance de ver e sentir tudo aquilo que passou. Sempre que nos é dado o direito de atravessar novamente uma situação negativa, podemos modifica-la e fazer tudo de uma forma diferente. A dádiva da vida nos capacita a alterar a forma que a vivência ficou armazenada e liberar toda a carga física, emocional, mental e espiritual que até então estava associada e presa à situação passada.

Toda a revivência produz uma descarga, que é proporcional ao nosso envolvimento com as cenas e acontecimentos passados. Assim, podemos realizar a chamada catarse, que é colocar para fora de nós aquilo que estava retido por experiências de traumas ou acumulação repetida de energias.

Trazendo para a percepção consciente um determinado conteúdo, adquirimos poder sobre ele. Dessa forma, não somos mais controlados, mas assumimos as rédeas da situação. Dentro desse quadro, a influência mais poderosa exercida sobre nós ocorre quando somos incapazes de perceber a sua existência, por estar misturada aos nossos

pensamentos, emoções, crenças e ao nosso modo de ser. Por analogia, a propaganda mais sutil é aquela que não aparece como propaganda, mas como mensagem subliminar. A tomada de consciência é onde reside a essência terapêutica da regressão. A esse respeito, consideremos as palavras de Jesus quando diz “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”

A Nossa Abordagem

Dentro de nossa linha de atuação em TVP, sempre colocamos a pessoa em contato com seu mestre espiritual. Julgamos que o apoio proporcionado pelo nosso mentor dá outra dimensão ao trabalho, pois a pessoa sabe que estará resguardada de qualquer tipo de influência negativa durante o processo e terá a sabedoria de um espírito muito antigo auxiliando e cuidando para que tudo corra da forma mais harmoniosa possível.

Porém, é um erro depositar todas as nossas expectativas no mestre. Dessa forma, a responsabilidade cabe única e exclusivamente ao terapeuta e devemos encarar o mentor ou mestre espiritual apenas como uma inteligência/consciência que está auxiliando positivamente todo o trabalho, impedindo que influências diversas possam atrapalhar a seqüência do processo e conferir confiança e elevação vibratória ao trabalho. Mas o terapeuta sempre tem que fazer sua parte e conhecer todas as etapas do processo.

Também é possível, com o auxílio do mentor, perceber quantas vidas precisam ser tratadas naquele momento de vida da pessoa e a quais temas essas vidas estão ligadas. Para fazer esse “diagnóstico espiritual”, podemos utilizar imagens mentais, como um anfiteatro onde as vidas se acomodam na platéia, ou uma estrada onde aparece uma tela de visualização.

O mestre também pode transmitir alguns ensinamentos sobre as principais virtudes que a pessoa pode desenvolver, sempre respeitando o livre arbítrio. É como se o Mestre mostrasse a pendência de aprendizado que a pessoa traz no decorrer das encarnações. Dessa forma, o trabalho sempre remete à responsabilidade da transformação para a conscientização da pessoa sobre as suas próprias brechas e imperfeições.

Não importa se encarnamos a figura do Mestre como um espírito muito antigo e evoluído ou como uma sabedoria que reside latente dentro de nós. O importante é que existem forças/inteligências externas e internas que ajudam todo o processo terapêutico.

Esclarecendo dúvidas

É recomendável que não se busque um processo terapêutico tão profundo como a TVP por mera curiosidade, mas sim por uma necessidade real e concreta, que aparentemente não tem explicação nas circunstâncias da vida atual. A

pessoa precisa apenas desejar sua cura e aspirar à sua evolução.

Sendo a TVP um conjunto de técnicas tão extenso, ao contrário do que muitos pensam, ela também pode ser preventiva e não apenas focar nos sintomas ou conflitos já existentes. Para se submeter ao processo regressivo, a pessoa deve estar consciente de que poderá passar por uma profunda revisão de seus conceitos e sua visão de mundo.

Muitas pessoas interessadas na Terapia de Vidas Passadas me perguntam se é possível, após o término do processo regressivo, que elas fiquem “presas” ao passado e não mais retornem para a sua consciência dessa vida. Talvez essa idéia seja um resquício das experiências com a Hipnose clássica, onde os filmes transmitiam para o público a idéia de que nossa consciência permanece num estado de total descontrole, onde a vontade não consegue ter o domínio daquilo que lhe é sugerido. Devemos esclarecer que as pessoas submetidas a TVP não retornam ao passado, mas apenas acessam certas memórias que elas não conseguem recordar em estado de vigília. Dessa forma, se não voltamos ao passado, é impossível ficar preso a um tempo ao qual não fomos.

Outras pessoas que lêem um texto ou algum livro sobre TVP, ou que simplesmente ouviram falar de regressão através da TV ou de uma palestra, podem ter a impressão de que ao acionar certas memórias e situações do passado que lhe provocaram muita dor e conflito elas podem

aumentar esse sofrimento no momento presente e assim, piorar ainda mais a sua situação. Esse é outro erro que geralmente incorrem algumas pessoas.

Desde que Freud começou a estudar e aplicar as técnicas de regressão para a vida atual (Freud não fundamentava seu trabalho na reencarnação), seu paciente era conduzido a situações de sua história pessoal onde se confrontava com acontecimentos que ocasionavam emoções tão fortes que sua mente consciente era incapaz de assimilar. Então Freud pedia à pessoa em regressão que atravessasse novamente aquela situação, com toda a emoção original e dessa forma, pudesse colocar para fora toda a carga reprimida. Freud observou que esse método ajudava seus pacientes a vivenciar novamente um evento que não havia sido plenamente experimentado, pois foi bloqueado por certas restrições mentais que todos nós cultivamos, em maior ou menor grau, os nossos mecanismos de defesa.

Assim, sempre que recordamos as situações traumáticas do nosso passado, com intensidade e descarga, nossa consciência pode liberar as emoções e nós podemos nos livrar daquela emoção fora de lugar. Existem muitas evidências de que quando tornamos consciente aquilo que ficou inconsciente, adquirimos o controle sobre aquele conteúdo mental e assim, podemos saber de onde vem e como podemos lidar com ele.

Dessa forma, toda liberação das cargas de vidas passadas se repercutem em nossa consciência, podendo nos dar uma falsa percepção de que as coisas estão piorando. Porém, da mesma forma que para limpar uma casa precisamos mexer na poeira acumulada (tornando-a mais aparente), para purificar o psiquismo precisamos dinamizar essas energias, dar-lhes movimento e expressão, para que seja possível a liberação, o tratamento e a tomada de consciência.

O Método

Trabalhamos com a *indução direta via imagens mentais*. Trata-se de uma técnica que tem como objetivo conduzir a pessoa a um estado alterado de consciência através da utilização da visualização de cenas e imagens que tenham um conteúdo simbólico. Esse tipo de indução não necessita do uso da sugestão e requer apenas o relaxamento prévio com o despertar de nossa tela mental, com o uso de imagens que possam ajudar a pessoa a entrar em sintonia com nossa memória secular.

Quando o terapeuta se utiliza desta abordagem, dá-se o comando para que a pessoa crie em sua consciência imagens e venha a interagir com elas. O terapeuta precisa ir descrevendo aquilo que deseja que o cliente entre em contato. A imagem em si não é tão importante quanto o envolvimento emocional da pessoa com as cenas que percebe. Porém, quanto mais vida conferimos

às imagens, mais a pessoa poderá aprofundar no estado de consciência regressivo.

A utilidade desta técnica reside no fato de que, num determinado momento da visualização, as imagens visualizadas cedem lugar a imagens espontâneas, que surgem naturalmente e que revelam um conteúdo de memória inconsciente ou uma harmonia com níveis de consciência diversos. É também possível o contato com o plano espiritual através desta abordagem.

Muitas pessoas pensam que é necessário um grande poder de concentração e abstração do mundo de vigília para realizar a regressão. Na verdade, o necessário é estar disposto a se entregar à experiência e relatar o que é percebido. Muitas pessoas com dificuldade de concentração não têm problema nenhum no processo, pois estabelecem um bom vínculo com o terapeuta e falam sobre o conteúdo que estão tendo acesso com desenvoltura.

Como a impressão inicial é a de imaginação, porque usamos o recurso das imagens mentais para depois chegarmos às imagens inconscientes, muitos emperram nessa parte. Mas os que se permitem vivenciar percebem o conteúdo de passado e sua correspondente carga emocional e somática vir à tona e tomar conta do psiquismo.

Os Riscos da TVP

Será que existe alguma situação em nossa vida plenamente isenta de perigo? Até mesmo atravessar a rua pode ser perigoso e no entanto,

fazemos isso todos os dias e não deixamos de fazelo apenas por causa do risco. Os remédios alopáticos matam centenas de milhares de pessoas por ano no mundo e nem por isso paramos de fazer uso desses medicamentos.

Da mesma forma, milhares de pessoas morrem no Brasil vitimadas por erros médicos, que em sua maioria são abafados ou perdoados pelos organismos reguladores. Mas nem por isso deixamos de ir ao médico ou de tomar remédios alopáticos.

Por analogia, só pode haver risco numa TVP quando o profissional não possui a devida formação e não sabe o que está fazendo. Qualquer técnica psicológica que coloque o ser humano em contato com seus conteúdos inconscientes e com representações que ele não deseja admitir para si mesmo pode oferecer certos riscos, desde que realizada sem conhecimento de causa.

Dentro dessa perspectiva, o maior risco que a TVP pode apresentar é ser aplicada por pessoas sem a devida formação. Existem algumas pessoas atuando como terapeutas de regressão que nem sequer realizaram um curso de formação, apenas leram alguns livros e já se acreditam capacitados a exercer uma abordagem tão séria como a TVP. Por outro lado, existem profissionais que fizeram a formação, mas que não buscaram estudar e se aperfeiçoar, ficando estagnados e permanecendo dentro de uma ortodoxia muito perigosa.

Outro risco da TVP é realiza-la dentro de certas situações reconhecidas como contra-

indicadas para estes casos. Entre estas, podemos citar TVP com psicóticos graves, com gestantes, ou com cardíacos.

Existem alguns relatos sobre pessoas que “surtaram” após a TVP. Antes de qualquer coisa, é preciso verificar se estas alegações são verdadeiras, pois existem pessoas que gostam simplesmente de inventar estórias baseadas na projeção de seu próprio medo. Sempre que alguém me pergunta sobre isso e diz que uma pessoa teve problemas com a TVP e eu questiono com quem e onde isso ocorreu, verifico sempre que foi alguém que conhece alguém que conhece alguém e assim por diante. Ou alguém que ouviu numa palestra sobre alguém que contou e percebemos que a pessoa mesmo que conta a estória não conheceu diretamente o caso, apenas ouviu dizer e acreditou. Dessa forma, não conseguimos averiguar a veracidade do fato.

Supondo que algum destes relatos seja verdadeiro, é de nossa opinião que se uma pessoa realmente surtou, é porque isso já iria ocorrer mais cedo ou mais tarde, porque a estrutura psíquica dela estava tão fragilizada que não agüentaria uma emoção um pouco mais forte. Nesse sentido, cabe ao terapeuta avaliar se a pessoa está neste estado de fronteira. Queremos aqui manifestar nosso repúdio a indivíduos que nunca pesquisaram sobre TVP e ficam espalhando mentiras sobre supostos riscos da técnica, tirando a oportunidade de buscadores sinceros experimentarem a Terapia de Vidas Passadas e dela se beneficiarem.

Creemos que não há nada mais arriscado do que viver com sintomas e doenças que a TVP pode ajudar a solucionar. Nesse sentido, repetimos que tudo o que a TVP faz é nos colocar diante de nós mesmos e apenas veremos aquilo que já está presente em nós a todo instante. Nosso psiquismo atua através de princípios inteligentes e existem mecanismos naturais que nos protegem de certas representações inconscientes que poderiam nos desequilibrar de alguma forma.

Resolver o problema em uma sessão

Algumas pessoas me perguntam se é possível resolver tudo em apenas uma sessão. Eu mesmo me pergunto se é possível resolver pendências milenares em 1 ou 2 horas. O que algumas pessoas precisam compreender é que somos terapeutas e não deuses, nem mágicos.

Um sintoma simples e específico, que envolva apenas uma vida, tal como uma fobia de cachorro, por exemplo, pode ser tratado com bons resultados em apenas uma sessão. Nesse sentido, depende muito do que a pessoa está buscando. Se ela deseja apenas tratar essa fobia e nada mais, ela pode se contentar apenas com uma sessão.

Porém, a TVP é um tratamento com início, meio e fim e tem como objetivo atuar em diversos níveis da consciência humana. Nesse sentido, nosso ser atravessou situações muito dolorosas em diversas existências e sem dúvida alguma, não podemos resolver tudo em apenas uma sessão.

Acontece que hoje em dia a vida ocidental está cada vez mais corrida e a maioria das pessoas querem tratamentos “fast-food” no estilo “paga e resolve”.

O absurdo dessa situação é querer realizar um tratamento de questões e programações milenares em apenas duas ou três sessões. Sabemos que a evolução e a cura de nosso psiquismo só é possível através de um processo terapêutico de vários meses.

Apesar disso, a TVP é considerada uma forma de tratamento rápido, onde podemos desbloquear, harmonizar e integrar padrões em algumas sessões, através da consciência das relações de causa e efeito entre comportamento passado e o presente. Um tratamento com TVP, quando bem realizado, deve durar em média de 5 meses a 1 ano. Esse seria o tempo médio para o conhecimento de nossas questões centrais de vidas anteriores.

TVP e Espiritismo

A Terapia de Vidas Passadas é um conjunto de técnicas terapêuticas que tem como objetivo desvendar o motivo de certos comportamentos que cultivamos no presente, tratar as personalidades passadas, descobrir a proposta encarnatória, realizar a liberação das emoções e energias reprimidas ou acumuladas, tratar e encaminhar energias intrusas, purificar as energias da nossa aura e ajudar as pessoas a tomarem consciência de

que não são apenas um ser físico tendo uma experiência material, mas um ser espiritual tendo uma experiência física.

Nesse sentido, existem algumas idéias e princípios que são compartilhados pela TVP e pelo Espiritismo. Os principais são:

- * A Reencarnação,
- * A Lei de causa e efeito,
- * A Vida após a morte,
- * A influência de personalidades espirituais nos assuntos humanos,
- * O Livre arbítrio,
- * A Evolução.

É positiva a identificação dessas semelhanças, pois tudo aponta para o universalismo entre as correntes espirituais e os tratamentos terapêuticos. O Espiritismo tem um papel muito importante na humanidade atual, pois ele vem trazer uma mensagem de consciência espiritual e evolução, num mundo tão conturbado como o que vivemos.

O movimento espírita brasileiro, algumas vezes, apresenta uma visão ambígua com relação a TVP. Alguns procuram sempre enfatizar que o Espiritismo não aceita a TVP, porém, em outro momento, utilizam-se dos dados de pesquisadores de vidas passadas na busca de evidências que comprovem a hipótese da reencarnação.

É certo que a TVP e o Espiritismo são coisas distintas e a diferença principal reside no fato de que o Espiritismo é uma religião e todos os seus preceitos já se encontram previamente

definidos em suas obras básicas. A TVP, por outro lado, é uma técnica terapêutica com um campo de investigação livre, estando aberto para contestações e formulação de seus conceitos, princípios e técnicas, se as evidências forem suficientes para tal.

É errado supor, como pensam alguns, que apenas o terapeuta espírita possa realizar a TVP, pois apenas ele teria o conhecimento desses princípios. Todas estas questões e princípios que citamos foram ensinados por diversas tradições antigas e escolas espirituais e místicas do passado e do presente, sendo o Espiritismo apenas mais um a transmitir à humanidade as leis e princípios naturais da vida. Nem o público deve pensar que deve buscar apenas um terapeuta espírita, o importante é o conhecimento espiritual geral. E nem o terapeuta espírita deve ver a TVP como um filão de mercado.

Com as investigações que realizamos em TVP estamos bem próximos da fenomenologia espiritual e podemos investigar os princípios espirituais mais diretamente, com a mente aberta, sem estarmos presos a dogmas desta ou daquela corrente ou orientados por esta ou aquela escola.

É preciso respeitar a visão daqueles que possuem uma ideologia espírita, o problema é quando se modifica a TVP para encaixa-la nos moldes desta ou daquela corrente. O profissional deve ser acima de tudo um pesquisador independente, que busca as evidências em seu próprio campo de pesquisa, tomando como referência as experiências na literatura e nas

tradições, mas ao mesmo tempo buscando sua confirmação da teoria na prática clínica e também em si mesmo. Nesse sentido, o ser humano é seu próprio laboratório e deve testar em si mesmo as verdades da existência. Só assim ele poderá desapegar-se do vício de crer e passar da fé cega para a sabedoria e a consciência.

Conclusão

A Terapia de Vidas Passadas veio para ficar. Obviamente ela não é uma terapêutica completa, longe disso. A tendência é de que os terapeutas, pesquisadores e espiritualistas possam investigar novos métodos, aprimorar os conceitos e aprofundar em seus princípios para refinar ainda mais nossa metodologia.

Nesse sentido, a TVP não pode aceitar dogmas e verdades prontas, tampouco a adesão forçada de conceitos religiosos que lhe são estranhos. A TVP deve buscar seu próprio caminho, sem fechar-se a sistemas externos e absorvendo aquilo que seja útil a partir da funcionalidade do novo.

Hugo Lapa

Hugo Lapa nasceu em 1977, no Rio de Janeiro - RJ.

Psicólogo formado pelo UNESA em 2004.

Realiza atendimentos com Terapia de Vidas Passadas online.

Terapeuta de Vidas Passadas formado por Camila Sampaio.

Autor dos livros *Regressão e Espiritualidade* e *Tratado de Terapia de Vidas Passadas*.

Contato:

SITE: www.terapiadevidaspassadas.net

MSN: hugolapatvp@hotmail.com

MAIL: lapapsi@gmail.com

BLOG: <http://hugolapa.wordpress.com>

A Nossa Abordagem de TVP

Camila Sampaio

A Terapia de Vidas Passadas pode ser considerada uma arte recente no Brasil: começou nos anos 80, através do trabalho dos pioneiros da Associação Brasileira de Terapia de Vidas Passadas (ABTVP, posteriormente ABEP-TVP e hoje ABHR – Associação Brasileira de Hipnose Regressiva). Essa instituição mãe se desmembrou em uma série de outras. Nomeando as principais:

1989 – INTVP – Maria Julia Prieto Peres

1994 – SBTVP – Maria Teodora Ribeiro Guimarães

1996 – CDEC - Hermínia Prado Godoy

1999 – IBRAPE-TVP (Rio de Janeiro)

2000 – ANTVP

2000 - IBRAH - Instituto Brasileiro de Hipnose Holística – Fernando Rabelo

2002 – Vita Continua – Milton Menezes (formado pela SBTVP)

E alguns terapeutas trabalhando sozinhos:

- Exemplos: JS Godinho, Elaine de Lucca, Célia Resende

Esse trabalho foi trazido ao Brasil baseado na obra dos quatro principais autores iniciais de TVP: Morris Netherton, Edith Fiore, Roger Woolger e Hans TenDam. Para conhecer o trabalho desses autores recomendo a leitura do excelente livro “Terapia de Regressão – teoria e técnica”, de Herminia Godoy (ele não consta na revisão bibliográfica, pois não possui casos).

Nossa formação se deu a partir de J.S. Godinho, com uma abordagem bastante espiritual. Como eu e Hugo somos psicólogos, (e eu também historiadora) fomos fazendo a integração do conhecimento acadêmico com o conhecimento iniciático e espiritual.

A nossa abordagem de TVP tem como característica explorar várias possibilidades dentro do psiquismo humano. Consideramos dentro do tratamento a harmonização de:

- * Personalidades de passado, pensando nelas como tendo um certo grau de autonomia dentro do psiquismo, conforme conferimos energia a elas. Por isso entenda-se que as nossas personalidades de passado podem se projetar e causar sintomas, como se fossem terceiras pessoas.

- * Subpersonalidades: dissociações da vida atual, que podem se dissociar tematicamente ou por alguma questão em determinada idade.

* Obsessores: terceiras pessoas, encarnadas ou desencarnadas, que estejam interferindo sobre a pessoa por questões pessoais ou grupais.

* Magia ou aparelhos parasitas: seja goécia (magia negra), arquepadia (magia de passado) ou aparelhos parasitas implantados, é possível identificar e tratar esse tipo de energia.

A parte teórica (apenas a teórica) de nosso trabalho se mescla com a Apometria, técnica de tratamento espiritual desenvolvida pelo Dr. José Lacerda de Azevedo e que continua sendo estudada atualmente. Um dos maiores nomes desse grupo de pesquisadores atual é meu professor, J.S. Godinho.

Atualmente temos um grupo de atendimento de Apometria, o Grupo Mahaidana. A Apometria, por ser um tratamento mediúnico, é feita de forma voluntária e gratuita. Ela compartilha com a TVP apenas a teoria: corpos, chakras, personalidades de passado, subpersonalidades etc.

Na nossa abordagem usamos técnicas de visualização mental para que o paciente consiga entrar em regressão sem hipnose passiva, apenas com uma indução mental direta ao estado alterado de consciência. Pela visualização (eu costumo utilizar um anfiteatro e Hugo uma estrada) é possível saber quantos temas serão tratados na terapia e quantas vidas fazem parte de cada tema.

É comum que esse número não se mantenha fixo e que no decorrer da terapia uma parte vá sendo harmonizada e conforme o caso seja

levantado um novo grupo de personalidades para serem tratadas. Em média, até a alta, tratamos de 20 a 30 vidas. Casos graves e recorrentes podem envolver um número maior.

É feita a aproximação com o mentor espiritual (ou mentora) da pessoa e durante todo o processo terapêutico esse contato é incentivado. Nem todos os pacientes conseguem perceber claramente sua presença, alguns percebem apenas cores ou sensações. Esse contato é incentivado porque partimos do pressuposto que o mentor ou mentora acompanha o paciente durante toda a sua vida e a participação do terapeuta será mais breve.

Enfatizamos inclusive a importância da terapia ser rápida, focada e direto ao assunto, sem cultivar dependência. O tratamento dura em média de 10 a 20 sessões quinzenais de duas horas. Busca-se o autoconhecimento e o desenvolvimento da força interior.

Trabalhamos além disso a questão da proposta encarnatória, onde foram decididos os principais eventos pelos quais a pessoa iria passar na atual encarnação e quais virtudes deveriam ser desenvolvidas. É possível também visualizar a sala de acordo, onde a pessoa pode ter sido (re)apresentada a seus pais e ter sido informada sobre qual a importância de reencarnar através deles. A proposta encarnatória e a sala de acordo que precedem a vida atual costumam ser as mais importantes, mas podemos trabalhar com propostas encarnatórias de vidas anteriores também.

Também trabalho com os Florais Havaianos, desenvolvidos por Penny Medeiros e atualmente Ken Carlson. São 70 essências, que têm como foco a harmonização dos nossos seis corpos espirituais: corpo físico, Duplo Etérico, Corpo Astral, Mental Inferior, Mental Superior e Búdico. O Átman, como é denominado o último corpo, não pode ser harmonizado, pois ele é nossa centelha divina.

Continuaremos apresentando nosso trabalho na discussão dos casos apresentados. Vamos agora começar a nossa excursão pelo Fio de Ariadne. Mais uma vez, boa leitura!

Auto-obsessão

*Se Narciso se encontra com Narciso
e um deles finge
que ao outro admira
(para sentir-se admirado),
o outro
pela mesma razão finge também
e ambos acreditam na mentira
Narciso e Narciso, Ferreira Gullar*

Revisão bibliográfica

Narciso morreu por ficar absolutamente fascinado pela própria imagem e não conseguir fazer mais nada. Na auto-obsessão acontece esse processo. Auto-obsessão é a obsessão causada pelas nossas personalidades de passado. Ao invés de um obsessor, que é uma terceira pessoa que nos persegue, na auto-obsessão somos influenciados internamente por nós mesmos no passado.

Nossas vidas passadas nos envolvem nas suas vibrações, às vezes de forma sutil, outras vezes de forma mais gritante. Trazem toda sorte de sintomas e no fundo nos pedem ajuda.

Mesmo a auto-obsessão mais resistente é um convite à evolução. Determinados assuntos ficaram mal resolvidos no passado e hoje podem ser solucionados, através da conscientização e retomada do aprendizado que foi deixado de lado.

Vários fatores podem influenciar para que uma personalidade de passado (ou mais de uma) tome conta do psiquismo. Vamos a eles:

1) Suicídio

Na auto-obsessão, as vidas de suicidas trazem para o presente a influência para que a pessoa desista e fuja novamente da sua caminhada evolutiva. As famosas “vozes” que as pessoas obsedadas ouvem também podem ser vozes internas, convidando ao suicídio novamente.

Michael Gallander, paciente de Joel Whitton, apesar de não ter tendência suicida sofria de auto-rejeição. Na vida passada foi o cavaleiro inglês Robert Macready, que se entregou às drogas e álcool e cometeu suicídio se jogando sob uma carruagem.

2) Culpa

Assim como na depressão, a culpa pode ser um grande algoz na forma de auto-obsessão. Faz com que a pessoa continue se cobrando, de forma perfeccionista, rígida, como se erguesse um chicote de lamentação e recriminação contra si mesma.

O caso Pedro, de Brian Weiss, mostra uma vida passada de médico que se sente culpado por não ter salvo um paciente. Essa culpa atravessou os séculos e vinha em forma emocional.

Michael Gallander, caso de Joel Whitton, teve uma vida de puritano na Nova Inglaterra. Como era chaveiro e por conta da sua religião queria evitar o prazer durante a relação sexual, decidiu aplicar um cinto de castidade (com o conhecimento técnico que possuía), na sua mulher na noite de núpcias. Mas acabou machucando a área genital e ela morreu em decorrência dos ferimentos. Por causa da culpa, sua neurose sexual cresceu e ele participou dos julgamentos em Salém. Essa culpa transformada em radicalismo gerava sentimentos confusos na atualidade.

3) Magia negra

O problema na auto-obsessão não é o efeito de má vibração produzido pela magia de passado, mas sim a tendência a continuar fazendo magias – físicas ou mentais. É a pessoa que ao ser contrariada “vira bicho”, pragueja, só não comete nenhuma violência porque tem algum escrúpulo, ou porque atualmente existe o sistema penitenciário.

São alvos fáceis para os trambiqueiros espirituais, cartomantes que cobram após resultado e coisas do gênero. Podem até chegar a estudar magia e fazerem pequenos (ou grandes) trabalhos para benefício pessoal.

Elaine de Lucca mostra o caso de Luiz, que sente cansaço e acessos de violência. No passado ele matava mulheres em rituais de magia negra. Sua personalidade de bruxo ainda devia lhe causar desgaste energético.

Célia Resende conta seu próprio caso, onde pela raiva de não ter conseguido salvar seu próprio bebê com o poder de cura que tinha, desandou para a magia negra. Por isso foi queimada na fogueira e hoje tinha um bloqueio para suas atividades mediúnicas.

Ex-bruxas queimadas querem distância desse tipo de prática, primeiro porque não têm o menor compromisso em ajudar os outros gratuitamente, querem ganhos pessoais. Segundo, porque foram condenadas por essa prática e guardam a recusa a fazê-lo de novo.

No caso Leticia, de José Antonio de Souza, temos a lemuriana Rama, que abusou do poder.

Hoje Leticia tinha medo de lidar com ocultismo, pois em mais duas vidas que lidou com magia – dessa vez branca – foi perseguida.

4) Vidas em conflito entre si

Nesse caso, é como se houvessem várias opiniões contraditórias dentro de si mesmo, um burburinho desorganizado, um condomínio necessitando de um síndico que leve todos a rédeas curtas. Cada vida passada tem uma opinião e quer defende-la, a pessoa se sente como se tivesse vários eus dentro dela brigando.

Wayne, paciente de Roger Woolger apelidado de “gigante gentil”, trazia dentro de si assassinos sanguinários junto com uma donzela meiga. Opostos contrários e a personalidade atual tentando o equilíbrio.

5) Vidas em desacordo com a proposta atual

Ao contrário de brigar entre si, esse tipo de personalidade briga contra a vida atual. Pessoas nesse perfil possuem vidas passadas inteligentes, que percebem que estão reencarnadas e são contra o direcionamento da vida atual. Gostariam de resolver as coisas do seu jeito e se dissociam do corpo justamente com essa finalidade.

Nossas personalidades também podem ter uma existência autônoma e desdobram de nós, usando a nossa própria energia. Concedemos essa energia inconscientemente, pois lá no fundo ainda

concordamos com as personalidades e não queremos mudar.

Um exemplo é a mulher apresentada por Pat Rowe Corrington. No passado ela foi um filósofo inteligentíssimo, mas que hoje recusava o fato de ser mulher, por julgar que mulheres eram seres inferiores.

6) Postulados, idéias fixas, programações mentais

No caso da auto-obsessão, um postulado funciona como um programa de computador, que foi formatado daquela maneira e continua funcionando do mesmo jeito, apesar da máquina atual ser diferente e mais moderna.

Joel Whitton mostra no caso Michael Gallander um postulado que causou muita dificuldade para acessar e tratar a personalidade. Hildebrant Von Hesel, sua personalidade em 1216, era um cruzado que acreditava ser “o braço de Deus” na luta contra os mouros. Baseado nisso matou muitas pessoas, incluindo mulheres e crianças. Essa personalidade causava tanto estrago na vida atual que foram necessárias várias sessões e muita drenagem para acessar toda a história e ressignificar os conteúdos.

Mulheres que mexeram com magia e foram perseguidas por isso podem tomar a decisão de não se aproximarem mais desses assuntos. É o caso de uma paciente de José Antonio de Souza.

Maria Teodora Ribeiro Guimarães traz o caso Gabriel, que faz um misto de vários fatores,

como encarnação em sexos diferentes, conduta ilícita e loucura. Mas o mais marcante é uma vida onde foi mulher e assassinou seu marido. Ele a perseguiu no pós-morte e a convenceu que mulheres não prestam. Hoje Gabriel era homossexual e tinha ódio pelo sexo feminino.

Raymond Moody mostra que só se importar consigo mesmo leva ao isolamento e nada resolve. No caso Donna, ela participou de um duelo no passado e morreu inutilmente para defender sua honra. Hoje buscava se isolar, mas tinha que aprender a buscar objetivos mais altruístas.

7) Comportamento condizente com determinada época histórica

Para uma historiadora como eu essa parte é um “prato cheio” e é impressionante a frequência com que isso ocorre. Muitas pessoas têm trejeitos e frases notadamente fora de contexto. Verdadeiras freiras, padres, prostitutas, odaliscas etc. Um olhar terapêutico atento percebe claramente que não estamos falando com o eu atual do paciente.

Maria Teodora traz um caso que dá uma explicação alternativa para a drogadição – uma das influências que pode levar ao uso de drogas, naturalmente não a única. Um rapaz em vida passada foi xamã e usava o alucinógeno para fazer previsões na sua tribo. Ou seja, o uso de ervas sagradas era socialmente aceito e incentivado, era a sua função. Mas isso fazia sentido para o xamã e não para o rapaz de hoje.

Patrick Drouot traz o caso Richard, que sentia na vida atual ataques de violência sem motivo. No passado ele era encarregado de execuções na Guerra dos Trinta Anos. Mais uma vez, a carga sentida era a do personagem de passado, porque era necessário ser violento para fazer execuções.

O mesmo autor mostra um homem com atração inexplicável pelo mar. Apesar de ter morrido em combates nessas vidas marítimas, sentia saudade das vidas de marujo, capitão e marinheiro que tivera.

8) Conduta ilícita em seqüência de vidas, ânsia por poder

Se um comportamento é muito arraigado e repetitivo, a pessoa tem bastante dificuldade de sair dele, especialmente por causa desse mecanismo de auto-obsessão. A personalidade atual alimenta a passada e vice-versa.

Nessa parte, após trabalharmos as vidas passadas, é fundamental a orientação da personalidade atual, para que haja uma conscientização de novos valores a conquistar. Notadamente não cabe ao terapeuta decidir quais tipos de comportamentos novos devem ser adotados, mas como o passado da humanidade é muito sangrento, também não iremos incentivar a manutenção de instintos assassinos em nossos pacientes!

Quando a pessoa vem em uma nova vida com desenvolvimento intelectual, passa pela prova

de, dessa vez, usar essa inteligência para o bem. É o caso Marcio, de Célia Resende, onde o jornalista sente a tendência para usar mal o poder, pois já foi mago negro na Atlântida e continuava ligado aos experimentos feitos.

Amanda, caso de Elaine de Lucca, tem medo de ficar sem dinheiro. No passado ela ajudava a planejar saques junto com piratas. A personalidade traz o medo de ser punida pelos maus atos. A mesma autora mostra o caso de um homem que ao ser contrariado mandava jogar seus inimigos ao mar e hoje ainda trazia o orgulho excessivo. Ainda não fora rompida a ligação e identificação com a personalidade de passado.

Hans TenDam apresenta o caso de um ex-bispo inquisidor, que não entendia porque suas vítimas não pediam clemência quando as mandava para a fogueira. Hoje a pessoa buscou a terapia querendo se melhorar.

Maria Teodora Ribeiro Guimarães traz o caso Khan, que era muito arrogante e prepotente, com imensa sensação de superioridade. Sua luta pelo poder no passado atravessou as existências de pirata, guerreiro, senhor de castelo medieval e nobre francês, todas vidas com mortes e intrigas. O grande problema era a insistência em não buscar virtudes mais elevadas.

A mesma autora traz no caso Juan um homem irritado, com sensação de prisão. Vemos no seu passado que em várias situações nas quais foi traído ou colocado em situações difíceis e sua reação foi matar. Foi vítima depois, com vidas de

deficiência física e onde foi assassinado, mas a energia ainda não foi equilibrada e por isso os sintomas persistiam.

Ainda com Teodora, temos o caso “As fogueiras”, onde apesar dos motivos serem um pouco mais elevados havia um comportamento de se lançar às situações de forma irresponsável, sem se preocupar com regras. E por isso morreu queimado três vezes: distribuindo comida aos pobres, fazendo previsões impertinentes que os poderosos não queriam ouvir e como piloto num bombardeio na Segunda Guerra.

O caso apresentado por Maria Teodora Ribeiro Guimarães, Leo, é um exemplo claro de conduta ilícita arraigada. Uma das vidas que atesta esse fato é o centurião romano Ciro, que se julgava intocável e mesmo morrendo indigente após ter sido queimado em uma emboscada não perdeu sua arrogância. Arrogância essa que remetia até Capela, quando Leo foi o astrônomo Levin e usava a profissão como fachada para seus contrabandos. Achava tudo uma bobagem, a convivência social pífia e rejeitava todos que queriam ajuda-lo – o que resultou no seu exílio planetário.

Casos assim causam uma indignação e repugnância quando lemos, mas retratam a grande maioria de nós, pois todos temos personalidades assim no nosso condomínio espiritual, apenas o que varia é o grau.

9) Morte com carga emocional forte não drenada

Essa auto-obsessão é a mais somática, pois toda a energia fica acumulada e com dificuldade de drenagem, já que não houve tempo para isso antes de morrer. A pessoa sente todas as emoções e não sabe de onde vem.

É o caso de Nadia, de Célia Resende. Ela foi um aviador que jogava bombas na Segunda Guerra e só se deu conta do estrago que causou depois que morreu e viu todas as pessoas que sofreram pelos seus atos. Para ele era tudo um jogo. Quando caiu em si precisou de um novo corpo para drenar toda a agressividade contida.

Já Helga Krelling mostra o caso Júlio, que morreu em uma disputa pré-histórica com muita raiva acumulada, caindo de um penhasco.

10) Loucura e lobotomia

Quando há o enlouquecimento, podem restar resquícios físicos dessa experiência e miasmas nos corpos sutis. Trabalho com bastante cor amarela nesses casos, usando cromoterapia mental. Uso também o floral havaiano *Stenogyne calaminthoides*, que realinha os corpos sutis.

José Antonio de Souza apresenta o caso de uma mulher que enlouquece após ser estuprada e ao ser internada passa pela lobotomia. Hoje ela tinha a sensação de ausência e de entorpecimento.

11) Afloramento de alguma situação específica que lembre morte

A pessoa vivencia algum fato na vida atual que remete a uma morte na vida passada. O

processo de auto-obsessão aciona essa vida e todo seu conteúdo.

Elaine de Lucca mostra o caso de um rapaz que tem medo de engravidar uma mulher. Esse medo vem porque em vida passada ele foi uma índia que morreu logo após o parto.

Helga Krelling exemplifica com uma mulher que morreu no passado quando estava casada e feliz. Ao ficar em estado de felicidade na vida atual tem a sensação ruim de que algo vai acontecer. O mesmo acontecia com uma mulher atendida por Judy Hall. Ela morreu ao ganhar um pônei de aniversário, quando estava no auge da felicidade.

12) Obsessores ligados na frequência a uma personalidade passada, através de juras e pactos

A obsessão espiritual pode acontecer de uma forma interessante, além da tradicionalmente conhecida. As novas pesquisas de Apometria mostram, com ajuda da Física Quântica, que um obsessor pode estar ligado a uma personalidade de passado, que é uma projeção de um dos seus corpos sutis.

Com a abertura da frequência espiritual da pessoa temos os sete corpos sutis: Físico, Duplo Etérico (sede dos chakras), Corpo Astral (emoções), Corpo Mental Inferior (cinco sentidos e intelectualidade), Corpo Mental Superior (vontade e imaginação), Corpo Búdico (banco de dados das existências) e Atman (a centelha divina).

Cada um desses corpos se desdobra em sete níveis vibracionais e cada um dos níveis se divide em sete subníveis. As personalidades de passado são projeções desses níveis.

Isso faz com que a obsessão seja contra uma personalidade de passado e não contra o eu atual. Se a frequência espiritual não for aberta, esse tipo de obsessão não será detectada para tratamento.

Como exemplo desse fenômeno temos o caso Leo, de Maria Teodora Ribeiro Guimarães, que estava ligado a um grupo de habitantes do Nada, com sua personalidade Borg. Essas entidades, que perseguiram pessoas, estavam ligadas a Borg e através dele ligadas a Leo.

Na auto-obsessão, qualquer tipo de pacto gera ligação com a outra parte. Ou seja, no pacto amoroso, as personalidades continuam juntas se amando e sabotando o amor na vida atual. No pacto mágico e de fidelidade, a personalidade continua ligada a seitas e rituais, fiel a seus antigos comparsas e roubando energia do eu atual – através das suas brechas de caráter. No pacto de sangue, a ligação continua e o que quer que tenha sido jurado ali.

Helga Krelling mostra o caso Lilian, que no passado fez pacto com seu amor índio e ele continuava acompanhando sua amada. A diferença de um simples problema de vida afetiva é que nos casos de auto-obsessão não há a menor intenção da parte da personalidade de se afastar de seu antigo amado, na visão da personalidade de passado a vida

atual tem mais é que ficar sozinha mesmo, como se o problema fosse de outra pessoa.

Finalizando a parte de auto-obsessão, pode-se dizer que em teoria todas as pessoas precisam de ajuda terapêutica, o que varia é a urgência do caso e a postura da vida atual. Todos nós podemos nos beneficiar com esse tipo de abordagem e para quem tem alguma patologia a terapia se faz mais necessária. Mas o ideal seria o entendimento de que a TVP não deve ser indicada apenas para alguns casos específicos, ela é um método de terapia válido para todos – com exceção de gestantes, cardíacos, deficientes auditivos e doenças mentais muito crônicas que comprometam a comunicação com o terapeuta.

Muitos acham que só se deve fazer TVP quando acabaram-se as hipóteses diagnósticas e o caso é de vida ou morte. Pelo contrário, a TVP poderia evitar anos de maratonas em consultórios médicos e psiquiátricos, muita medicação e até eletrochoque. Não adianta buscar na vida atual algo que pertence ao domínio do inconsciente e das sombras do nosso passado encarnatório.

Todos esses fatores de auto-obsessão mostram a importância de fazer um trabalho profundo e complexo como a Terapia de Vidas Passadas. O que a TVP faz é mostrar o que está subjacente no inconsciente, qual material está oculto ali. São as nossas personalidades de passado, nosso condomínio espiritual, e harmoniza-las é absolutamente enriquecedor.

Auto-obsessão

Caso Samanta

Samanta é pediatra, tem 29 anos e chegou ao consultório emburrada. Não era possível que aquilo estivesse acontecendo, aquela história estava virando praticamente uma lenda. Dez anos de envolvimento com Rodrigo e as coisas nunca se acertavam.

Conheceram-se na faculdade e lá mesmo já tiveram alguns episódios complicados. Ele acabou se envolvendo com outra moça, Bianca. E ela também com outro rapaz, só de raiva. Mas sempre voltavam.

Demoraram para assumir um namoro, ficaram alguns anos de caso. Engataram o namoro mais firme, depois de muitas idas e vindas, e aí o problema passou a ser a mãe de Rodrigo, Norma. Ela implicava com tudo, não aceitava Samanta. Quando as duas se conheceram o próprio corpo de Samanta já reagiu com taquicardia, suando frio. Era um reencontro programado e milenar, ela saberia depois com a terapia.

Alguns sentimentos de Samanta também eram dissonantes. Quando Rodrigo a deixava esperando – o que era comum, por serem médicos – ela sentia uma raiva descomunal e era agressiva. Teve que aprender a ser mais independente, queria ele sempre por perto e a área dele exigia muito mais dedicação e tempo que a dela.

Outro problema passou a ser o fato de Samanta ter uma mediunidade muito aflorada e perceber que Rodrigo também tinha. Ela cuidou da sua sensibilidade, apesar de demorar um pouco para buscar ajuda e trabalho espiritual. Mas ele se recusava. E como eles viviam em plantões de hospital, a carga espiritual que enfrentavam era bem pesada. Conforme ela foi desenvolvendo o contato com a espiritualidade e ele não a acompanhou, as brigas começaram a aumentar. E aumentar, aumentar, até ficarem em um nível intolerável.

Quando Samanta me procurou, eles ainda estavam se vendo esporadicamente. Depois pararam de se ver e após um ano Rodrigo se casou com outra, o que foi extremamente doloroso vivenciar.

O que irei abordar aqui é o lado de auto-obsessão envolvido na história. Samanta pediu que toda a história fosse contada para mostrar às pessoas o quanto a TVP pode ajudar, pois no decorrer do processo fomos tomando conhecimento que o plano na proposta encarnatória é que os dois ficariam juntos, mas pelo livre arbítrio e por muita magia envolvida ele acabou desviando do rumo original.

Graças à terapia Samanta pôde drenar todo o sofrimento que sentia e se conscientizar de quais padrões ela vinha seguindo, qual era a parte dela em tudo que aconteceu. Conseguiu deixar para trás a idéia fixa por ele e começar a viver a própria vida.

A TVP ajudou a harmonizar toda a parte que dizia respeito a ela, toda a guerra interna de personalidades de passado que ela estava vivenciando. Por ter muita sensibilidade mediúnica, inclusive premonitória, ela chegava a perceber as coisas antes dela acontecerem. Como sua mediunidade era muito auditiva, os contatos com o mentor eram na maioria como uma voz que ressoava em sua consciência. E no começo, quando não sabia discernir, ouvia as personalidades, os obsessores, o mentor tentando ajudar, tudo misturado.

Com o trabalho espiritual e o terapêutico, aprendeu a discernir e o que fazer com as informações, como se comportar. Mas se ela tivesse procurado a psiquiatria tradicional, com certeza estaria tomando remédios tarja preta, como acontece com muitos.

A história dessa vida também envolvia auto-sabotagem profissional, familiar, mas aqui focamos na sabotagem afetiva. Samanta tinha o que apelidamos de “síndrome de Mulher Maravilha”, ou seja, trazia para si os problemas de todos – família, amigos, profissional – e depois vivia cansada e reclamando pelos cantos. Foi aprendendo a não assumir as questões de todos, para que tivesse mais espaço para se desenvolver.

Isso é muito comum entre médiuns, especialmente no começo. Querem abraçar o mundo, ajudar a todos, atender os amigos, parentes, fazer atendimentos à distância. Louvável, claro, mas nem sempre eficiente. Todos devemos saber

que a responsabilidade pela vida é individual. O bom amigo é o que ajuda, ampara e esclarece, mas não carrega ninguém nas costas nem se sabota.

Uma característica muito marcante de Samanta é que da mesma forma que ela é muito bonita fisicamente ela também é muito seca, direta, objetiva, chega a ser ríspida às vezes. Tinha consciência que enfrentaria personalidades muito duras, que não era só a frustração com Rodrigo e a profissão que a deixavam seca daquele jeito. E queria muito mudar esse quadro – o que vem conseguindo. O próprio trabalho com crianças a ajudava a ir amolecendo mas por outro lado a incomodava, pois ela queria muito ter filhos.

Para dar a dimensão da profundidade do trabalho, fiz questão de inserir todas as 33 vidas que tratamos em relação a ele. Por ser médium muito desenvolvida – e pela sua característica de objetividade – Samanta não ficava se prendendo em detalhes, acionava exatamente os dados que precisávamos para harmonizar a vida, por isso os relatos são breves.

Fizemos um trabalho bem completo, com 25 sessões quinzenais de duas horas e pela rapidez de acesso que ela tem foi quase um recorde de vidas trabalhadas no total: 122. Foi necessário tanto por causa da característica comum a quase todas: culpa, vitimização e teimosia. E alguns complicadores, como uma encarnada lésbica enrustida que a perseguia com trabalhos mágicos e muitas magias feitas pela mãe de Rodrigo. Quando há guerra mágica com encarnados, a terapia se

alonga bastante, pois quando a magia é desfeita, ela pode ser rapidamente refeita e tanto o trabalho mediúnico quanto a terapia podem ser rastreados por magos com conhecimento avançado.

Seu mentor também é médico e se chama Luis. É bem objetivo como ela, mas foi sempre orientando e dando as diretrizes necessárias para o trabalho. Não é um mentor do tipo que “dá colo”, mas do tipo que coloca a orientada para aprender o que precisa. Um grande amigo que ela foi conhecendo melhor aos poucos.

Vamos ao trabalho:

1) Velhinho. Senhor de 60 anos. Na roça, com enxada.

A mulher o traiu com outro enquanto ele trabalhava. O outro era mais novo. Casou por acerto de dívidas, começou errado.

Mulher: eu. Amante: Rodrigo. Velhinho: pai atual.

Ele capou o cara. Briga feia. Volta antes da hora. Fico cuidando do cara na casa do marido, por amor a mim ele deixou. Ele invalidou o cara e deixa eu cuidar.

Morte: de velhice. Depois da morte fico junto com ele na cama. Quando ele morre sei que não vamos ficar juntos. Sofro muito com isso. Ritmo diferente de evolução. Eu reencarno do mesmo pai e da mesma mãe atuais.

Influência: cuidado, proteção. O amante era do mesmo jeito que ele é hoje. Mais novo,

garanhão, não fazia nada. Me desperta a insegurança.

Desperta ciúme nele. Ele é doente de ciúme, pior que eu.

Os dois reprovam o atual. Por falta de merecimento. Eu não preciso mais disso, do incerto.

Uma auto-obsessão se configura quando as nossas personalidades de passado são as nossas próprias obsessoras, discordam da nossa encarnação e nos passam energias negativas.

Essa foi a primeira vida relacionada a culpa, com uma pitada de complexo de Édipo, já que o triângulo amoroso envolvia o pai atual. Essa personalidade era contra a união com Rodrigo (e a personalidade dele também era contra) pelo trauma da castração e da traição de passado. As personalidades que veremos eram todas unânimes em rejeitar Rodrigo como marido, cada uma pelo seu motivo.

2) Primo (Rodrigo) que está sempre urubuzando. Casa com outra (mãe dele) e sempre olhou para ela, ela fantasiou. Ficou sozinha esperando ele. Ele vai estudar. E volta com família.

Ela se mata na floresta cortando pulso. Depois da morte plasmou lugar tranquilo no umbral. Eles chegaram a se envolver e quando ela se matou estava grávida. É a Julia, a filha que vai vir.

Influência: espera. Quer que eu fique passiva.

Mãe: raiva de mim. Ele tem carinho a mais.

Bianca continua esperando ele.

**Ele tinha caso com cunhada (Bianca).
Entende na hora do enterro o que aconteceu.**

Outra questão complicada atualmente: os dois já tinham duas crianças programadas para serem seus filhos. Essas crianças, assim como Samanta, tiveram que se acostumar com a idéia e aceitar encarnar ou com ela ou com ele. Já sabemos a escolha que fizeram e aos poucos a situação foi harmonizada.

Fomos observando aos poucos com as vidas passadas dois blocos se configurarem: um bloco passivo e culpado e outro raivoso. Essa vida traz a culpa pelo suicídio e a mágoa por ser trocada, o que foi reacionado quando Rodrigo se envolveu com Bianca nessa vida e com a presença da mãe de Rodrigo. Bianca também será uma personagem bem presente na história, fazendo parte dos acertos dessa encarnação.

A questão da passividade foi importante na história de Samanta, pois no intuito de esperar para ver como as coisas ficavam, ela abriu uma grande brecha para a atual esposa de Rodrigo. Ao invés de resolver as questões ela foi adiando uma conversa, adiando um posicionamento. Outra veio e ficou com o rapaz.

Luis, o mentor, muitas vezes advertiu sobre isso. De forma velada e que só foi percebida depois, pois nenhum mentor pode interferir no livre arbítrio. Mas ele sempre colocava a importância de não desistir, de parar de criar situações imaginárias – o que envolvia o autoboicote atual, com influência de todas essas 33 situações que foram sendo desligadas aos poucos.

Quando Rodrigo se casou veio outra onda de culpa para ela: *e se eu tivesse tentado mais, e se eu tivesse conversado, por que deixei até ser tarde demais*. Nesse caso o trabalho foi seguir em frente e não ficar lamentando o que não pode mais ser resolvido e buscar uma outra alternativa de felicidade. Sem a conscientização na terapia provavelmente Samanta se tornaria uma solteirona amarga, envolvida novamente pela culpa.

3) Circo. Trapezistas. Eu fico assistindo ele. A gente se relaciona e ele vai embora e eu fico esperando. Tem ciúme do destaque dele. Vê ele com outra e ele nunca soube. E aí decidi não ir com ele. O trapezista (Rodrigo) não volta.

Alguém doente na minha casa, meu pai (irmão atual). Fica muito tempo doente. Me vejo beata de igreja, quarentona, ele acamado. Sofreu um acidente com a mãe, ela morre e ele paraplégico.

Influência: amargura, frustração, ser passiva.

Ela se arrepende. Fala que ajuda a lutar. O trapezista me deixa com medo. Diz que em todas as situações estava livre. Ela foge da dor.

Nessa vida observamos o padrão de “mulher maravilha”, mas dessa vez como fuga. Ao invés de enfrentar as mulheres que também se interessavam por ele, por se tratar de uma figura em evidência, ela escolheu se anular e ficar cuidando do pai.

E essa personalidade trazia a tendência a fugir, a deixar como está e ir cuidar de outras pessoas. O perfil de “cuidadora” estava presente na vida atual e a própria profissão de médica colabora para reforça-lo.

Com a conscientização da terapia Samanta chegou inclusive a alçar vôo e ir morar sozinha, deixando a simbiose que vivia com pais e irmãos. Encontrar seu canto foi extremamente gratificante, um espaço apenas para si.

4) Índia. Vive em aldeia. É tipo uma líder, como eu hoje. A aldeia dela pega fogo. Ela se sente responsável. Ela vê de longe tudo pegar fogo, mistura de ódio e medo. Homem branco, é vingança dele. Tem elo afetivo. Era dia do meu casamento com um índio. Ela gostava do branco mas seguiu a tradição, por respeito a chefe.

Ele foi egoísta, não pensou. Muita gente morreu. Ela não volta lá, de medo. Vergonha, culpa. Depois ela volta e reconstrói a aldeia, vira chefe.

Homem branco: Rodrigo. Índio: avô.

Influência: quando conheci ele tinha raiva, ele era agressivo com os calouros.

Ela era Xamã, fazia contato com ancestral. Em algum momento sofreu golpe na cabeça, desmaiou. Quando conheceu ele. Foi usada para acesso a conhecimento e ele se apaixonou. Uma cobaia. Parece que me usaram para pegar uma planta por dinheiro.

Um relacionamento inter-racial que termina em tragédia. Mais uma vez culpa e fuga. Essa índia achava que foi irresponsável por se entregar à paixão e se culpava pela morte coletiva. Todos os membros da aldeia foram encaminhados, pois ainda a acompanhavam, reforçando a culpa.

Essa vida passava para Samanta uma postura fechada e altiva, sempre buscando se isolar e se penitenciar. Conforme foi se conscientizando desse padrão foi aos poucos se libertando de situações penosas que ela mesma se impunha: ritmo exagerado de trabalho (mediúnico e profissional), amizades que a puxavam para baixo, tentar ficar sempre resolvendo os conflitos dos outros.

5) Escola, pátio. Menino. Emburradinho no canto. Assiste a outro jogando. Tem dor de cotovelo.

Sou menino, irmão dele. Ele é o centro das atenções. Mãe dele atual é dos dois. Rodrigo é o menino. Me apaixono por alguém que se

apaixona por ele. Ele nunca soube. Gosta de mim. No fim sustentei o ciúme.

Influência: ele é o melhor. Tudo dele é mais importante.

Essa vida de irmão trazia uma disputa que contaminava ambos no relacionamento. Como se eles estivessem sempre disputando quem é melhor, quem tem razão, quem é mais desenvolvido, tem mais títulos, mais posses etc.

Normalmente quando há essa energia de disputa entre um casal há vidas passadas com papéis trocados e em desalinho, como iremos acompanhar no caso de Pamela, em vida afetiva. Isso também repercute em auto-obsessão, pois a rivalidade faz com que a personalidade de passado não queira se unir como casal hoje. Além da inversão de sexo e de papel presente no caso, de irmãos para namorados.

6) Menina na rua de bicicleta.

Tipo um escritório. Algo de espionagem. Sou investigadora. O grande chefe é homem. Investigamos casais. Somos detetives particulares.

Eu descubro algo pessoal no meio de um trabalho. Pego meu marido com outra no restaurante. Eu acabo com ele, discussão.

Ele: Rodrigo. Separamos mas gostamos um do outro. Orgulho. Ela não é uma pessoa importante, foi safadeza. Ela entrou de gaiato. Mágoa. Mesma coisa da Bianca.

Aprendizado: orgulho.

Ele finge que não vê. Medo da surpresa.

Essa personalidade colaborava muito para o ciúme e a desconfiança mútua entre os dois. E não aceitava que Samanta casasse de novo com ele, acreditava que seria um fracasso novamente.

Uma falta de confiança de muitos anos, o que chamamos de postulado de caráter em TVP – as idéias fixas e crenças que carregamos conosco milênios afora. Isso vem para o presente na forma “eu não posso confiar nele, ele vai me trair”.

7) Eu sendo chicoteada pela Norma. É minha dona. Sou mulher.

Ciúmes. É apaixonada por um abolicionista e ele por mim. Rodrigo.

Eu morro de apanhar. Desencarno e ainda sinto as dores.

Eles casam. Ele é obcecado pela abolição. Ela não é realizada por causa da ausência. E tem muitos pesadelos, sou eu. Eu a deixei louca.

Mais uma vez a disputa envolvendo a sogra atual e a passividade de Rodrigo, que apesar de abolicionista não impediu a morte da escrava. E essa personalidade ainda inclui a obsessão pós-morte pela sogra – por isso a energia foi tão forte quando as duas se reencontraram atualmente e a disputa imediata.

8) Ele é senhor e gosta de mim. Me faz sofrer de raiva. Por não ter retorno. Como alguém que não podia ser contrariado. Vejo ele me batendo.

Sentimentos: me vem uma cena dele hoje, crise de ciúmes, quase me bateu.

Ele me cobra e ameaça me esquartejar.

Influência: eu provoco ele a me bater. É sexual.

Ela não cedia. Fala que não era de um homem só. Tinha outros homens. Entende e não quer parar. Já me causou muito problema uterino. Energia muito pesada.

Essa vida era contra Rodrigo e contra os homens de forma geral. Personalidades revoltadas assim costumam mesmo causar problemas ginecológicos.

É muito discutido hoje em dia o papel do homem e da mulher, pois após a entrada das mulheres no mercado de trabalho e todas as conquistas da mulher os papéis ficaram um pouco confusos. Hoje muitos homens cuidam da casa enquanto as mulheres trabalham, ou os casais dividem as tarefas igualmente.

Como Samanta e Rodrigo fizeram a mesma faculdade e tinham a mesma profissão, essa energia de dominação separava os dois, pois teoricamente nessa vida os direitos eram absolutamente iguais.

9) Eu era pediatra e fazia abortos por dinheiro. E porque não podia perder meu cargo.

O Rodrigo era o coordenador, me sentia subestimada.

Essa vida trazia muito peso cármico em relação a crianças, tanto que Samanta veio como pediatra. Mais uma vez dominação e culpa.

Muitas crianças abortadas e mutiladas acompanhavam os dois causando obsessão, mas o que tinha de mais forte era a culpa da personalidade por ter se submetido a todos aqueles horrores. Para a personalidade, hoje que não havia a necessidade do dinheiro, que Samanta era independente, era inconcebível conviver com o cúmplice de assassinato aos bebês.

10) Luta de espadachins.

Irmãos, lutaram por uma mulher.

Rodrigo. O irmão é a Norma.

Influência de disputa.

Disputa de irmãos. Ela é um amor de infância.

Influência: ódio dele. Ele matou com vontade.

Ele se mata depois. Ela presencia o final do duelo e xinga ele.

Na proposta encarnatória atual era para ser um reencontro mais harmônico com dívidas de muitas vidas. Ele devia ter me aproximado dela e me afastou. Eu tremia quando a via.

Já no passado as duas disputaram por Rodrigo e muitas disputas afetivas, de mulher para

mulher. O que era para ser um reajuste veio em forma de mais disputa, com Norma tentando impedir a todo custo que os dois se casassem.

Foi sendo verificado tanto na terapia quanto em trabalhos mediúnicos, por vários médiuns diferentes, que Norma faz uma série de trabalhos de magia de forma contínua para separar os dois e que apoiou a união de Rodrigo com a atual esposa.

O trabalho que fiz com Samanta foi o de drenar a energia de raiva e trabalhar o perdão com Norma, mesmo que fosse ali desdobrada no consultório, já que não foi possível ao vivo. Dessa forma ela pelo menos fez a sua parte para acabar com o conflito.

11) Bote de madeira. Rapaz desfalecido. Chovendo, escuro. Saindo do afogamento. Ele perdeu alguém. Se sente impotente.

Família, dia ensolarado, rio, roupa de época. Passeio familiar. Ela quer voltar, ele enrola e aí começa a tempestade. Perde a criança e ela. Ele se sente culpado.

Esposa: Rodrigo.

Tem sogra no meio. Ele é imaturo. Vida simples e ela era rica. Mãe dela (ex-sogra) não gostava de mim, eu era pescador. Eles casaram por amor.

Influência: diferença financeira. A sogra tinha mexido no barco para eu morrer. Ela chora, chama a filha. Enlouqueceu.

Hoje ela me odeia. Está envolta em preto.

Traz sensação de perda, importância de valorizar a família, culpa.

Nessa vida, para se livrar de Samanta, Norma matou a própria filha (Rodrigo) sem querer. O ódio fez com que o erro se repetisse – dessa vez felizmente não chegando à morte física.

Em casos assim é necessário trabalhar muito com a drenagem física. Eu uso cromoterapia mental, especialmente rosa e violeta. Como é um ódio milenar, não é da noite para o dia que ele vai ser resolvido, por isso é comum que casos assim tomem muitas sessões e sempre com a necessidade absoluta do paciente fazer a sua parte.

12) Criança com problemas respiratórios. Dia frio, olhando para a água. Ela foi nadar e morreu de pneumonia. Aquilo era uma prova para ela. Queria provar para o pai. Era menina. Aldeia machista. Ela queria participar. E o pai queria homem.

Ela não sabia nadar. Quando ela morre o pai carrega a culpa. Rodrigo.

Muita culpa e mútua.

Mais uma vez conflito de sexos e papel trocado entre os dois. Isso costuma ser muito confuso, pois o casal sente vibrações de pai, irmão, filha, amigo etc. Sempre brinco (mas uma brincadeira com muito fundo de verdade) que todo casal deveria fazer TVP antes de se envolver mais,

assim que começasse o namoro, pois já resolveriam muitas brigas desnecessárias.

13) Em época de reis e rainhas eu era algo grande. Ele era serviçal. Eu sou muito ruim e ele gosta muito de mim. Tem essa diferença de poderes. Disputa de poder. E hoje a gente manda um no outro. Eu tinha que ter aceitado que era mulher e ele me aceitado. Ela hoje quer disputar. Quer igualdade de sexos, sem distinção. Incomoda no dia-a-dia. Sou auto-suficiente. E isso assusta. Atrai e assusta ele.

Mais uma disputa e nesse caso a personalidade exigindo subserviência. Essa vida mostra um grande problema que muitas mulheres enfrentam hoje: se desenvolveram tanto em todas as áreas que acabaram lindas, poderosas, independentes, ricas – e sozinhas. Tanto poder pode ter assustado alguns homens.

A questão do poder é muito importante de ser trabalhada, pois é importante que a pessoa desenvolva seu poder pessoal, mas sempre num nível em que domine esse poder para que ele lhe seja benéfico e não lhe traga qualquer tipo de consequência ruim. Ou seja, quanto maior o poder, maior a responsabilidade de utiliza-lo de forma benéfica.

Em muitas vidas abusamos do poder de diversas formas e é importante que o terapeuta sinalize para seu paciente esse fato, para que uma energia poderosa que venha de passado seja

transmutada e harmonizada e não chegue ao presente de forma avassaladora.

14) Criança num jardim, mãe pega pela mão. Troca de carinho.

Ele faz alguma coisa e a casa pega fogo. Ele assiste tudo e isso marca ele.

Influência: a criança vai trazer a dor. Como se eu tivesse trabalhado mais pela pessoa. É o medo de me machucar.

O menino volta no lugar, relembra, carrega a dor.

Rodrigo atual: medo de me magoar.

Essa crença tornou-se uma profecia auto-realizadora: “a criança vai trazer a dor”. Trouxe tanto o medo de ficarem juntos e terem filhos, quanto o medo da própria criança, Rodrigo no passado, trazer a dor.

O inconsciente dos dois trazia uma série de personalidades com desgraças incrustadas, acreditando que não era possível ficarem juntos sem dor. Como apenas ela trabalhou essa carga, infelizmente Rodrigo se afastou.

15) Freira. Professora, com palmatória. Ruim.

É simplinha na educação. Mas amargurada. Frustração amorosa. Adolescente, pega casal no confessionário e era um rapaz que ela gostava com uma amiga (Rodrigo). Ela desconta o ciúme dos filhos deles nas crianças.

Influência: meu lado bravo.

Temos nesta vida a amargura e rispidez que eu havia comentado serem traços característicos da personalidade de Samanta.

Apareceram duas freiras nessa sequência de autoboiote. Essa primeira traz a vingança, já que não podia ficar com ele maltratava os filhos.

Outro vício de Samanta que trabalhamos muito na terapia, que fazia parte dos comportamentos que ela teve e que a prejudicaram na relação com Rodrigo, foi o hábito de fazer pequenas vinganças. Aquelas pequenas briguinhas cotidianas, onde por algum motivo ao se sentir desafiada ou desvalorizada ela revidava com ironia, desdém, expressando a raiva contida.

Conforme foi se doutrinando para não fazer isso nem com Rodrigo nem com as demais pessoas, esse comportamento foi se extinguindo e as relações ficando mais afetuosas e profundas.

16) Altar.

Alguém abandonado. Casamento.

Ele é abandonado. Vou até a porta.

Fico sabendo na porta. Uma ameaça para ele. Ele nunca ficou sabendo e eu sempre gostei dele. Uma criança me entrega um bilhete. Tem uma mulher bem pobre.

Chantagem emocional. Ele precisava casar com alguém rica para sustentar ela. É a mãe. Não é presente. E era jogo de uma outra mulher que queria ele.

Eu acreditei nela. Tenho algo de prostituição. Ia revelar meu passado. E eu nunca contei. Reação dele: não casaria.

Perda familiar, era para sobreviver.

Ela sofre.

Pois é, dessa vez o noivo que foi abandonado e não a noiva. Por mal entendido e por chantagem. Mais uma vez o passado explicando os conflitos do presente e Norma envolvida.

Durante todos os conflitos com Norma, Samanta não falava abertamente a Rodrigo o que estava acontecendo. Isso a prejudicou bastante e essa era uma das vidas que influenciava que se mantivesse segredo.

17) Subpersonalidade com Rodrigo, na frente dele protegendo com mil tentáculos. É teimosa, mas se confessa cansada. E ele grudento.

Essa subpersonalidade sabotava em dois sentidos. Primeiro, como ela protegia Rodrigo no astral, Samanta ficava muito cansada no dia-a-dia. E segundo, por haver essa superproteção, ele não aprendia pela dor a buscar seu próprio caminho.

Conforme parou com essa dissociação, conscientizando-se dela, Samanta se reenergizou e ficou mais pronta para enfrentar os próprios fantasmas e deixar os dos outros a cargo de cada um.

18) Guerra de magos. Um mais evoluído no mal tenta puxar os outros. Rodrigo é o mais evoluído. Ritual com dança e sangue. É noite, descampado, cantam de mãos dadas. Pessoas bem sérias.

Pacto de segredo. Eram amarrações de amor para decidir casamentos de poderosos. Prendia dinheiro e energia. Rodrigo se apaixonou e eu trago o rancor. Não me despreendi daquela vida.

Autoboicote.

Sempre que há magia e pactos assim é necessário desfazer tudo que está preso, doutrinar todo o grupo e desfazer os rituais. Isso costuma liberar muita energia e o resultado pós-sessão é de libertação, mas primeiro muita drenagem.

Aproximadamente a partir dessa sessão eles pararam de se encontrar atualmente. Os laços finais estavam sendo rompidos, os laços mágicos que mantinham um tipo de amor simbiótico e obsessivo. Samanta foi se abrindo mais para outras pessoas, outras perspectivas.

19) Eu já boicotei ele. Vida de médico. Tomei o lugar dele, luta por posição de poder. Dois homens, nariz empinado.

Influência: me acha burra. É machão. Eu sempre fui na média. Ele me abafa, interfere nos meus chefes.

Hoje os dois trabalham no mesmo local, em horários diferentes. Mas nessa época Samanta sempre quis trabalhar nesse local e não conseguia. Quando desfizemos esse laço de disputa profissional, ela foi convidada para fazer parte.

Como não foi possível que os dois ficassem juntos, trabalhamos para manter a relação o mais harmônica possível.

**20) Mulher com deformidade no rosto.
Não aceita a luz.**

Foi queimada com água fervendo.

Pego o Rodrigo me traindo com ela e eu a queimo (Bianca).

Eles invertem tudo e eu trago a culpa.

Mais uma vez vingança e mais uma vez Bianca. Samanta mal podia imaginar como o elo entre os três era profundo.

Além da culpa, essa personalidade trazia questões com auto-estima, por ter ficado deformada.

21) Prostituta. Precisa atrapalhar. Foi paga. Pela minha personalidade de prostituta. Nada feliz porque encaminhei a minha cigana para estudar. Eu sou a parte que não gostou.

Objetivo: sexo. Afastou ele. O assustava na cama.

Pôs aparelho no cérebro dele. Aparelho no útero. Aparelho no Cleber, primeiro namorado.

Aqui temos uma questão interessante: uma obsessora atuando a mando da própria personalidade de passado. Isso é comum e no caso essa prostituta de passado não queria uma relação monogâmica.

Sobre os aparelhos parasitas, eles costumam ser colocados por obsessores para realizar obsessão à distância, ou para bloquear as energias em determinada parte do corpo. Essa dupla de prostitutas já estava atuando no namoro anterior de Samanta, para que nenhuma relação dela fosse para a frente.

22) Cadáver e pessoa velando por ele. Não aceitação da morte. Eu e ele. Eu morta, ele velando. Matou por medo de traição.

Influência: culpa. Eu fiquei lá tentando convencer que não fiz nada.

Traição e culpa foram temas muito recorrentes entre eles. Nessa vida passada Rodrigo já devia sentir as mesmas influências que sentia hoje, de não confiar nela e nem saber por quê.

Sabemos que muitos crimes são cometidos por obsessões e no setor de auto-obsessão vemos muitas brigas, desentendimentos, aquele famoso término de namoro que ninguém entende o que houve, o casal se dava tão bem e do nada separou. Isso costuma ter mais ainda a ver com auto-obsessão do que com obsessão.

23) Libertinagem. Estou dançando cancan. Atrás do palco há um anão. Meu grande amigo. Mas me amava. Na hora da morte ele se declara.

Dificuldade de aceitação. É o Rodrigo.

Era usuário de drogas.

Influência: dificultando minha vida com ele. Ele tem dificuldade de se aceitar, isso traz isolamento, autodefesa, agressividade e dependência.

Personalidade: arrependimento, culpa. Acha que enganou ele. Dúvida.

A dançarina que usava o anão para ter seus interesses garantidos. E hoje um casal em pé de igualdade, mas que vibracionalmente carregava culpa, mágoa, agressividade.

24) Comendo salgadinho. Criança. Engasga e vomita. Moleque.

Uniforme social. Esperando ônibus da escola. Morre asfixiado. Acamado. Demora para morrer. Pais demoram para buscar. Culpa.

Pais: eu e Rodrigo. Criança: sobrinha atual dele. Veio para ajuda-lo a valorizar a família. Ele precisava do aprendizado. Dificuldade de amar a família.

Influência: ser brigada com o mundo, mau humor.

Essa mãe deu bastante trabalho porque não aceitava ter perdido a criança tão pequena. Como o

casal estava se encaminhando para casamento e filhos, esses temas vieram colaborar com a culpa que traziam de milênios.

25) Bar. Coloco coisa na bebida. Era garçonete. Fiz a mando do Rodrigo. Era a Bianca. Eu gosto dele e ele usa isso. Ele é foragido e ela é da lei. Não sabia que foi ele. Se vingou de mim pela Bianca. E mantém a sintonia comigo até hoje.

Influência: triângulo. Com Rodrigo.

Sub com necessidade de sofrimento em cima. Teimosa. Só cede quando fala de filhos.

É comum que subpersonalidades trabalhem associadas com personalidades múltiplas também. No caso a necessidade de sofrimento reforçava a culpa e a traição com Bianca praticamente continuava no astral através de todas essas histórias juntos.

26) Punhalada pelas costas. Muitas. Festa cheia de gente. Camisa bem preta. Briga de família. Tira as terras dele. Com a família presenciando. E os perde.

A família do outro presencia a morte. Eu que dei a facada. Rodrigo levou.

Fico amigo da mulher dele. E acabo com ela.

Influência: ódio por ele da personalidade. Agressividade. Má impressão dele. Insensível.

Essa briga era mais econômica, mas o ódio era desproporcional à situação. O ódio era a retomada de tantas vidas em desalinho.

Muitas pessoas ao procurar a TVP pensam que podem encontrar a sua alma gêmea. Aquela pessoa perfeita que irá nos completar, ser a nossa “cara metade”.

O que percebemos no trabalho e na investigação teórica é que existem várias almas com as quais já nos relacionamos, então teoricamente temos várias almas gêmeas. Mas mesmo pessoas por quem desenvolvemos profundo amor nessa vida dificilmente já não terão tido algum problema no passado conosco. É quase unânime, mesmo entre casais felizes, encontrar vidas de disputa e morte.

Isso acontece porque precisamos nos harmonizar. Em um planeta no estágio da Terra nossa história é muito sombria, agora que bem aos poucos a caminhada evolutiva está sendo mais retomada de forma geral – pelos que a buscam.

Logo, esperar encontrar uma alma gêmea é algo que serve mais para vender livros *best seller* do que uma realidade cósmica. Todos temos almas gêmeas, ocupando vários papéis (mãe, pai, irmão, filho, esposos), mas essas relações não estão isentas de problemas no passado, mesmo que sejam harmônicas hoje.

27) Norma mata um filho meu para pegar o coração e fazer macumba. E eu assisto

amarrada. E ela come. A criança é a sobrinha do Rodrigo.

Ela sente como se eu fosse culpada pelo filho dela ter morrido. Foi fome, doença, falta de assessoria.

O Rodrigo era pai da criança. Era marido dela, abandonou e veio ficar comigo. Elas passaram apuros. Eu não sabia dela, eles moravam fora.

Depois fico cuidando dos dois, loucos, acamados. Trabalho feito uma louca. Aceitei de bondade, dó, compaixão. Entendo a loucura pela morte do filho.

Influência: ódio dela, meu medo. Vergonha dele.

Se voltar vem pra valer.

Mais uma vez a vingança de Norma chegou a requintes sangrentos e Samanta foi a cuidadora, papel que ainda permanece hoje.

28) Criança num jardim. Algo preso no buraco. Algo que ele esconde para não ter problema. Pai engasga e morre, associa com ratinhos. Quer afastar os ratinhos e matar.

Quando cresce se apaixona por alguém e prende a pessoa. A família pensa que ela morreu. Ele alimenta, mas ela definha. Eu sou ela. Prometeu nunca gostar dele.

Ele: Rodrigo.

Influência: medo dele. Ele tem que estar muito diferente.

Muitas pessoas pensam que carma é algo que temos que pagar, algo negativo. Que tal pessoa é meu carma e tenho que me resgatar até o final com ela.

Nem sempre é assim, muitas vezes usamos o carma de forma cômoda, para não ter que nos aprofundar nos nossos demônios internos.

Rodrigo volta novamente enlouquecido nessa vida e a carga é o medo. Vidas seguidas de loucura normalmente acontecem quando há o uso de magia indevida, como já verificamos.

29) Freira. Personalidade forte, lida com crianças. Teve um amor, Rodrigo. Vê ele casar na Igreja dela. Fica se penitenciando, na culpa.

Opinião: tenho que ser como ela.

Pendências: religião e amor.

Tenta me convencer a ser católica.

Aprendeu que ajudou os outros e foi infeliz.

Essa freira, além da amargura, ainda trazia a questão religiosa. Insistia que mediunidade era um absurdo e que Samanta deveria ser católica. Como é comum no atendimento à personalidades de passado católicas, ela não acreditava que estivesse reencarnada em Samanta, acreditava que estava dormindo e esperando o dia do Juízo Final. E ainda trazia o conflito em relação a ajudar os outros, o sacrifício que Samanta apresentava.

Outra questão que acontecia no presente e que encontrou raízes nessa vida foi a dificuldade

em ganhar dinheiro. Quando tudo na vida de Samanta estava se harmonizando as coisas ficavam bloqueadas. Todos sintomas comuns a personalidades católicas, pois há os votos de castidade e pobreza. O sono esperando pelo Juízo Final também costuma trazer sintomas como cansaço e apatia.

30) Mago do Rodrigo. Enfurecido. Ambição de vencer, mandar. Nasceu para isso. Discípulo de Hitler. Quer ser ariano.

Me traiu. Mexia com câmara de gás. E no fim acabou lá. História de amor. Eu era judia e ele soldado. Mesmo apaixonado honrou a pátria. Claustrofobia.

Temos nesse caso uma associação entre a personalidade de nazista dele e o mago no astral, que queria o máximo de matança.

Mesmo amando Samanta a mandou para a câmara de gás. Não é à toa que a desconfiança entre eles era tão alta, pois a última vida costuma deixar marcas mais fortes em todos nós.

31) Dificuldade de aceitação. Ainda chora. Ele me chamando.

Decepção espiritual. Ego.

Eu mãe dele, ele criança. Mãe chata, super zelosa. Se culpa de tudo.

Influência: sinto culpa por não ter dado certo. Eu não deixava ele ter escolhas. Hoje me

fere não poder escolher. Eu não explicava, impunha.

Hoje não contava que era a mãe que fazia magia. Escondo o bandido e fico triste por não acreditarem em mim.

Uma mãe superprotetora, corroborando a “síndrome de Mulher Maravilha”. A culpa faz com que hoje ela não atinja abertamente a mãe dele. Algo do tipo *já que não fui uma boa mãe, pelo menos deixo ela cumprir o papel dela.*

32) Estou internada, amarrada. Sedada. E vejo coisas dos médicos. E entrego. E eles me sedam mais ainda. Rodrigo médico e esposa enfermeira. Me odeiam.

Já era um triângulo amoroso na época. Eu era vista como rival por ela.

Irradiam energia muito ruim.

Obcecados por me destruir.

Essa foi a única vida em que a atual esposa de Rodrigo apareceu separando os dois. A rivalidade já vinha de passado.

Mas como se tratou de uma escolha dele, por mais doloroso que fosse Samanta não teve opção a não ser deixa-lo ir.

33) Proposta encarnatória: nós dois, sentimento bom, mesa de madeira. Promessa de amor mútuo. Filhos.

Meu papel: aprender a ama-lo. Papel dele: trazer os filhos.

Saiu tudo errado e ele tá tendo que aprender. Demorei a entender a mediunidade. E ele tá sendo bombardeado.

Eu não tenho como ficar, senão afundo junto. A gente tá sem opção.

Enquanto ele afunda estou aprendendo outras coisas, como controle. Preciso deixar as coisas fluirem. Esperar.

Infelizmente a escolha final dele foi realmente separar, apesar de muita torcida contra. E a ela restou esperar e formular outras hipóteses.

A proposta encarnatória é plástica, pois sempre depende de escolhas de ambas as partes. Como ele escolheu outra pessoa, tudo foi remanejado e Samanta hoje está vivendo a própria vida. Atualmente está literalmente esperando, pois o seu parceiro até o presente momento ainda não apareceu. Mas virá na hora certa.

O importante é que ela foi trabalhando seu autoboicote e essa questão do controle: das emoções, das atitudes, de não agir no impulso.

Hoje está outra, mais harmônica, se dedicando ao trabalho e às crianças que tanto ama, atuante de forma mais positiva em sua família e mais feliz, apesar de sentir muito a ausência dele. Como aconteceu com Pamela, caso que veremos em vida afetiva, em breve ela encontrará a sua outra alma gêmea.

Que esse capítulo fique de lição para que as pessoas não percam tempo persistindo nos mesmos erros de passado. Se a sua vida tem muitas situações sem explicação, procure ajuda. Se o seu relacionamento é um caos, com brigas sem motivo, busque ajuda para separar ou para continuar bem. A TVP pode ajudar muito a entender os porquês e a harmonizar as questões pendentes, para que um novo futuro seja construído.

Meu lema sempre foi: mude suas vidas!

Enxaqueca

*Atena era filha de Zeus e de sua primeira esposa,
a astuciosa oceânide Métis e se tornou a filha
favorita do pai. Quando Métis estava grávida,
Zeus a engoliu, a conselho de Gaia, pois o filho
seguinte poderia nascer mais forte que ele. Depois
de um certo tempo, Zeus foi atacado por uma
terrível
dor de cabeça e, para mitigá-la, pediu a Hefesto
que lhe fendesse a cabeça com o machado.
Filho obediente, Hefesto não vacilou e logo depois
do golpe Atena emergiu já crescida,
completamente
armada e lançando terrível grito de guerra.*

W.A.A. Ribeiro, O Nascimento de Atena

Revisão Bibliográfica

Quando o assunto é enxaqueca, as pessoas procuram a TVP até desesperançadas. A dor de cabeça infere a companhia muitas vezes há vários anos, resistentes a remédios e qualquer tipo de intervenção.

A intenção do tratamento é a mesma do mito: que a terapia seja o martelo de Hefestos e tire lá de dentro a sabedoria de Palas Atena. É como se a dor fosse apenas uma sirene, mostrando que existem questões urgentes a serem trabalhadas. A dor está lá apenas para chamar atenção.

Vou elencar aqui os quatro padrões comuns que causam a enxaqueca na visão dos autores da TVP:

1) Ferimento de morte no local

O ferimento normalmente costuma envolver dois grupos de personalidades.

Um primeiro grupo envolve vidas onde apenas houve a ferida na cabeça no momento da morte e a alma não teve tempo de expurgar o que aconteceu, configurando-se como um trauma.

É o que nos apresenta Brian Weiss no caso Jack, que sofreu uma paulada na cabeça no Velho Oeste e teve um chifre de animal perfurando o crânio em outra existência mais antiga. Também, do mesmo autor, o caso Carole mostra uma

situação onde a morte foi por espancamento atingindo a região da cabeça.

A forma de ferimento varia. Pode ser uma lança, como no caso Trícia de Brian Weiss. Ou também uma mordida de leão no Coliseu, como coloca Eliezer Mendes.

O segundo grupo apresenta vidas onde houve a ferida na cabeça, mas o que interessa para ser trabalhado em terapia é o contexto geral daquela existência passada e seus respectivos valores, comportamentos e tendências que necessitam de urgente reformulação.

Temos nessa situação o caso Diva, de Célia Resende, onde a enxaqueca remetia à situações de frustração, como ocorrera na vida passada quando foi morta pelo pai a caminho de realizar seu sonho de sair de casa. É o caso de Becky também, contado por Edith Fiore, onde a enxaqueca esconde uma morte por estupro que causava anorgasmia.

Pode estar aliado a perseguição de obsessores, além da pancada na cabeça e da importância do contexto. É o que mostra Elaine de Lucca, com um general que morreu caindo do seu cavalo e que continuava sendo perseguido pelas suas atrocidades.

O ferimento também pode ter ocorrido na vida atual e se transformar em uma subpersonalidade. É o que mostra Mauro Kwitko no caso E.N., onde ela apanhava do pai quando pequena.

Muitas mortes mostram que a pessoa estava fazendo a coisa certa, mas foi impedida por algum

ataque, como é mostrado no caso de Pat Rowe Corrington. A paciente foi assassinada em vida passada por tentar condenar um estuprador. Ou a morte é acidental e anônima, como o egípcio de Raymond Moody, morto com uma clava.

Em outros casos, o que interessa é drenar as emoções associadas à pancada. O caso de Roger Woolger mostra um espancamento cometido pelo próprio pai da vida passada do paciente, o que deixa de herança muitos sentimentos confusos.

2) Obsessor com ferimento no local

A obsessão pode ser por pessoas que foram feridas na cabeça em alguma disputa.

Também pode ser uma obsessão por amor, que como já foi dito é a pessoa que continua nos acompanhando porque está apegada a nós. Pode ser qualquer tipo de relação afetiva. No caso colocado por Elaine de Lucca, é um pai que continua velando por seu filho. Mal ele sabe que está se prejudicando e ao filho ao invés de ajudar.

É possível também que seja uma vingança pessoal. Elaine de Lucca apresenta um caso onde o pretendente foi rejeitado pela moça voluntariosa e se matou. Esse tipo de proximidade espiritual gera sintomas, pois hoje ele estava desencarnado e ela era a paciente.

3) Manipulação de ectoplasma por obsessores

Esse fator acontece com pessoas que têm a síndrome da mediunidade reprimida, ou seja, são médiuns e não trabalham essa sensibilidade. Além da enxaqueca, é comum que essas pessoas apresentem sintomas como: dores de estômago, arrepios, irritação sem motivo, dor na nuca, insônia, sensação de vazio e nostalgia, náuseas, mudança de comportamento repentino, para citar os sintomas principais.

Trabalhar a mediunidade não significa ser espírita ou umbandista. Significa cuidar da sua espiritualidade de alguma forma, qualquer que seja a forma. Na religião e filosofia que lhe for mais conveniente.

O médium produz uma quantidade em excesso de ectoplasma, que é o nosso fluido animal. Se a pessoa não dá nenhuma finalidade a essa energia, ela fica disponível para ser vampirizada ou aproveitada por espíritos menos evoluídos e pelos nossos perseguidores de passado.

É o que estava acontecendo com Leo, o já clássico caso de Maria Teodora Ribeiro Guimarães. Os obsessores do tempo em que ele foi mago negro na Atlântida aproveitavam sua energia para o perseguir.

Mauro Kwitko mostra no caso J.B. a junção da mediunidade reprimida com uma vida no período nazista, que obviamente trazia toda uma gama de prejuízos e perseguições astrais. Apesar de ser um período histórico recente, temos muitos ex-

nazistas e ex-judeus reencarnados e é comum que os grupos se reencontrem – fisicamente ou não – para resolver as pendências e ódios de passado.

4) Parto com fórceps traumático

O fórceps pode ajudar a trazer à tona eventos traumáticos de vidas passadas, pela retirada abrupta do bebê do útero materno.

No caso relatado por Morris Netherton, Harrison Clark tinha uma série de existências indígenas com mortes ligadas à cabeça: tiro, pedra e tira de couro amarrada. O parto reativou essas lembranças.

Portanto, em casos de enxaqueca, é necessário sempre um mapeamento com o objetivo de dar voz ao sintoma e deixa-lo trazer a sua mensagem. Seja ela qual for.

Enxaqueca

Caso Clarice

Clarice tem 40 anos, trabalha como funcionária de uma multinacional na área de projetos. Seu trabalho envolve muita criatividade, dinamismo e viagens quinzenais de avião. Quando a recebi ela disse que adorava o que fazia, mas era atormentada por uma enxaqueca resistente, que se fazia presente desde a adolescência.

A enxaqueca piorava em situações onde se sentia acuada ou estava sob pressão. Ficar presa em algum lugar onde não podia sair também era extenuante, por isso as viagens quinzenais a incomodavam muito. Mas faziam parte do seu trabalho e ela tinha que se habituar.

Por trabalhar em uma empresa grande, também enfrentava o problema da inveja, fofoca, maledicência, muito comuns em ambientes assim. Havia também a idade, pois como era funcionária da casa há 15 anos, tinha sempre que mostrar produtividade para não ser demitida.

Era casada há 20 anos com Patricio, com quem tinha uma relação estável. Talvez fosse estável até demais às vezes, justificativa que inclusive ela utilizou para traí-lo por três vezes. Mas a traição foi uma busca de algo que nem ela mesma sabia exatamente do que se tratava e o resultado foi perceber que realmente o amava.

Era mãe de uma linda menina, Cintia. E perdeu um bebê com poucos dias de vida, Murilo,

que nasceu com má formação. Essa perda foi muito difícil, naturalmente.

Na vida familiar, um pouco de conflito com a mãe e muito ciúme por parte da irmã, Bianca. As duas tentavam ter uma relação saudável, mas a inveja de Bianca dificultava muito as coisas.

O tratamento de Clarice durou seis sessões, pois o foco específico era a enxaqueca. Ela já tinha feito alguns anos de terapia tradicional e suas emoções já estavam bem estabilizadas.

Em casos assim, com uma queixa específica, a TVP costuma ser mais rápida ainda, pois são buscadas apenas as encarnações que geram o sintoma e quais lições ainda não foram aprendidas.

Acompanhemos Clarice em seu acesso ao passado:

Primeira situação: Boca como se estivesse mamando. O bebê, Murilo, ainda estava aninhado no útero. Ele veio com a falha por amor, precisava despertar questões na mãe. São grandes amigos.

Esse tipo de situação é comum em TVP, o tratamento começa com questões pendentes da vida atual. Também é comum que crianças abortadas ou natimortas continuem com sua respectiva mãe, por laços simbióticos criados no difícil momento de perda.

No caso, foi libertador para Clarice perceber que seu bebê tinha vindo já com a missão de ajudá-la. Ela carregava consigo a culpa, o medo de ter

feito algo errado durante a gestação que o tivesse prejudicado e a insegurança de não saber como estava o seu bebê no astral.

A despedida dos dois foi muito emocionante, com muito choro e profundamente purificadora.

Segunda situação: aparelho no alto da cabeça, obsessores que eu matei.

Esse aparelho foi detectado como uma primeira causa para as enxaquecas recorrentes.

É comum que inimizadas do passado coloquem aparelhos parasitas* nas suas vítimas. Ao invés do obsessor precisar ficar ao lado da pessoa cuidando pessoalmente para que lhe aconteça mal, ele coloca um aparelho nos seus corpos sutis. A própria energia negativa que a pessoa vibra alimenta esse aparelho e causa dor no corpo físico.

Como o aparelho era na cabeça, contribuía muito para as fortes dores. Esse tipo de dor não necessariamente cede com remédios, nem com tratamentos energéticos. É necessário detectar o

* Aparelho Parasita é um dispositivo de limitação espiritual que vampiriza as energias da vítima. Podem ter as mais diversas formas, de acordo com o molde astral e o uso conferido. Podem ser gerados por fontes externas (obsessores, vampiros, magos etc) ou por fontes internas (personalidades passadas, formas-pensamentos negativas etc).

aparelho, chamar para doutrinação quem o colocou, para que seja retirado e harmonizada a pessoa.

A dor de Clarice começou a ceder a partir daí. Mas ainda faltavam as vidas passadas, num total de oito vidas e uma subpersonalidade. Vamos a elas:

Primeira vida: Floresta. Casa pobre com fumaça na chaminé. Ervas, medicação natural . Eu que faço. Tontura. É bruxaria , é pajelança. Pessoas compram ervas para aborto. Pressão na cabeça. Eu ajudava . A pessoa queria. Sensação na garganta . Eu era mulher , me vejo meio velhinha. Ela faz parto também.

Eu causei o aborto da Cintia lá e a tive agora, eu medicava as pessoas sem muito conhecimento, sinto o cheiro de ervas queimadas e dor de cabeça. Em um dos partos puxei de mau jeito e matei o bebê , muita culpa.

Cheiro de erva.

Depois da morte vontade de chorar, um lado contra outro, gente querendo o mal . Luta, eu era má , fiz mal.

Mentora : Carla. Está com um manto azul, loira com cabelo comprido, bonita. Eu andei batendo muito a cabeça tentando achar as respostas , agora vou achar .

Nessa vida de aborteira, a enxaqueca permanecia por causa da conexão com os bebês abortados e com a culpa – da bruxa e das mães e pais.

É recorrente que pessoas que participaram de muitos abortos em vidas passadas tenham alguma dificuldade na parte de gravidez atual. Foi o caso de Clarice, que perdeu um bebê.

Apesar dela ter abortado a filha atual no passado, isso não trazia grandes resgates para as duas, que tinham uma boa relação na atualidade.

Essa vida também trazia muita nostalgia sempre nos períodos de pôr-do-sol. Era nesse horário que a bruxa colhia as ervas e fazia seus feitiços. E era nesse horário que atualmente as enxaquecas apareciam com força. Essa nostalgia acontecia porque apesar da finalidade, a bruxa gostava do seu trabalho e fazia com carinho.

Ela não era procurada só para abortos, fazia coisas boas também. Por isso no pós-morte há o conflito entre o bem e mal, pois a questão foi o mau uso do conhecimento.

Como Clarice já era uma espírita praticante, as suas regressões aconteciam com muita fluidez. Até aqui temos a primeira sessão. No final da sessão a mentora Carla se apresentou, mostrando que até então Clarice estava realizando uma busca para se entender melhor e que essa busca iria ter resultados mais palpáveis agora.

É muito comum que os mentores aproveitem a terapia para explicar detalhes, tirar dúvidas e se aproximarem energeticamente de seus pupilos. Afinal, eles estão sempre lá, mas nem sempre as atribuições da vida diária permitem que o contato com eles seja mais direto.

Segunda vida: Pressão na cabeça , eu com a mão na cabeça desesperado. Pressão no peito, escuro, muito frio, parece uma cela, é um homem. De vez em quando vem um raio de sol pela janelinha.

Medo de barata, parece o porão de um castelo, punham um aparelho de metal que apertava a cabeça, parece época da Inquisição, eu era bem sucedido e só por isso fui jogado lá.

Minha mãe atual me denunciou por inveja, ganhou dinheiro. Ela estava feliz, sendo tratada como princesa, com vestido bonito e jóias, caiu de joelhos com a mão no rosto, não sabia o que acontecera, eles eram patrão e empregada e algumas vezes ele foi grosseiro com ela, ambos pedem perdão.

Estou de pé na cela, as baratas sobem pela parede.

(dou energia para transformar)

Nu, passando frio, sujo, tortura, choque na área genital..

Torturadores, pai, mãe e irmã .

Eles gostavam, tinham prazer, davam gargalhadas.

Essa vida explica a enxaqueca por causa dos aparelhos de tortura e explica as dificuldades familiares, já que foram a mãe e a irmã que denunciaram por inveja. O sentimento atual da irmã permanecia o mesmo e isso trazia o sintoma, para que fosse buscada sua causa e o perdão fosse realizado.

É comum que na terapia tratemos também encarnados ligados à pessoa. Eles chegam espiritualmente ao consultório, acompanhando a pessoa, pois quando desfazemos o laço de ódio estamos fazendo o trabalho de ambos os lados. Com isso, é comum que tratemos grupos bem numerosos em apenas duas horas de sessão.

Terceira vida: Pressão na nunca, dificuldade para falar em público, arena romana, cristãos e leões, eu estava no meio da arena, cheio de pessoas em volta, torcendo. Há outras pessoas comigo (choro)

Medo, intimidada, as pessoas se juntavam para se proteger, tinha gente que eu amava junto. Cintia era meu namorado. Eu era mocinha, Patricio: alguém mais velho, meu pai.

Quando nos descobriram a gente estava numa caverna , seita cristã.

Guarda: pai atual, soldado romano soberbo. Pede perdão.

Aperto no peito .

Vamos todos juntos para o subterrâneo, grades, aflição, medo, todos rezando, continuamos acreditando no mundo maior, noite de vigília e oração,

Depois da morte vou subindo de camisola, rápido, chego num lugar lindo de paz, me vejo sentada num banco, jardim bonito, sombra.

Causa: resgate para aprender a lição, purificação, tenho que abençoar quem foram os instrumentos, eu tinha pedido antes.

A própria mordida do leão na cabeça trazia a enxaqueca. Explica também a enxaqueca ficar mais forte em locais onde ela se sentia presa, acuada. O inconsciente fazia o *link* com a situação dos leões.

Quarta vida: Estou segurando um cachorro bravo e ele atacando as pessoas, eu estava com uma capa, lugar frio, botas, parece de Hitler, campo de concentração de judeus, pessoas magras.

Eles estavam acuados, eu era guarda, mas procurava ajudar os judeus a amenizar a situação deles, existia uma hierarquia muito forte, não podia nem levantar os olhos para o coronel, eles batiam nos soldados, eu apanhei em uma colocação que fiz por não achar justo sobre uma técnica para matar judeus, eles me mantiveram no posto, mas desconfiados.

A gente acabou preso no fim da guerra, mantidos no meio do campo de concentração, ambiente vazio, levo um tiro porque acharam que eu estava traindo por ajudar judeus.

Depois da morte foram me receber, fiquei triste de ter feito tão pouco por eles, eu queria ter feito mais (choro compulsivo).

Os mentores explicam que tinha sido uma missão difícil, na outra eu era judia, nessa tinha que enxergar o outro lado, para superar a anterior, a programação encarnatória é igual àquela vida, sou um peixe fora d'água, mas

superei, na antiga eu ajudava os fracos, hoje é uma coisa mais tranqüila.

Essa foi literalmente uma vivência de opostos. Em uma vida foi a cristã que morreu na mão dos algozes, em outra um algoz que matou muitos. Nessa segunda a enxaqueca vinha da sintonia com todos os judeus que morreram.

Historicamente, os primeiros cristãos eram judeus convertidos. Logo, em uma vida ela foi judia e na outra nazista. Os mentores esclarecem que era preciso vivenciar os dois lados para gerar equilíbrio.

A sensação atual de se sentir um peixe fora d'água na família já era vivenciada como nazista, porque ela acabou sendo levada pelo regime e quando tentou voltar atrás já era tarde. Era nazista, mas não pensava como eles – mas também não fez nada de mais efusivo para impedir. Carregou a culpa, porém os mentores mostraram que não era esse o objetivo, porque ela de fato não poderia fazer nada sozinha.

Quinta vida: Guilhotina, bruxa, não queria morrer, tinha um monte de coisas a fazer, eu ajudava as pessoas, entre elas meus empregados atuais.

Muitas bruxas de fato não eram nocivas e faziam seu trabalho normalmente, assim como os terapeutas alternativos atuais (a maioria ex-bruxos). Nesse caso a dor da enxaqueca vinha por causa da

guilhotina, mas o que ela estava sinalizando era um trabalho inacabado.

Esse trabalho podia ser desenvolvido de qualquer forma atualmente, mas o que estava sendo mostrado era uma necessidade maior de praticar a caridade na vida atual, já que financeiramente a vida de Clarice era muito equilibrada.

Isso é comum na TVP: sinalizar que quem tem uma vida mais próspera deve buscar compartilhar isso com pessoas menos favorecidas. Sempre lembramos de reclamar e pedir, mas poucos lembram de compartilhar e agradecer quando estão bem. É comum que o corpo sinalize isso, para que a pessoa não perca uma encarnação proveitosa. Afinal, nisso todas as tradições religiosas e esotéricas concordam: o dinheiro só nos foi dado como um instrumento de atuação no mundo terrestre, mas nunca apenas para proveito próprio.

Sexta vida: Umbral, vale do sexo, me identifico com isso e a luta com enxaqueca é uma luta por desidentificação. Sai uma fumacinha da minha barriga, parece um tratamento, altar, um tratamento na vida do espírito, como se tivesse um buraco na minha barriga.

Foi aborto, me vejo numa briga, um casal se empurrando, ele ia me deixar. Fiz o aborto porque ele me deixou, eu estava grávida no comecinho.

Nessa momento Clarice visualizou uma situação onde ela praticou o aborto e o pós-morte correspondente, já sendo tratada no astral.

Na terapia verificamos muitas circunstâncias que trazem sintomas para hoje e que aconteceram no entrevidas. Clarice vivenciou tanto a expurgação no vale do sexo como o tratamento posterior quando foi socorrida.

Além da enxaqueca, o casamento morno e a tendência a trair eram sintomas que vinham dessa vivência no vale do sexo. Como ela mesma reconhece, aquela energia estava entranhada nela e era desejada. Logo, o tratamento envolveu mesmo drenagem e desidentificação, para que essa energia fosse transmutada e não a prendesse mais.

Nessa altura a enxaqueca já foi praticamente cedendo e a vida conjugal melhorando – pois foi valorizada. Continuemos com as vidas finais:

Sétima vida: Pontadas do lado esquerdo, indo para orelha.

Uma queda, batida na cabeça, sangramento, foi um menino que teve um tombo de cavalo. Foi socorrido, mas morreu pouco tempo depois, colocaram ele numa caixa, pressionando a cabeça toda, a família ficou inconsolável, tem gente que ficou louca, o menino sentia-se culpado.

Eu sou irmã do menino, vi a família toda se desagregar e ficava tentando colocar as pessoas de volta no prumo. Eu não me cuidei e morri de tuberculose, tomei chuva num local sombrio,

tentando acudir meu pai que vivia bebendo e saindo.

Todo mundo já estava tão envolvido com seus problemas que nem perceberam que eu estava doente. Esse menino hoje é minha prima que morreu e essa personalidade dele continua preso comigo por causa da culpa.

Esse caso representa uma obsessão de desencarnado para encarnado, mas que ocorria entre as personalidades. Ou seja, o menino não estava ligado diretamente a Clarice, mas à personalidade de Clarice que foi sua irmã. Nesses casos a TVP é muito mais eficiente para tratar, pois existem sentimentos e postulados de caráter (idéias fixas) que precisam ser identificadas e tratadas pela própria pessoa com ajuda do terapeuta.

A enxaqueca passava para Clarice por causa da culpa do menino, que permanecia preso após a queda do cavalo e por causa da superproteção da irmã, que naquela encarnação se sabotou em nome dos outros familiares.

Oitava vida: Baile, vestidos bonitos, castelo antigo, pessoa olhando escondidinha do lado de fora, é pobre e não foi convidada. Sente inveja, foi pega por uns soldados, saiu esperneando. É uma menina maltrapilha, morava com avó muito pobre, resolveu naquele dia que ia fazer de tudo para ficar rica e dançar num baile como aquele.

Aproxima-se de um mercador meio inescrupuloso, bem mais velho, um ex-caso atual, ele não era muito organizado, mas com ela era bom, dava tudo pra ela, a hora que ela conseguiu ficar rica se apaixonou por outro e foi embora (o marido atual) .

O primeiro enlouqueceu e se matou com tiro na cabeça e ela ficou com remorso o resto da vida, sentimento de posse muito grande, eu ainda seguro ele comigo, o amor é doentio, mas faz bem para o meu ego.

Acontece novamente o mesmo processo de obsessão indireta, com o diferencial que o ex-namorado ainda não era falecido, tal como a prima. Ou seja, era a personalidade de passado de um encarnado que estava influenciando a personalidade de passado de Clarice e transmitindo a dor de cabeça.

Em casos assim sempre faço cromoterapia mental para resolver a situação. Nesse caso usei verde limão para fechar a ferida do tiro na cabeça e muito amarelo para conscientizar o rapaz, juntamente com rosa no chakra cardíaco para drenar sua raiva. Esse rapaz também causava complicações no casamento atual.

Além disso essa história configurava uma auto-obsessão, pois como ela mesma sinalizou aquele amor era doentio, mas enaltecia seu ego. Logo, foi preciso também um trabalho de conscientização entre a personalidade passada e a

atual, para que o desligamento do rapaz fosse completo e a enxaqueca pudesse ceder realmente.

Nona situação (subpersonalidade): Dor na nuca, me sinto flutuando, aperto nos olhos, infância, batida forte na cabeça, porque tropecei.

Os primos ficaram apavorados, mas não podiam contar para os adultos, é uma subpersonalidade confusa porque minha prima morreu de câncer no cérebro, medo de morrer também, e ressentimento porque todo mundo ficou com medo de levar bronca e não socorreram direito.

Finalizando os fatores que estavam ocasionando a enxaqueca, veio essa subpersonalidade, que foi formada na infância de Clarice. Era alimentada pelo medo de morrer por algum dano no cérebro, dado que a prima de Clarice morreu de câncer nesse local. O perfil de Clarice no decorrer das vidas sinalizou uma tendência a fazer coisas erradas (abusar da sexualidade, ser aborteira, ser nazista) como se não soubesse quais seriam as consequências, uma falsa ingenuidade. E depois as vidas de vítima apareciam para drenar essas questões.

A enxaqueca cedeu com o tratamento, o que trouxe muita alegria e renovação para Clarice, pois se libertou de décadas de dor. Mas sem dúvida ela só se libertou porque se propôs a olhar para todas as questões que as vidas trouxeram: questões de relacionamento, vícios de caráter, problemas familiares. Todo o quadro estava agora nas mãos

dela para efetivar transformações e ela fez bom uso.

O caso dela mostra como mesmo vindo para a TVP abordar uma questão específica todo um pacote de questões são apresentados para a pessoa. Por isso a terapia possui tamanho potencial libertador. Mas sempre lembrando: apenas para aqueles que realmente querem resolver suas questões, sem delongas ou firulas. A TVP vai direto ao ponto e funciona maravilhosamente e rápido com pessoas que querem resolver suas questões objetivamente.

Esse caso também mostra como cada caso é único, pois mesmo tendo linhas gerais teóricas do que pode estar causando a enxaqueca, cada história de passado se encadeia de uma forma e tem todo um contexto que deve ser abordado unicamente, pois aquela situação é específica e o modo da pessoa reagir é específico.

É importante ressaltar que em casos de dor, como enxaqueca e outras, nem sempre o resultado é rápido. Por mais aflitivo que seja muitas vezes, é necessário ter paciência, pois tudo depende do número de fatores envolvidos e da colaboração atual do paciente. O maior presente para terapeuta e paciente é o alívio quando a dor acaba e fica a conscientização. Pessoas mais renitentes e teimosas não têm um resultado tão rápido quanto Clarice e nem cabe à TVP prometer cura a todos. Sempre depende do caso. Mas já atendi muitos casos como o dela, com sucesso. E o que nos resta é muita alegria pelo trabalho conjunto!

Depressão

*Do fundo de sua gruta, Hécate, deusa da sombra e
da
tênue luz da lua, nada vê, mas ouve o grito de
Core.*

*Distante, através dos picos das montanhas e das
profundezas do mar, Deméter também o ouve.*

*Durante nove dias sem comer nem se lavar,
carregando
tochas, ela procura a filha. Na aurora do décimo
dia,*

*Hécate vem a seu encontro e diz à deusa
inconsolável
que sabia que sua filha tinha sido raptada mas não
sabia
por quem. Juntas, vão perguntar ao Sol, o deus
Hélio,*

*que tudo vê no seu curso pelo céu. O deus
resplandecente
conta que Perséfone tinha sido dada por Zeus a
Hades
para ser sua esposa e rainha do reino dos mortos,
e volta para as alturas no seu carro de luz,
deixando imersa
em escuro desespero a deusa Deméter.
Desfigurada pela dor
e vestida em andrajos, ela dirige-se, então, para as
cidades dos homens.*

Adaptação do Hino de Deméter - Ilíada

Revisão bibliográfica

No mito Deméter (Ceres), deusa da agricultura e da colheita, descobre que sua filha Perséfone foi levada para o Inferno, para ser esposa de Hades. Para que sua tristeza de mãe fosse amenizada, é feito um acordo. Perséfone passará seis meses com ela no Olimpo e seis meses com seu marido no submundo. Respectivamente, daí nascem o verão e inverno, alegria e tristeza. A tristeza e desespero de Deméter são o símbolo mítico para a depressão.

Algumas depressões são esporádicas como a de Deméter, sazonais. Outras são tão profundas e avassaladoras que levam anos para ceder, ou não minimizam nem com a ajuda de medicamentos. A alma se recolhe e mergulha num abismo de tristeza e de dor e nada, nem o amor de nenhum familiar ou ente querido, consegue demover a pessoa do seu intento de não fazer nada, não sentir nada, a vontade de não existir.

Vamos encontrar na TVP diversos motivos para alguém mergulhar na depressão. Os autores ressaltam, especialmente Maria Teodora Ribeiro Guimarães: o deprimido no fundo é arrogante, gosta de ter tudo do jeito dele. Quando a vida lhe contraria ele sente raiva e por isso entra na postura de vítima e se recolhe na tristeza, como querendo que assim sua vontade seja feita.

Em outros casos, existem pessoas fortes e decididas, mas que por um item recorrente em suas vidas não conseguem dar a volta por cima e se entregam. De qualquer forma, seja pela vitimização, pela arrogância, pela incapacidade do ego dar conta, ninguém permanece afastado do mundo sofrendo por livre e espontânea vontade, sempre há algo oculto por trás dessa entrega. Vamos aqui analisar os motivos passados:

1) Situações de abandono (*Hangover*)

Hans TenDam chama de *hangover* qualquer tipo de existência onde um peso continuou sendo carregado pela alma, como uma “saia suja”. Tanto por ter sido obrigado a se abandonar, quanto por situações trágicas que aconteceram e o ego teve que se reduzir e aceitar. Falaremos aqui de alguns tipos de *hangovers* que podem culminar em depressão.

No caso Chris, de Roger Woolger, temos um prisioneiro que ficou acorrentado e abandonado até morrer. Todo esse período longo em que se fica à espera da morte pode ser reacionado na vida atual e causar depressão. O mesmo caso mostra um fato comum às comunidades antigas, que é abandonar os doentes quando há uma migração, para não comprometer o desenvolvimento do restante do grupo.

Esse abandono duplo deixou marcas em Chris. O abandono gera muita raiva reprimida e essa energia acumulada pode contribuir para a depressão.

2) **Vidas de escravidão e violência** **(Hangover)**

A escravidão foi uma das piores violências pela qual a humanidade já passou. Povos inteiros subjugados pela ambição dos mais poderosos. De tudo isso, para as almas que integraram esse processo, fica a energia de baixa auto-estima, revolta, raiva e desesperança, que pode culminar em depressão.

No caso Lucia, de Brian Weiss, temos a lembrança de uma escravidão nos moldes tradicionais, onde o corpo traz inclusive a lembrança somática das correntes e da dor. A depressão vem pelo sofrimento do escravo apanhando no tronco do seu capataz.

A sensação de exploração pode vir também de uma vida onde o trabalho não era necessariamente escravo, como coloca Brian Weiss no caso Hope. A longa luta com o patrão trazia para ela o mesmo sentimento de abandono quando perdeu seu pai e sua mãe na existência atual.

Viver reclusa e podada pode ser mais violento do que ser agredida fisicamente, é o que Hans TenDam chama de *ego bonsai*. No caso C.D.O. de Mauro Kwitko, no passado ela foi japonesa e ficou o tempo todo presa em casa sem fazer nada. A alma traz consigo a convicção de que não merece nada, não pode ser feliz, não tem direitos.

3) Posição de vítima consolidada

Se o hábito de se fazer de vítima for milenar a pessoa pode ter dificuldades para sair de uma posição que lhe é tão natural e cômoda.

Maria Teodora Ribeiro Guimarães narra um caso onde o rapaz homossexual foi mimado e não conseguia lidar com as adversidades da vida. No passado encontramos o mesmo, um fidalgo irresponsável que se faz de coitado.

Da mesma autora, temos no caso Leo a história de Josephine, que também se faz de vítima e culpabiliza todos pelas desgraças que ela mesma produziu, assim como Leo no presente.

Em casos assim é importante o terapeuta ser bem diretivo e firme, pois o paciente na verdade manipula a todos para que façam suas vontades, não assumindo responsabilidades. Isso deve ser mostrado pelo terapeuta com exemplos claros, para que a pessoa consiga romper o esquema em que se envolveu, caso deseje sair da depressão. Muitos ainda preferem os ganhos secundários e abandonam a terapia.

4) Apego a existência no astral (Alienação)

Hans TenDam classifica como *alienação* a pessoa que está apegada a uma existência antes da Terra ou em alguma fase do entrevidas antes de encarnar.

Célia Resende mostra no caso Anita uma situação onde o centurião romano Celsus mergulhou no vazio no seu pós-morte e ficou tanto

tempo nesse estado que seu perispírito plasmou-se na forma de planta. E hoje ela literalmente vegetava.

Nas depressões mais leves, muitas vezes tudo que a pessoa precisa é se recordar da sua proposta encarnatória original, conversar com os mestres no astral para retomar o objetivo original da sua encarnação, como acontece no caso Anita de Brian Weiss.

5) Perda traumática no passado

Quando há uma perda e esse tema é recorrente no histórico encarnatório, o luto pode ultrapassar os limites do normal e iniciar uma depressão, necessitando da intervenção terapêutica para mapear o inconsciente.

A mesma perda pode ter significados diferentes para as mesmas pessoas envolvidas no episódio. Nos dois protagonistas de Brian Weiss em *Só o Amor é Real*, para Elizabeth, no episódio da Mongólia, o mais marcante foi o que aconteceu com ela depois da invasão e os estupros que sofreu. Para Pedro, ficou marcada a angústia de perder os entes queridos sem poder fazer nada.

Já F.D.L., caso de Mauro Kwitko, vivenciou a perda da esposa no passado como algo com que não conseguia se conformar e a depressão avançou séculos afora.

6) Culpa

A culpa costuma ser uma brecha cármica, que mantém a pessoa conectada a situações onde ela cometeu algum erro ou prejudicou pessoas. Na terapia, é importante a conscientização e libertação dessa culpa, pois ela não irá resolver nada. Trabalhamos o autoperdão e o perdão com os envolvidos, para que os aprendizados sejam realizados e as mudanças compreendidas.

Célia Resende mostra no caso Janete que ela em vida passada foi cuidar da própria vida ao ficar órfã, mas sentiu muita culpa por ter deixado seu irmão para trás. Hoje a depressão vem quando se separa do marido e é acusada perante os filhos, a culpa traz sensação de egoísmo e depressão.

Glenn Willinston já mostra no caso Vincent a culpa de um operário do Titanic por ver o navio insubmergível afundar. Essa mesma culpa trazia a depressão e a dificuldade nos negócios atualmente.

7) Afloramento cronológico de alguma situação penosa

É comum em perfis assim que a doença comece realmente sem motivo, o único motivo é a idade em que o fato ocorreu no passado. Por isso, se for procurada a causa na vida atual, ela não será encontrada.

Quem pertence a essa categoria sofre muito, porque o sentimento chega de forma arrebatadora e não há uma explicação racional para ele. A própria pessoa se sente péssima por não conseguir entender

o que está acontecendo com ela e quem está a sua volta não tem a menor idéia do que fazer para ajudar.

No caso Arlinda, de Célia Resende, temos uma situação de afloramento cronológico: um homem que ao perder tudo em vida passada se mata, pois tinha jurado à mãe que iria vencer na vida. Na mesma idade em que se matou, hoje veio para Arlinda a depressão e a vontade de morrer.

8) Suicídios recorrentes

O suicídio pode gerar depressão se a pessoa ficar sintonizada com o pós-morte, onde a mesma sensação da morte provocada é revivida ininterruptamente.

O caso Leo, de Maria Teodora Ribeiro Guimarães, traz a história de Issam, o menino egípcio que passou por várias dificuldades e acabou se matando atirando-se em um poço. A mesma sensação de queda no vazio era experimentada hoje.

No caso de uma mulher apresentada por Roger Woolger, perder a esposa no passado foi tão forte que ele se suicidou. Hoje estava presente uma depressão forte, na conexão com esse sentimento que levou ao suicídio.

9) Arquepadia

Arquepadia é a magia feita em vidas passadas, que deixa uma energia congelada de herança e o pacto com entidades trevosas. Essa

energia parada e os acompanhantes astrais podem gerar a depressão.

Temos o interessante caso apresentado por Célia Resende, uma antropóloga que estudava os africanos e entrou em ressonância com as magias que fez quando nasceu lá. A energia foi reativada e a depressão também, apenas pelo fato atual da realização de um estudo.

Eu como historiadora sou testemunha ocular de como esses fatos acontecem. Se os acadêmicos dessa área se aprofundassem no estudo espiritual poderiam evitar muitos dissabores. Enquanto estava na faculdade fiz um curso sobre Inquisição – na época ainda não sabia nada sobre vidas passadas. Ao apresentar um seminário, fiquei completamente sem voz, sem conseguir me expressar. Fui caçoada em frente aos colegas e a situação foi se tornando incontrolável e apavorante. Mais tarde fui saber que tinha morrido em um auto-de-fé que ocorreu na mesma época histórica do trabalho que estava apresentando.

10) Impotência em situação traumática

Uma depressão de vida atual pode reativar uma depressão de vida passada e vice-versa. No caso Elizabeth, de Brian Weiss, ela em vida passada ao perder o pai definha até a morte, se entregando. A mesma sensação fica marcada no inconsciente e é reativada hoje.

No caso Jorge, de Edison Flávio Martins, temos uma série de vidas influenciando a depressão, mas a marca de todas é a impotência.

Seja por assistir um assassinato, por estar pendurado em uma corda que vai arrebentar, ou impotência por perder a família em um incêndio. Analisando mais a fundo, vemos que ele passou por essas situações de vítima como contrapadrão de existências prévias onde ele foi o algoz e causou dor a muitos, mas a depressão e a angústia atual o remetiam à impotência: dele no passado e de todos a quem fez mal.

José Antonio de Souza apresenta o caso de um homem sintonizado com a morte ocorrida enquanto criança. Ele estava no meio do deserto, sem comida e em período de guerra. Hoje tinha uma questão existencial, achava que nada tinha sentido – pois estava conectado com a impotência da criança.

A questão é justamente essa: quando existem questões afloradas de vidas passadas, estamos conectados a sentimentos que não aconteceram nessa vida. A grande tarefa da TVP é “desplugar” esses sentimentos de passado e buscar qual aprendizado eles estão tentando mostrar.

11) Obsessores cobrando

Os obsessores costumam vampirizar energias e deixar a pessoa em estado apático, para que eles possam emanar idéias negativas e depressivas até que o indivíduo sucumba.

No caso Maria José, de Helga Krelling, a mudança de cidade para um local que tinha a mesma neblina de sua vida passada acionou a perseguição astral de um grupo de marujos. Houve

uma morte em naufrágio e todos morreram com a sensação que a culpa foi do capitão – que era inocente e foi preso injustamente, por ser o único sobrevivente.

O caso Leo, de Maria Teodora Ribeiro Guimarães, apresenta a vida de Éfer, escriba egípcio que armou um assassinato, porque precisava de um herdeiro, mas não queria lidar com uma mulher ao seu lado. Sua prepotência fazia com que todos seus inimigos perseguissem Leo no plano astral.

Roger Woolger traz no caso Madeleine um pirata que causou toda sorte de sofrimentos, estupros, mutilações e coisas do tipo e por isso era naturalmente perseguido pelos seus inimigos, trazendo para Madeleine a cobrança em forma de depressão.

12) Alcoolismo no passado

O álcool pode deixar uma energia nos corpos espirituais de anestesia, apatia e produzir depressão atualmente. Entre os Florais Havaianos, a essência *Panini awa'awa* (um tipo de Aloe Vera) é excelente para essa drenagem.

O caso Leonard, de Roger Woolger, mostra um jovem que foi rejeitado publicamente por uma prostituta e se afundou no álcool. O mesmo entorpecimento do álcool é sentido hoje como depressão, especialmente em situações de rejeição.

13) Pactos de Magia

É um tipo de cobrança de obsessão mais especializada, porque houve a total participação da pessoa no passado ao fazer o pacto mágico. Esse acordo é mantido e cobrado.

O caso Lia, apresentado por Elaine de Lucca, mostra entre vários fatores uma vida na qual ela fez um pacto de magia negra buscando vingança pela morte injusta de seus pais. Essa magia faz com que o demônio desencarnado ao qual ela se associou continue perseguindo sua aliada em outras vidas, e por isso Lia sempre passava por situações onde ela era humilhada por conta de relacionamentos proibidos. Essas situações vexatórias aliadas ao desencarnado produzem uma energia de desistência e desânimo, culminando na depressão.

14) Abortos

O espírito abortado pode perseguir tenazmente a mãe que lhe negou a vida. Caso haja ligação passada entre os dois essa perseguição pode ser cruel e gerar uma série de sintomas.

O caso D.B., de Mauro Kwitko, mostra a prostituta Zilá, que cometeu diversos abortos e morreu enquanto cometia mais um. Todas as crianças a perseguiam hoje e uma delas era o atual enteado, o que reativava a culpa pelos atos de passado.

Os envolvidos no aborto também podem causar seqüelas, como em um caso de Elaine de Lucca, onde na vida passada a pessoa foi abortada e

hoje era acompanhada pela aborteira, que estava arrependida.

15) Trauma intra-uterino

No útero também podem ser acionadas lembranças depressivas. Por isso é tão importante a conscientização da mãe sobre a responsabilidade que ela possui sobre o feto, pois todos os seus pensamentos e sentimentos são absorvidos sem o crivo da consciência.

No caso Chris, de Roger Woolger, temos uma mãe totalmente imprudente e desconhecedora das leis reencarnacionistas, que se embriaga totalmente e tenta suicídio com uma faca na barriga, enquanto grávida de Chris. Isso desperta sentimentos que faz com que ele tente muitas vezes se matar.

16) Obsessão por amor

Além dos problemas em relação à vida afetiva, o apego de um desencarnado também pode desencadear em depressão, pois a idéia é abreviar a morte da parte encarnada para agilizar o reencontro dos dois.

Elaine de Lucca apresenta um caso onde em duas vidas uma mulher se relaciona com um homem e é separada dele por situações trágicas. Hoje novamente os dois se reencontram e são separados, o que reaciona a depressão que ela já sentira antes. Provavelmente um aprendizado de superação para ambos, pois ele continuava acompanhando a moça desencarnado.

17) Expulsão de comunidades e grupos

A expulsão gera a rejeição, o sentimento de não pertença, a raiva e o isolamento, cargas que reacionadas podem levar à depressão.

Helga Krelling mostra no caso Maria Eugênia que a expulsão pode ser absolutamente traumática, pois ser mandada embora de uma comunidade deixa na alma a sensação de rejeição e de sujeira, repugnância. Ao se mudar de cidade na vida atual veio toda a gama de sentimentos associados a esse passado, trazendo a depressão.

Voltando ao caso Leonard, de Roger Woolger, temos um escravo que se recusou a ser sodomizado e foi excluído por todos. Esse isolamento trazia as mesmas sensações da depressão para hoje.

18) Reencontro e convivência compulsória com inimigos

Quando há o reencontro com antigos rivais na mesma família, no trabalho, ou em situações onde a convivência é obrigatória, a depressão pode vir chamando a atenção que algo está errado.

Pode ser também uma vingança contra os familiares. O deprimido vai afundando, ficando dependente, necessitando de ajuda até para suas contas básicas e a família acaba sendo obrigada a ajudar, mesmo sem ser muito simpática à idéia.

No caso M.V., de Mauro Kwitko, temos o reencontro com o pai, que no passado foi o marido que traiu várias vezes a esposa doente. Conviver

com esse pai atualmente traz a mesma carga de depressão que a esposa do passado sentiu.

Todo o relatado mostra que a TVP pode trazer a revigoração que a alma precisa, através da drenagem das cargas de passado, do perdão com todos os envolvidos e da sintonização com um novo amanhã seguindo todos os aprendizados penderes no passado encarnatório. Fazendo a famosa reforma íntima, mas com direcionamento.

É muito emocionante para nós terapeutas ver um paciente que queria se matar usar a mesma força que o destruía para se reerguer. Ajuda-lo a planejar como ele irá cumprir seus aprendizados e construir a sua felicidade vindoura é um trabalho revigorante para ambos.

Depressão

Caso Leticia

Leticia chegou trazendo seu perfume. Uma mulher bonita, bem cuidada, do tipo *mignon*. Pela sua fala mostrou o quanto tinha sofrido na vida, mas como aprendeu com cada oportunidade que teve. Passava uma energia doce, apesar do sofrimento. Um sorriso de quem quer ajuda.

Ela tem 43 anos e é empresária. Chegou ao consultório com a queixa de depressão, renitente há 13 anos. A fase mais profunda já tinha passado, estava começando a reagir. Mas ela tinha muito o hábito de camuflar o que sentia, de parecer alegre ao resto do mundo, mas estar arrasada por dentro.

É empresária, tem seu próprio negócio, mas não estava motivada para cumprir as obrigações de mãe, mulher e profissional.

Ela já fazia análise junguiana e muita coisa já havia sido harmonizada, mas grande parte do trabalho da regressão teve que ser feito em relação à vida atual, que tinha sido bem tumultuada.

Sua infância já foi triste, seu pai saiu de casa quando ela tinha 9 anos e ela era muito apegada a ele. Sua mãe, Antonia, era difícil, nunca se deram muito bem. Era negativa e manipuladora. A irmã é esquizofrênica e foi internada algumas vezes em manicômio. O irmão era alienado a tudo que acontecia, isolava-se para não sofrer.

Na sua vida adulta, cada um dos três filhos dela tinha um pai. O primeiro filho, Roberto, veio aos 17 anos e ela não chegou a casar.

Teve um namorado, Francisco, no intervalo até a próxima filha e ao engravidar dele fez um aborto. Francisco foi assassinado depois.

Fez no total três abortos, engravidava muito rapidamente. Não achava certo abortar, mas não eram relações estáveis e ela não tinha condições de criar as crianças.

Mudou de cidade e conheceu o pai da segunda filha, Cristina. Com esse namorado, Tiago, ela teve problemas sociais, pois ele era bem mais rico. A mãe dele entrevistou muito. Eles tiveram brigas fortes, chegaram a se agredir. Quando engravidou quase abortou novamente, mas sua mãe e a irmã dele incentivaram Leticia a ter a criança.

A gravidez dessa vez foi tranqüila. Houveram brigas depois por dinheiro. Foi nesse momento que, em uma das viagens à cidade natal, Tiago teve um caso com uma moça, que acabou engravidando. O bebê ficou ruim no hospital, nasceu com problema na cabeça. Leticia teve uma crise nervosa, jogou coisas nele. Ele chamou a mãe e se mandou. Leticia ficou dopada no hospital um dia, traumatizada. Acabou se separando e partindo para outra.

O marido atual era um amigo que a protegeu e a ajudou a organizar a vida. Foram se aproximando e acabaram se apaixonando. Porém aconteceram mais problemas: ele tinha uma

namorada de quem não gostava, mas que tinha pena de terminar.

A namorada estava doente, queria engravidar dele e estava muito sensível. Por causa disso ele pediu um tempo para Leticia, para resolver as coisas. Letícia entrou em disputa e engravidou primeiro. Ele foi o único homem que cuidou bem dela e não queria perde-lo. O casamento acabou fluindo bem e os dois ficaram felizes. Foram morar fora do país, foi tudo bem alegre. Os dois estão casados há 18 anos. Tiveram uma filha, Cibele.

Os problemas chegaram quando ela engravidou de novo. Ficou doente, não queria, era como se a criança fosse um inimigo. Achava que a bebê estava vindo para cobrar. Tentou se jogar da varanda. Queria brigar, gritar. Socava a barriga. Queria que a criança saísse do seu ventre imediatamente, não suportava a vibração. Odiava-se.

Infelizmente a bebê nasceu morta. Ficou toda deformada. Não queriam mostrar, mas ela quis ver. Segundo suas próprias palavras: “Fui ao inferno e voltei. Deus me perdoou”.

Ela finalizou a longa e conturbada história dizendo que se sentia como se quisesse fugir daqui, sem essa tristeza que a acompanha. Um vazio horrroso. O marido, apesar de a amar muito, estava tendo dificuldades de conviver com essa tristeza, não sabia mais o que fazer para ajudar.

Começamos o trabalho pela limpeza da vida atual. Não precisei me preocupar com os bebês

abortados porque eles já tinham sido socorridos em um trabalho espírita, mas normalmente seria minha primeira preocupação.

Primeira situação (Subpersonalidade): Lembro que quando era criança gostava de sentar na porta de casa para esperar o pai. Quando estava com a mãe sentia como se ela fosse uma estranha e meu pai mais próximo. Adorava sábado e domingo. Ele morreu quando eu tinha 19. A separação foi quando eu tinha 9 anos.

Minha mãe é rígida, muito rancorosa. Meu pai tem um olhar fraternal. Eu não vi ele ir embora. Acordei com a minha mãe chorando. Ela fez um dramalhão, coisa estranha, senti que meu pai abandonou porque não amava mais a gente, mas quem ele não amava era a minha mãe.. Eu fiquei muito triste. Acho que o revi dois meses depois.

Eu era muito triste, chorava muito. Me sentia só. E com muito medo. Era horrível. Tinha medo de ver as coisas, ficar no escuro. A gente morava numa casa e ficava muito só. Minha mãe falava que tinha mau elemento que podia entrar lá. Era um quintal grande, escuro, com canavial. Minha mãe precisou dar tiro uma vez, eu fiquei com muito medo. Ela disse que viu alguém mexendo na porta. Eu acordava de noite assustada quando eles brigavam.

Medo, solidão, desprotegida. Mãe desequilibrada, pai ausente.

Essa subpersonalidade trazia o imenso vazio, a sensação de abandono e medo que a perseguia. Usei recursos para tratar subpersonalidade criança: dei muito carinho, colo, deixei a criança por todo o choro para fora, dei brinquedo, doce, até a criança colocar tudo para fora e aceitar se ajustar com a idade adulta.

Quando sentimentos ficam reprimidos assim em idade tão tenra, o ego não tem estrutura para lidar com eles. Para harmonizar, primeiro precisamos drenar o que ficou retido emocionalmente, para depois continuar a incursão para o passado.

Segunda situação (Útero e nascimento): Raio. Clarão. Piscando. Flor que abre. Ele vem brilhoso, depois vai ficando pequenininho e some.

(4 meses) Nuvem escura pairando em cima da minha cabeça.

(5-6 meses) Braços pesados. Quando eu nasci estava muito frio. Eu nasci de 7 meses porque ela levou um tombo.

Era um bebê quietinho. Nasci com infecção nos ouvidos, não sabia se eu ia sobreviver. Fiquei na incubadora. Luz em volta. Como se fossem os cabelos brilhosos.

Queria estar agasalhada e quentinha. Sou muito friorenta e não gosto de frio. É uma sensação horrível.

Em casos como o de Leticia é muito importante trabalhar a vivência intra-uterina e de parto, porque durante a gravidez dela a situação econômica da família estava difícil e foi bastante considerada a hipótese de abortá-la. A mãe acabou não aceitando fazer um aborto, mas com o nascimento prematuro a situação ficou realmente penosa.

Por mais que ela fosse amada e bem-vinda, essa situação do ambiente afetou a forma com que seus pais lidaram com o nascimento, já que o irmão dela era apenas 11 meses mais velho que ela.

Durante a gestação todos nós vamos assimilando tudo que acontece, pois o ego ainda não está formado. Além de assimilar informações como se fossem suas, há também a reativação de traumas passados, dos padrões que precisamos nos libertar. E no caso já foi uma gravidez angustiante.

**Terceira situação: (Programação encarnatória):
Sala de acordo: meu pai me recebeu de braços abertos. Não consigo ver minha mãe feliz. Mulher que se vira e olha para baixo. Virada para trás. Está envergonhada. Não com raiva, só se escondendo.**

Eu observo de longe. Tem várias pessoas comigo. Mandam eu ir, eu não quero. Me agarro na perna de uma das pessoas, eu não quero ir.

(Mãe) Fogueira. Como de São João, grande. Clarão. Saí de perto das pessoas e fui olhar a fogueira. Meu pai queria se aproximar, me pegar. Era tão bom ganhar carinho dele.

Não me lembro de ter ganho carinho dela, nunca. Estou com os braços esticados para tocar meu pai, mas a fogueira está no meio. O clarão impede. Ardência nos braços.

Nesse episódio fica claro que o resgate de Leticia era com sua mãe e por isso ficou tão difícil para ela a separação dos pais. O pai era o amigo no lar, o que amplificou a sensação de vazio e abandono.

Nota-se uma grande resistência dela em encarnar, o que também é um sintoma comum de depressão. Casos assim são chamados por Hans TenDam de *alienação*, a pessoa que sente saudade de algo que nem ela sabe o que é.

Quarta situação (segunda subpersonalidade): Eu era menina, a gente mudou de cidade, foi difícil ir para lá, na minha cidade eu era alegre. Eu não gostava do apartamento, não tinha amigos. Eu sentia tristeza, me sentia só. Expectativa de estar perto do pai, mas era como uma visita: pegava e devolvia.

Não era mais o pai que eu perdi, era estranho. A realidade era outra. Eu chorava muito. Ia procurar ele, mas ele era distante, não abraçava, não dava carinho. Não era mais a mesma coisa. Ficou um vazio no meio, todo o tempo que ele ficou sem ver a gente.

Em posterior conversa com a mãe Leticia soube – fato que ela havia bloqueado – que seu pai

ficou um ano e meio sem ve-la, ao contrário dos dois meses que ela pensava. A saída de casa foi muito tumultuada, pois ele traiu a mãe com uma amante e casou com ela.

Quinta situação (obsessão): Vejo um clarão. Fica grande e pequeno. Como uma onda. Em volta tem uma nuvem escura. Avança como fumaça preta.

(Passe por ela) Brilho ao longe. Vou até lá e ele some. Luzinha pequena no final. Como um túnel escuro. Não consigo andar dentro dele.

(Trago a luz) Clarão fraquinho. Tem alguém lá. Mas não posso ver, não consigo. Não tenho medo, mas não consigo ver. Diz para eu não ter medo, é alguém que quer me fazer bem. Veio para me dar força, ajudar.

Ele está triste comigo, chorando. Está vestindo trapos, como mendigo. Roupa rasgada, suja. Só me olha na porta do túnel. Me dá a mão. Mas não me leva para o túnel, me leva para o lado. Tem um monte de pedra, é um lugar alto. Me mostra a altura. Aponta para o vale, um vale fundo. Aponta e põe a mão perto do coração. Quer me abraçar e fica chorando no meu ombro. Segura minhas mãos ajoelhado no chão, pede para eu cuidar dele. Tem medo de cair. Parece que nós caímos juntos. Fica chorando, me abraçando. Não é feio, está maltrapilho.

(Dou um banho de água crística) Ele fica feliz, de terno cinza e pede para eu sentar com

ele. Tá de terno cinza e sapato preto. Passa a mão no meu rosto. Quer beijar minha testa. Bem juntinhos. Gosto de ficar perto dele. Deito a cabeça no ombro.

(Ao ser encaminhado fica apavorado, não quer ir)

No caso desse obsessivo não ficou exatamente claro o porquê da ligação com ela, mas o importante é que pela situação dele colaborava para os sintomas, então como aceitou ajuda ela se sentiu bem melhor.

Nem sempre os obsessivos têm ligação direta pessoal conosco, muitas vezes eles se aproximam por causa da afinidade vibratória. Por isso e por tudo mais é tão importante sempre cuidarmos dos nossos pensamentos e sentimentos e mantermos a vibração elevada. Ainda mais nos dias de hoje, onde a vibração planetária já está baixa.

A partir daí seguimos para as vidas passadas. Leticia tem um tipo de regressão que é um pouco incomum mas muito interessante, a regressão simbólica. O inconsciente dela vai mesclando vidas passadas com símbolos e cabe ao terapeuta ir puxando quais são os significados dos símbolos, não necessariamente em uma história com começo meio e fim.

Além disso, sua regressão não tem áudio, ela vê as imagens mas não escuta o que as pessoas falam para ela, como um filme mudo. Como será ressaltado pelo colega Shimoda, cada pessoa tem um tipo de regressão. Todos chegam esperando que

seja como um DVD com menu completo, mas nem sempre é assim. Cada pessoa tem uma forma de acesso e o terapeuta tem que identificar qual é e se adaptar a ela, usando as técnicas mais convenientes.

Inclusive é importante que as pessoas entendam esse fato, porque muitos têm um acesso não visual e reclamam de frustração, dizendo que aquilo não é o que esperavam de uma regressão. Não cabe nem ao terapeuta nem ao paciente definir como será a regressão, cabe ao inconsciente e ao tipo de acesso de cada um, que é pessoal e intransferível. O importante é o acesso às informações e a ressignificação de pensamentos e sentimentos, não a forma de contato.

Vamos agora à primeira vida passada de Leticia:

Primeira vida: Fogo correndo, pegando fogo na tela. Ela derrete. Nova tela de ferro, como um escudo antigo.

Escudo e capa. Sai um cavaleiro e pula para o lado. Ele me olha, mas tem capacete. Segura o capacete. Não sei se ele é bom. Sou pequena. Ele estendeu a mão.

Entramos na floresta. Adoro subir o morro. Lugar bonito. Ele vai no meio das árvores, tem um lago lindo. Ele se senta e eu também. Sou menina, cabelo no ombro. Parece que vai tirar o capacete. Só vejo o cabelo, ele de costas. Eu gosto de lá, ele não quer olhar.

Cabelo preto, bem cheio. Quero tocar na armadura, fico apertando. Antes ele era só metade. Agora criou pernas. Não vejo o rosto dele, ele esconde no meio das pernas. Pele lisa, homem bonito. É fino, cuidado. Não está sendo cuidadoso, está querendo fugir. Está se escondendo. Quer botar a armadura. Botou e ficou em pé, sai caminhando.

Botei as duas mãos para trás e vou atrás. Ele anda em volta do lago. Adoro lago assim, adoro água, penso nisso em meditações.

Eu gosto de ficar próxima dele. Ele faz sinal para eu parar. Pus a mão na boca, pedindo para ele não me deixar. Ele se virou de lado, olhou para a frente. Encostou num paredão e está pensando. Está ficando aflito.

Vira para a frente, tenso. Fico observando. E ele se esconde com a mão, bota a mão na cintura. Não tinha visto, ele tem uma espada. Ele segura o cabo da espada e caminha em passos lentos.

Eu fico com medo e volto. Vejo o caminho da floresta. Lembro que vou cair na fogueira. Eu quero voltar e sentar no deque.

Essa vida passou muito a idéia da força interna que Leticia tinha e não usava, ou negligenciava. Conforme o cavaleiro vai se apresentando ela se interessa, mas quando vê a espada recua com medo.

O cavaleiro trazia o símbolo do poder, do domínio, do guerreiro, do herói. Tudo que Leticia

sempre fora, mas que o sofrimento da vida estava abafando e deixando seu comportamento apático.

Mesmo porque ela na vida atual foi uma guerreira por sobrevivência e não por opção. Pela rapidez com que as coisas foram acontecendo ela foi intimada a ter força e reagir, mas não teve muito tempo para refletir. Agora ela ia começar a aprender a canalizar sua força interna para objetivos concretos e produtivos. Depois de ver e integrar essa vida ela se mostrou bem mais disposta, animada, reenergizada. E trouxe à tona uma dama do lago.

Segunda vida: Tem alguém tomando banho. Mulher de cabelos compridos, bonitos, nadando em direção à cachoeira. Ela tá me chamando, como uma sereia. Eu não vou com estranhos.

Ela só se banha até o pescoço. Não vejo o corpo todo. Ela mergulha e vem nadando, embaixo d'água. Eu tiro as pernas. Quer botar o pescoço para cima, mas eu me recolho. Lembro dos cabelos compridos. É uma mulher bonita. Braços bonitos, finos. Eu me escondo. Será que ela está com a cabeça lá? Não sei se eu quero ver. Quero, sempre fui curiosa. Eu olho. Ela me olha. Eu sinto medo, ela é bonita, mas eu tenho medo. Vem um aperto.

Ela chama e pede para eu olhar. Mas eu não sinto segurança, como foi com o cavaleiro. Eu não consigo me mexer e preciso sair correndo. Sonhei muitas vezes com isso. Sempre perco a voz nos sonhos, quero pedir socorro e

fico muda. Tô passando aperto mas não consigo. Rezo e agradeço por ter voltado.

Volto para a fogueira, mas é a que queima. Ainda tô encolhida com medo. Tenho medo de correr e cair com a mulher de cabelo preto. Ela me quer. Minha mãe não me quer.

Ao conhecer nossas vidas passamos pelo que Jung chama de enfrentamento da sombra. Essa dama no lago passa mistério, sedução e já se apresentava em sonhos para Leticia, o que acontece muito. O sonho é uma forma que temos de acessar nossas vidas e muitas vezes a espiritualidade se aproveita disso para agilizar nossa evolução.

Essa dama indicava o feminino que Leticia estava atualmente negando, mas que fez com que fosse sempre uma mulher desejada, fértil, procurada pelos homens. Ela renegou esse feminino, acreditou que esse poder a fez sofrer. Mas era um poder que era dela de direito e que ela apenas precisava aprender a controlar.

Naturalmente, depois de alguns anos com medicação pesada, sua libido tinha baixado bastante e isso estava afetando o casamento. Conforme fomos trabalhando as vidas, essa em especial, ela conseguiu baixar o ritmo da medicação e tudo foi se ajeitando.

Terceira vida (Vida feliz): Imagem de uma menina brincando. Rindo, correndo. Na varanda da casa, grande. Corre em volta, desce escada e corre. Rindo. Ela me pega pela mão e

vamos brincar. É bom. Me leva para o quintal, tem muito verde. A gente brinca de esconde-esconde. Eu vou me esconder no porão de casa, mas fico com receio porque não conheço nada. Tá tudo arrumado, como se alguém habitasse ali. A menina me procura.

Tem uma senhora na cadeira de balanço, mexendo no tricô. Mas tenho que sair, ela vai brigar por eu aparecer ali. Ela pergunta o que eu estou fazendo ali, eu explico que estou brincando com a menina. Eu falo que não sabia que gente morava lá. Ela disse que não tem problema, só não pode fazer bagunça. Ela me mostra uma escadinha e diz que tem uma janela branca por onde posso vê-la. Agradeço a senhora e ela me oferece biscoitos. Aceito. Saio, não vejo ninguém e bato na árvore. Ela vem rindo muito, tem cachinhos loiros.

(Ajuda delas para entender o vazio)
Apontam para um quarto, tem uma pessoa lá velando. A menina me dá a mão e a senhora abre a porta para eu ver que tem uma mulher morta. Tem cabelos dourados e parece a mesma depois de adulta. A Mãe.

A menina fecha a porta e diz que a mãe dela morreu, mas ela não tá triste porque continua vivendo em outro lugar. Tem batas brancas, um lugar com flores e passarinhos.

(Peço para a menina mostrar se o pai está nesse lugar). Fumaça preta. Eu e a menina estamos sentadas. A gente ficou triste. Pede para eu rezar. Eu choro e ela enxuga minhas

lágrimas, me abraça. Eu tô soluçando e ela me consola.

A velhinha fica de cabeça para trás, pensando e balançando devagar. Ela me lembra meu avô paterno, que tinha cadeira de balanço. A menina passa os dedos nos meus olhos. Pede que eu pare de chorar.

Fim: eu e a menina crescemos.

Não costumo trabalhar propositalmente com vidas felizes, mas nesse caso a mentora de Lucia anunciou que essa seria uma vivência feliz, para entender o vazio.

Essa vivência representa muito o mito da Deusa Tríplice, pois traz a criança, a mãe e a anciã. A criança alegre e curiosa, a mãe morta e a anciã acolhedora. Muito representativo da história de Leticia, especialmente porque quando se pergunta pelo vazio da depressão é apresentado a mãe morta.

Concluimos ser a própria Leticia, se sentindo assim com a morte de sua bebê e de todos os outros que foram abortados e a internalização de sua mãe má, repressora, manipuladora.

Também se encaixa na teoria de subpersonalidades, onde há dissociações geradas por traumas que precisam se reintegrar para trazer a harmonização, tanto que na finalização a menina cresce.

Não aparecem figuras masculinas e quando ela é invocada vem a fumaça escura e a solidão. Trabalhamos a associação interna do sofrimento ligado ao homem que foi feito no psiquismo dela,

para que esse *link* não interferisse mais no casamento. Essa drenagem foi feito pelo próprio consolo da criança alegre.

Quarta vida: Lugar horrível, escuro, com túnel estreito. Eu caio e meu mentor não pode entrar. Tem uma grade e eu estou presa.

Sou uma mulher toda descabelada, sofrida. Muitas marcas de violência. Tem um homem horrível de guarda. É uma caverna. Ele está em uma saída. Depois dele é um lugar cheio de arandelas.

Sacudi a grade, pedindo para me tirarem. O homem fica bravo, tem uma faca, está fazendo uma seta. Está cumprindo ordens do rei. Já chegou a troca da guarda. Sabe que eu sou muito importante, ninguém pode me levar.

(Noite anterior). Vejo-me descendo com dois homens fortes. Sou empurrada e passam correntes. Um fica em vigília. Diz que eu fiz algo e meu povo é muito baderneiro e pode querer vir me libertar. A gente está em lugar seguro, embaixo do palácio.

(Aldeia). Estou com um monte de mulheres. Casas simples. Estou dando instruções, sou a líder. Parecem guerreiras. Ordens de justiça, de lutar pelos direitos do povo. A gente é um conselho. Falo que vou cuidar do que o meu pai deixou.

Sou ungida com espada, meu pai diz que eu tenho que cuidar do povo como se fosse ele. São minha família, a vida deles é a minha vida,

não devo deixar eles escravizados. Tenho que ser guerreira. Eu fui a escolhida. Teria sido a vontade da minha mãe, que me amava muito. Fico vazia. Fico tentando ensinar todas à minha volta após a morte do meu pai.

As mulheres me preparam para sair da aldeia, como um cavaleiro. Não dá para ver meu rosto. Galopo. Castelo enorme. Peço para falar com o rei. Tem um homenzinho que me leva mensagem. Espero muito tempo. “Eu nem lembro que sou mulher, só lembro que tenho uma missão”.

O rei diz que não pode me receber porque está ocupado com a rainha. Peço para qualquer um me receber, pedem o líder e ficam sabendo que sou eu, rindo. O rei diz que vou ter que duelar com o melhor soldado e se perder vou ser presa e ele vai prender o povo. Não acredita em mulher.

Platéia olhando. Estou com medo, rezo pelo meu pai. Mulher rindo muito, rainha. (Mãe atual). Rei mais novo e mais sério. Ele anuncia que quem vai decidir o que fazer comigo é a rainha. Ele não quer ser responsável pela minha vida, quer a aldeia para proteger o castelo, mas eu não quero me aliar a ele.

Eu luto muito, fico muito cansada. O soldado só me domina, não me machuca. Ele me deixa no chão e põe a espada no pescoço, tira um pouquinho de sangue. Ele tá sofrendo por ter me vencido. A rainha diz que vou ficar isolada na

masmorra. Vou ser bem tratada mas não vou liderar, meu tempo de glória acabou.

(Morte) Frustração. Não pude fazer o que prometi. Meu povo sofreu muito, perdemos vários. A rainha ia lá e zombava de mim. Dizia que mulher só pode ser rainha, não líder. Tentaram me libertar. Levam-me no colo. Morro na aldeia. Sinto-me feliz. Eles me perdoam. Já é outra geração. Enterram-me no túmulo do meu pai.

(Pai) Olha-me com carinho. Pega nas minhas mãos. Peço desculpas e ele diz que sabia que estava pedindo algo impossível. Disse que meu exemplo deu força para as mulheres e seus filhos e que eles foram aliados do rei sem serem dominados. Para Deus o que fica são os exemplos de ter tentado. Eu era uma vencedora.

Essa sim definitivamente foi uma vida guerreira, mas ainda assim com o feminino sendo o ponto que traz a derrota. Colaborava para a depressão pela frustração e culpa de não ter conseguido, de ter perdido e a aldeia toda ter sofrido com isso.

O que foi muito importante para Leticia ouvir foi a conversa posterior com o pai, onde ele explicou que o que importava era o exemplo e não ser vitoriosa. Ou seja, foi internalizada a frustração por causa da longa vivência na masmorra, mas houve vitória. Sem ela saber o objetivo foi cumprido.

Isso acontece muitas vezes em TVP, a situação de um determinado sentimento ser internalizado por uma morte dolorosa ou longa e perder-se a noção de todo. Ao entender o que realmente acontecera na regressão, Leticia se sentiu livre, tirando um imenso peso das costas. Pela culpa ela se mantinha ligada a toda a aldeia, se martirizando.

Quinta vida: Fogo, muito fogo. Pessoa queimando nele. Sai correndo com as roupas queimadas, uma bruxa empurrou ela lá dentro.

A bruxa disse que é para dar castigo. Não quer fazer as coisas, o serviço da casa. Tinha que pegar água, era pesado. Ela tá cansada, tem dores nas costas.

Queima o cabelo dela. A bruxa é uma mulher muito má. Foi para lá porque estava com fome. Minha mãe atual é a bruxa. Eu sou a moça. Ela quer ir embora, mas está presa. Está no quartinho dela. Corta os cabelos queimados. Decide pular a janela para fugir. Tá sem forças. Muito fraca. Mas pulou e foi.

É noite. A mulher má tá dormindo. Sai correndo no meio da mata. Quer ficar longe da casa. Pega qualquer caminho. Tá mais tranqüila. Se sente só mas não sente medo, tá mais feliz.

Tá dentro de uma carruagem, com roupa estranha, tampando a cabeça. Foi para um convento, um lugar grande. É irmã de caridade. É uma espécie de mosteiro. Ela é órfã, não tem

para onde ir. A mulher má ficou conformada. Só ficou reclamando.

(Programação encarnatória)

Precisava aprender a aceitar e perdoar.

Mesmo ser freira era melhor que ser subjugada pela mulher má. Essa influência trazida para o presente era o que Roger Woolger chama de *samskara*, as feridas da alma. Viver com a mãe novamente acionou essa tendência e ela caiu no oposto: ao invés da castidade da freira, teve vários relacionamentos. E hoje, com o relacionamento estável, estava integrando os opostos e deixando a carga de depressão para poder ser feliz.

Várias outras questões foram trabalhadas com Leticia, num total de dez sessões quinzenais. Ainda abordamos a relação com a mãe de forma mais aprofundada e também a relação com os filhos e com o marido.

Sobre depressão as vidas principais foram essas 5 mais as subpersonalidades. E a depressão cedeu, ela parou totalmente a medicação. Quando nosso trabalho com as vidas passadas ficou concluído, ela continuou o trabalho de psicoterapia tradicional – seu terapeuta junguiano foi muito colaborativo e aproveitou nosso material de sessão. Seria ótimo se todos nós trabalhássemos em conjunto!

O trabalho com Leticia foi literalmente um mergulho na sua sombra e os resultados foram extremamente visíveis. Ela compareceu à nossa última sessão alegre, cheia de planos, contando

empolgada sobre as melhorias na família toda, na relação com a mãe, com o marido.

No caso da depressão, se você sofre com ela, na TVP você pode encontrar uma forma de resolver a questão sem precisar ficar se dopando com remédios pesados. Claro, em momentos de crise eles são altamente necessários e apenas o médico pode intervir para ministrar ou retirar.

Mas a TVP vai direto na causa do que está trazendo a depressão e não nos sintomas. Por isso é tão eficaz. Nem todos os tratamentos são tão rápidos quanto o de Leticia, ela tinha um alto poder de reação e já tinha trabalhado muito seu psiquismo na terapia junguiana. Mas para quem se dispõe a fazer o tratamento até o final, a TVP é altamente eficaz e recomendável.

Vida Profissional

*Sou Hefestos,
imperfeito e impreciso,
que busca na beleza
e na arte o complemento.
Icaro estrela*

Revisão bibliográfica

Hefestos é o deus que compensa sua feiúra e rejeição pela mãe Hera com o trabalho. Cuida das forjas vulcânicas e é o trabalhador do Olimpo.

A vida profissional mostra muito sobre os traumas passados que alguém pode ter. Para algumas pessoas ela nunca é problema, tudo flui maravilhosamente. Para outras não, tudo é empacado e travado, as oportunidades parecem escorrer como grãos de areia pelos dedos.

Não necessariamente os que têm a vida profissional estabilizada estarão isentos de procurar o consultório por esse fator. Eles podem pecar pelo excesso, serem *workaholics*, Hefestos viciados em trabalho. Podem descontar no trabalho a frustração dos outros setores que não vão bem.

Também existem as pessoas que conseguem oportunidades, mas em algum momento sempre perdem tudo. A vida acontece em ciclos, oscila entre altos e baixos e essa oscilação constante vai gerando sintomas como insegurança e baixa auto-estima.

Vamos agora analisar quais fatores podem interferir na vida profissional quando analisamos o passado da humanidade através das regressões.

1) Morte ou traição em liderança

Quando no passado a pessoa morre disputando pela liderança pode ficar gravado que esse tipo de disputa é perigoso e é melhor ficar

quietinho no canto. Isso pode gerar uma vida profissional boa, mas não com destaque. Ou se a profissão exige uma postura pró-ativa, pode gerar problemas e “puxadas de tapete”.

É o caso de Anete, apresentado por Célia Resende, que morreu na Idade da Pedra disputando a posição de feiticeiro. E também do líder italiano que foi envenenado, caso anônimo da mesma autora.

2) Mau uso de magia e pactos para conseguir poder

O abuso de magia costuma gerar uma aura negativa que envolve a pessoa, pela cobrança de seus desafetos e pelo próprio retorno da energia negativa que foi lançada.

Pode também haver um bloqueio para qualquer contato com o assunto. Muitos médiuns que se recusam a trabalhar, como relatei na parte de enxaqueca, o fazem por esse fator. Nesse caso o prejuízo é apenas no trabalho fraterno, mas alguns se sentem atraídos profissionalmente pela área holística e não seguem carreira por causa da repulsa de passado.

Elaine de Lucca comenta esse fator no caso Celina, onde ela foi charlatã uma vez e denunciada injustamente para a Inquisição em outra vida. Isso estava bloqueando seu talento natural de trabalhar com o Tarot.

Em outro caso anônimo da autora vemos a questão dos pactos mágicos. Muitos feiticeiros poderosos podem aparecer reencarnados como

pacientes e é nossa tarefa desfazer qualquer pacto ou juramento que tenha sido feito quando havia desconhecimento das leis universais e o objetivo era única e exclusivamente poder e dinheiro.

3) Voto de pobreza e vida em reclusão

Quando é feito o voto de pobreza em uma vida monástica, especialmente franciscana, podem sobrar resquícios disso.

Denise Linn contra a sua própria história, que mostra uma sabotagem como terapeuta por ter sido um monge. De forma nenhuma trata-se de questionar o voto, mas sim conscientizar a personalidade de passado que hoje, como terapeuta, ela precisa de dinheiro para poder levar sua mensagem a mais pessoas. Tudo é uma questão de negociação. Digamos que naquele tempo não haviam gastos como publicação de livros, aluguel de consultório, divulgação e coisas do tipo.

4) Trauma relacionado ao padrão atual ou colegas

O ambiente profissional é uma boa oportunidade para reencontros e costuma ser devidamente aproveitado para esse fim pela espiritualidade. Reencontrar um inimigo pode gerar uma série de sintomas, pois além de tornar as coisas difíceis no profissional isso contribui para acionar todas as cargas presentes na(s) vida(s) em questão.

Já atendi casos onde havia o resgate atual até com entrevistadores em processos de seleção, e surpreendentemente a pessoa estava fazendo várias entrevistas para ir reencontrando as pessoas que iam conduzir as dinâmicas de grupo. Quando terminou de conhecer todos, levantou toda a carga de passado e tratou esses conteúdos em terapia, conseguiu seu emprego.

Elaine de Lucca mostra o publicitário que é uma junção de alguns fatores: obsessores cobrando, traição em liderança, exploração financeira e a ligação desarmônica com o chefe, que era quem o induzia a fazer os esquemas financeiros no passado.

Temos no caso Romeu, de Helga Krelling, uma situação onde o patrão atual era o carcereiro de passado. Por isso a extrema dificuldade em encontra-lo todo dia no trabalho, ele ficou associado inconscientemente a desespero e situação de prisão. Pobres chefes, nem sempre eles são tão maus!

Ainda com Helga Krelling, no caso Luiz Augusto, temos duas situações de morte com seu gerente atual. As duas mortes envolviam a garganta e hoje em contato com o antigo rival ele era acometido de crises de laringite e de sensação de incapacidade, típico de pessoas que possuem desarmonias no chakra laríngeo.

O trauma pode ser afetivo também. Denise Linn mostra no caso Sue que havia uma ligação de raiva e culpa entre ela e seu patrão e os dois já haviam sido casados. No passado, em uma das

viagens do marido ela morreu soterrada em um acidente e ele viveu atormentado pela culpa.

5) Postulados: Não posso ser rico, se for rico serei infeliz etc

Um postulado sempre faz sentido quando ele é criado. Isso é demonstrado por Denise Linn no caso Mark, que tem repulsa por dinheiro porque na vida passada sua família foi seqüestrada por ser rica. Nesse caso é uma questão de drenar as emoções retidas e adequar à proposta encarnatória de hoje.

Helga Krelling mostra no caso Claudio o postulado: *lutar e vencer é morrer*. Por ter morrido em disputas com apunhaladas pelas costas, hoje ele tinha uma postura insegura.

Um complicador é se forem vários postulados de situações diferentes envolvendo o mesmo tema e atuando simultaneamente. No caso anônimo de Maria Teodora Ribeiro Guimarães, em várias situações houve mau uso de dinheiro e a convicção de que foi a posse de riquezas que conduziu à desgraça. Na verdade foram atitudes equivocadas da pessoa, mas o que ficou internalizado e estigmatizado foi o dinheiro.

6) Internações vitalícias em hospício ou hospital

Ficar restrito a uma instituição que corta pela raiz o poder pessoal pode deixar entranhado no psiquismo o fator dependência. A pessoa não é capaz de buscar nada sozinha, pois na instituição

era mandada o tempo todo e nada fazia por iniciativa própria. Uma essência floral havaiana, *Milo*, cuida especialmente de casos assim.

O caso Monica, de Helga Krelling, mostra uma mulher que foi acusada de louca por inveja e disputa por um pretendente. Sofreu lobotomia e ficou no hospício a vida toda. O histórico das vidas mostra os motivos pelos quais isso aconteceu, já que seu orgulho, arrogância e prepotência eram expressos de forma bem manifesta e isso tudo se traduzia na posição de vítima atual, culminando na depressão.

7) Traumas em situação de exposição

Ter os olhos e ouvidos das multidões sobre si pode ser absolutamente traumatizante dependendo da situação e do seu desfecho.

No caso Anette, de Roger Woolger, temos a mulher que foi expulsa de comunidade ortodoxa por engravidar e a escrava que apanhou até morrer pelo mesmo motivo, além do guerreiro que se recrimina pela desonra de ter perdido sua primeira batalha.

O trauma também pode vir da frustração por estar em uma situação de exposição dependendo da aprovação do público e as coisas se invertem. É o caso do gladiador do caso Angela, mostrado por Raymond Moody. Ao morrer por ordens do povo, gerou-se o que causava hoje o evitamento de situações em grande público, o recolhimento.

Muitas vezes o que falta é uma pitada de ousadia. No caso de Pat Rowe Corrington essa

sabotagem a si mesmo vinha há séculos, pois em várias situações o sucesso não aconteceu por não haver expressão da criatividade. Pacientes assim costumam acreditar que suas idéias são tolas e não merecem crédito – mas quando as contam para alguém sem escrúpulo essa pessoa rouba a idéia e faz sucesso.

8) Questionamento moral com o tipo de trabalho

Nesse último fator temos o caso do piloto de Roger Woolger, que teve a infeliz atribuição de executar um bombardeio na Segunda Guerra. A culpa que carregava pelo fato inconscientemente o sabotava.

Do mesmo autor, temos a mulher que no passado foi um senhor cruel que chicoteava seus escravos. Hoje fugia do poder o mais rapidamente que podia.

Em todos esses casos podemos ver que muitas vezes o começo da vida profissional pode reativar situações de passado que precisam ser tratadas com a ajuda de um terapeuta experiente, para que não se repita nenhum tipo de fracasso desnecessário. Afinal, a intenção é sempre o aprendizado e não o sofrimento.

Vida profissional

Caso Natasha

Natasha era a alegria encarnada. Brincalhona, simpática, aquela pessoa que é sempre a primeira da lista de quem chamar para festas e eventos, pois todos gostam de te-la por perto. Tem sempre algo engraçado para dizer e um coração enorme, que abriga amigos e familiares.

Tinha lá seus problemas e não eram poucos: um marido ciumento e agressivo, duas filhinhas bebês, dificuldades financeiras. Quando ela chegou disse que ou o marido voltava a trata-la bem ou separaria, queria ver como as coisas iam ficar com a harmonização da terapia. Seu marido era totalmente dominado pela sogra, que fazia muitas magias. Ele chegou a bater em Natasha grávida.

Conforme as harmonizações foram sendo feitas ela percebeu que ele era uma boa pessoa e que inclusive o amava, mas que ele não pararia de ceder à dominação da mãe chantagista. Então decidiu pela separação.

Mas então chegamos na parte profissional: apesar de sempre se destacar nas firmas de alimentos que fazia parte, invariavelmente no máximo em um ano e meio era mandada embora. Normalmente por intrigas, invejas e por ser mulher. Ela não entendia: se era boa profissional e se várias mulheres ascendiam na carreira, por que ela não

conseguia? Era inclusive super popular nos lugares onde trabalhava, todos choravam quando ela ia embora, não havia explicação.

Fomos então buscar o que estava acontecendo. Natasha tinha muita facilidade para regredir, então o trabalho foi bem tranquilo. Durante o tratamento ela cuidou de sua mediunidade, que estava bem aflorada, e até hoje trabalha assiduamente em um grupo.

No seu caso trabalhamos com 15 sessões quinzenais de duas horas, abordando vários assuntos. Aqui estão registradas as sete vidas que estavam bloqueando sua vida profissional.

Primeira vida: Sinto que estou gritando.

Vejo que estou no alto de um castelo, gritando com as pessoas. Estou furiosa.

Levanto o vestido para andar, muito nervosa. Chamava todo mundo de burro.

Como se não me obedecessem, não me escutassem e a gente fosse perder.

Eu era a única mulher e eles não me ouvem. Os homens acham que mulher e nada era a mesma coisa, mesmo que estivesse certa.

Eu estava defendendo uma causa em prol daquele castelo. Digo: nós vamos perder!

Muita batalha, um jogando fogo no outro, pedra, atirando. Eu fico escondida, acuada. Ela morre.

Os homens têm que escutar.

Influência: ela me deixa tonta. Ela estava certa mas não escutaram. Se ela tivesse falado de outra forma talvez conseguisse.

Como se hoje fosse a mesma situação: os homens escutam mas não ouvem. Eu tenho que falar o que eles precisam ouvir, diferente. Conhecer a pessoa e falar de uma forma que ela consiga ouvir.

Mentor orienta sobre o Profissional: em equipe ninguém me escutava. Tenho que buscar o como falar. Ela é afobada. Falta posicionamento.

Essa mulher poderosa achava que podia mandar nos outros no grito. Era arrogante e pretenciosa, achava que todos tinham que acatar as suas vontades.

Observamos na sessão que inclusive quando Natasha estava tentando ser ouvida em alguma reunião essa personalidade estava do lado desdobrada aos berros, causando péssima influência. Passava para os chefes que Natasha não sabia liderar, só sabia gritar histericamente. E muitas vezes a Natasha atual sequer erguia a voz, mas a energia que transparecia era a da personalidade.

Com muito custo essa nobre aceitou sair do papel de liderança, pois ela achava que deveria comandar a vida de Natasha e que tudo deveria ser do jeito dela. Fomos mostrando que já que do jeito dela não funcionou, era melhor ela se abrir a novas

possibilidades e passar as rédeas da situação para a Natasha atual.

Segunda vida: Está chovendo nos meus olhos. Fica tudo claro.

Vejo um monte de filme antigo. Santos Dumont. O céu. Uma bomba explodindo com fogo. Me vejo olhando para o céu.

Sou homem. Ele fica estudando o céu. Fica com o corpo todo adormecido. Fica mexendo em madeira, ferro, tá construindo algo. Um avião. Vejo ele construindo.

Fica mexendo a cabeça, não deu certo o que ele planejou. A construção. Estava faltando uma peça. Ele fica frustrado porque não conseguiu. Fica pensando em como resolver. Não conseguiu achar uma solução para o que ele quer. Como se fosse um conhecimento, uma criação que não existia, um conhecimento novo. E ninguém sabia do projeto.

Ele chegou perto de inventar o avião mas não conseguiu. Vejo partes do equipamento no chão, mas ele nunca mais mexeu naquilo. Fica olhando para o céu.

Influência: como se eu sentisse que não consigo achar uma solução nova, não consigo resolver e deixo. Como se faltasse força de vontade.

Esse homem viveu antes da época em que o avião foi inventado e não conseguiu desenvolver a tecnologia que precisava. Justamente por isso

passava uma grande energia de frustração e de que nada vale a pena, já que você não vai conseguir mesmo. Uma apatia enorme.

O que isso gerava era o fato de que quando Natasha começava a perceber que as coisas não iam bem na firma onde trabalhava, ao invés de tentar reverter a situação, se entregava e deixava estar, não tentava inverter o jogo a seu favor. Afinal, ela ia ser demitida mesmo...

Essa apatia toda mostrava que ela estava negligenciando a própria força, como já observamos no caso de Depressão com Leticia. Ao perceber isso Natasha reagiu imediatamente, pois seu lado guerreira ia muito bem, obrigada!

Terceira vida: Mulher muito inteligente.

Era muito avançada para o tempo. Não foi aceita.

Era enfermeira, cuidava de pessoas.

Vejo ela numa sala meio amarrada e colocaram algo na nuca dela. Um cubo preto.

Como se as pessoas pudessem ver e pensar o que ela vê e pensa. Queriam usar o conhecimento dela.

Ela se negou. Arremessaram ela. Ela voa e bate nesse lugar alto.

Isso é no astral. Ela estava preocupada em saber mais, descobrir e nem percebeu essas pessoas infiltradas na equipe. A falha foi a ambição.

Influência: ansiedade. Sede de conhecimento.

Trabalhamos muitas situações no entrevistas, que como já foi dito anteriormente é fundamental na parte clínica.

Nesse caso a ambição fez com que ela perdesse tudo, então essa carga entrava em colapso junto com a apatia e a deixava paralizada. Como se tivesse duas cordas puxando Natasha em direções opostas. Precisamos conscientizar sobre as duas forças, a da apatia e a da ambição, senão não seria possível harmonizar, pois Natasha precisava agora buscar o equilíbrio dessas forças.

Quarta vida: Caímos no espaço. Estou voando lá.

Roupa toda branca. Sandália branca tipo grega.

Sou uma líder. É uma vida antes de vir para a Terra.

As pessoas viviam para procriar, evoluir, em paz. Sem trabalho, para ter conhecimento.

Um integrante do grupo não tem o mesmo coração. É muito esperto, sem a filosofia de vida. Queria tirar as pessoas da linha, me desafiou. Fica correndo sentido anti-horário, deixando todo mundo atordoado. Eu caí e perdi a minha força.

Ele ficou no meu lugar cuidando da nação. Vejo um chapéu preto. Eu não existo mais, sumi. Fico vagando no universo. Fui expulsa.

Eu precisava de força para estar naquela posição. E eu fui fraca. Fiquei me culpando, olhando a situação com coração apertado. Fico triste, chorando.

Fico correndo em volta da situação, no mesmo sentido dele. Revidei. Fiz mal para eles e todas as pessoas do grupo. Despertei neles um sentimento que não existia. E viemos todos para cá.

Influência: a energia bloqueava. Ele determinou um período: 18 meses. É o período que fui líder. É como um feiticeiro. E atualmente todos os meus empregos duraram 18 meses.

É muito comum em TVP trabalharmos as influências que trazemos antes de vir para a Terra exilados. Esse tipo de trabalho é bem profundo e libertador, pois são resquícius antiquíssimos de comportamentos.

Cabe ressaltar que nas minhas pesquisas foi verificado que não recebemos exilados apenas de Capela. Também vieram muitas almas de Órion, Sírius e das Plêiades, entre outros planetas.

Muito interessante essa influência de pré-exílio: Natasha tinha gravado em seu psiquismo que nada na sua vida poderia durar mais de dezoito meses. O que transparecia era a parte profissional por ser mais notória, mas conforme fomos analisando tudo na sua vida tinha ciclos de um ano e meio.

Quinta vida: Me vejo no astral, como um dinossauro. Muito barulho. Pescoçudo, carnívoro.

Influência: agressividade. Falta de tato com as pessoas.

Esse dinossauro, que foi uma forma cristalizada no astral (ou uma vida animal, essa parte é polêmica) trazia a agressividade desmedida, o comportamento de passar por cima de quem precisar quando estiver em disputa, uma coisa instintiva e irracional.

Natasha tem uma personalidade bem forte. Depois dessa sessão começou a se comportar de forma mais suave e feminina.

Sexta vida: Três portas pretas. Me trancaram. Um calabouço.

Não tem dia, noite, tamanho. Sem fim.

Sou mulher, jovem. Fui presa para o julgamento do rei.

Batalha, eu era de outro lugar. Prisioneira de guerra.

O rei me aponta e eu olho para o lado esquerdo. Por causa daquilo fui jogada lá: pessoas. Eram humildes, simples, sujas. Eu lá toda limpinha.

Ele queria que eu fosse ajudar as pessoas e eu não fui. Eu sabia ajudar. Estou de branco. Não ajudo porque era o povo inimigo. Ele me joga no calabouço. Fico lá.

Influência: por eu querer ajudar acabo sendo mais humana que profissional. Culpa por não ter ajudado.

A culpa, sempre a culpa. Por causa dessa emoção não resolvida hoje ela era sempre a boazinha. E para ser a boazinha deixava com que os outros tivessem sempre prioridade, ia se anulando, até que acabava abrindo mão dos próprios benefícios que tinha e acabava sem nada.

Esse comportamento é definido na TVP por Hans TenDam como salvador. O salvador sempre quer ajudar e acaba se prejudicando em prol dos outros. É benéfico, mas deve ser dosado.

Sétima vida: Rodas.

Lugar lindo, paisagem, pessoas de branco. No astral. Quero entrar lá.

Tem uma redoma e eu não passo. Ninguém me vê. Muitas pessoas juntas querendo entrar. A gente começa a cair e volta para a Terra.

Fico meio flutuando. Escutando o que as pessoas falam. Coisas em câmera lenta, devagar. Passou muito tempo, 13 anos. Tinha que aprender pela minha vontade. Por mim mesma. Ao ficar ouvindo fiquei ajudando. O que ouvia eu falava. Falta segurança.

O que fazer: confiar em mim e em Deus. Fico presa na matéria e acabo ficando insegura. Tenho que ficar menos nervosa, ser menos explosiva. Continuar com determinação.

Essa vida trazia reminiscências e apego à última visita ao astral, antes de reencarnar. Sinaliza a importância da segurança e da calma.

Depois dessa harmonização Natasha conseguiu a tão sonhada estabilidade profissional. Já está empregada no mesmo local há dois anos, feliz, conseguiu se separar e hoje sustenta as filhas sem problemas. Dinheiro suado e contado, mas conquistado pelas próprias mãos, sem ter que se submeter às agressões de ninguém.

Muitas pessoas não buscam ajuda na TVP por imaginar que vida profissional seja um tema muito mundano, mas esses dois casos e a revisão provam que na verdade mesmo sendo um tema da nossa realidade atual, envolve muitos assuntos, como a nossa postura perante a vida, auto-estima, votos que tenhamos feito no passado, como foi o nosso comportamento em relação à profissão em vidas passadas etc.

Nesse sentido, é muito importante esse tipo de harmonização, especialmente quando se percebe que existem sabotagens auto-impostas, quando as coisas nunca deslancham.

Vida Afetiva

*Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.*

*Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

Eros e Psique

Fernando Pessoa

Revisão bibliográfica

Já ouvi de muitos pacientes em época de Natal que dá vontade de sair com qualquer um, só para começar a namorar, mesmo que não seja importante. Afinal, é cansativo ir às festas e não ser a pessoa mais importante de ninguém quando dá meia noite. Ser sempre amigo, irmão, mas não casal. Nunca receber o primeiro abraço.

Todos nós já passamos por isso um dia, raros são os abençoados que no primeiro namoro encontraram o amor de suas vidas e foram “felizes para sempre”. Por isso mesmo, Vida Afetiva é um dos “recordes de audiência” nos consultórios de TVP.

Quem vem procurar a TVP o faz justamente porque padrões se repetem sem explicação e as coisas já passaram dos limites. Trinta, quarenta anos de vida e nada de encontrar a pessoa certa. Ou pior: desiludida com o casamento falido, a pessoa toma coragem e se separa. Deixa para trás toda uma estrutura, com a esperança de encontrar a felicidade em outros braços. Mas mesmo assim não encontra. Por que?

Os autores apresentam na bibliografia uma série de motivos gerais encontrados nas vidas passadas para isso acontecer. Vou elencar aqui os

vinte e seis padrões mais comuns que podem bloquear a vida afetiva de uma pessoa. Confirmam sempre o quadro após o texto para pormenores.

1) Traição

Sempre que há traição (ou traições) no passado, há uma eterna desconfiança sem motivo entre o casal. Mesmo que nunca tenha acontecido nada de errado atualmente, há sempre crises de ciúmes, brigas, reações de defensiva.

No caso Dan, colocado por Brian Weiss, o homem foi muçulmano numa vida passada e matou sua mulher ao ser traído. Nesse caso temos um agravante cultural que potencializa a questão da traição, pois os muçulmanos antigos são bem radicais em relação ao comportamento feminino.

Helga Krelling já mostra a traição por interesses diversos. No passado era muito comum que as pessoas agissem sem escrúpulos para conseguir o que queriam.

A morte era bem mais banalizada e vista de forma natural, não havia punições severas como hoje. Muitas mortes eram tramadas e executadas na surdina, resolvendo pendências emocionais e familiares. Muito disso faz com que ainda precisemos encarnar em situações difíceis. Por isso o resgate amoroso é comum entre antigos inimigos. Inclusive é comum que casais felizes ao fazerem regressão encontrem situações de adversidade, mas hoje o amor fala mais forte.

Também pode haver a traição por omissão, como apresenta Morris Netherton. A mulher é condenada por fofoca e o homem não se posiciona para ajudá-la. Omissão por medo, omissão por conveniência social, a alma guarda essa omissão e espera que aconteça o mesmo hoje, por isso se defende.

No caso da traição, o terapeuta precisa ser pontual, pois normalmente as personalidades de passado odeiam o fato de estarem juntas reencarnadas como casal e fazem de tudo para provocar uma separação.

Enfim, no caso de traição o problema de hoje se dá por mecanismo de defesa inconsciente, que nos coloca na defensiva em relação à alguém que já nos magoou.

2) **Abandono**

O abandono pode ser uma carga presente de algumas formas. Por *carga* entendemos qualquer conteúdo de passado que não tenha sido assimilado e aprendido e venha em forma de pendência para a vida atual.

Brian Weiss apresenta em *Só o amor é real* vidas que se cruzam de um casal que ainda não se conhece atualmente – Elizabeth e Pedro, dois pacientes para quem ele foi o Cupido. Entre as vidas dos dois, aparecem algumas situações de abandono.

Em uma das vidas de Pedro, ele foi uma prostituta que abandonou o grande amor por

dinheiro. Esse tipo de carga emocional de passado trás para hoje uma sensação de que não é possível ser feliz, que amor é um jogo. Ex-prostitutas costumam ter esse tipo de mentalidade, pois na verdade o amor era apenas a vida profissional delas. E o que acontece é uma sabotagem das relações, dificuldade de se envolver, frieza e tendência à promiscuidade.

Outro tipo de abandono é o que Elizabeth sofreu, onde sua aldeia foi invadida e ela foi levada como escrava e foi estuprada. Como foi verificado depois no cruzamento das vidas dos dois, seu marido não tinha morrido, mas não sabia que ela também estava viva e por isso não foi resgatá-la. Ela guardou no inconsciente a sensação de ter sido abandonada à própria sorte. É comum que por não sabermos de todos os fatos da nossa vida (atual e passadas) façamos uma má interpretação, uma distorção. E é isso que fica marcado. Muitos maus entendidos ocorreram na história causando desgraças e nas histórias pessoais também. Esse tipo de carga traz uma sensação de vitimização e de desconfiança.

Nesse caso acontece um mecanismo de defesa do tipo evitativo: *para não sofrer de novo não vou me relacionar com ninguém, ou vou me relacionar com alguém que sei que não vai dar certo, aí não me arrisco*. Muitas pessoas trazem esse tipo de crença e condicionamento.

O terceiro tipo possível de abandono é o que apresenta Morris Netheron: ser de fato

abandonada, no caso uma garçonete que se relacionou com um homem, ele foi embora e logo após isso ela tropeçou e morreu. Como no caso a morte foi na seqüência do abandono, ficou marcado para ela que ser abandonada é a pior coisa que pode acontecer.

Nesse caso temos outro problema cultural: antigamente para mulheres não escravas era algo desonroso e grave ter relação sexual com um homem e ele sumir no dia seguinte. Hoje em dia é algo que pode ser absolutamente normal e às vezes é incentivado culturalmente que o relacionamento seja assim, especialmente na juventude. Ou seja, ao passar por algo comum para a mulher moderna, pode ser acionada uma situação terrível de vida passada e toda a carga emocional é acionada junto.

Roger Woolger mostra no caso Rick como é comum que um acontecimento na vida atual reative uma série de fatos similares do passado que ficam ressoando, o que ele chama de *samskara* (ferida da alma). Ao ter problemas afetivos, Rick resgata uma situação de órfão, sua vida intra-uterina onde o pai estava na guerra e uma situação de menina única sobrevivente de guerra. Isso tudo coloca o ego em postura de vítima e de ressentimento com a situação.

3) Inversão de papel

Inversão de papel se caracteriza por situações onde o casal atual já foi mãe e filho,

irmãos, amigos, adversários, ou qualquer tipo de relação que não seja a conjugal. Causa um embaralhamento de sentimentos que normalmente sabota a relação.

No caso que Brian Weiss apresenta, Martine foi filha do marido atual e como na vida passada sua mãe morreu de parto, ele a tratava rispidamente e a culpava. Essa situação trazia para a vida dos dois um excesso de crítica e rigidez, que foi dissipada posteriormente, porque deixou de existir a vibração de pai lidando com uma criança indesejável.

Judy Hall também traz o caso de um homem que sempre tinha a figura da mãe envolvida nas suas fantasias sexuais e em regressão descobriu que eles foram amantes no passado, o que sabotava as relações atuais dos dois.

Quando existe esse tipo de confusão o ideal é que um dos membros do casal – os dois de preferência – busque a terapia, pois algo simples de resolver em TVP pode gerar anos de infelicidade e brigas que buscam resolver uma energia intangível permeando o casal, mas que não pode ser resolvida pelas vias normais de diálogo, dado que o assunto aconteceu alguns séculos atrás.

4) Amor envolvendo morte

Esse tema é o que mais retrata o resgate cármico entre o casal e o mais comum de ser encontrado em desarmonias de vida afetiva.

Quando a morte é um ataque mútuo, a tendência é a reencarnação juntos para a harmonização e perdão.

Voltamos ao exemplo de Brian Weiss e Dan, seu paciente ex-muçulmano, que matou a mulher por causa de sua traição. Em casos assim é muito comum que a personalidade de passado se apresente cheia de razão e até brava por estar sendo questionada. Afinal, na visão da personalidade ele agiu corretamente, já que fez o que a lei mandava, não se deixou dominar pela emoção e limpou sua honra. O que o terapeuta intrometido quer discutir então? Argumentações assim são comuns nesses casos. E com um muçulmano também não adianta querer discutir preceitos judaico-cristãos, é necessário contra-argumentar dentro da realidade dele, o que exige conhecimento cultural do terapeuta. Nunca podemos partir da nossa visão de mundo, é necessária uma visão transcultural e atemporal.

Bruce Goldberg traz no caso Carl a morte por rivalidade, onde a atual esposa foi a sogra que disputou território em guerra com ele após a morte do sogro e ganhou. Conviver juntos após esse tipo de disputa pode trazer sintomas como o que Carl apresentava: impotência.

No caso Ana Lucia, de Célia Resende, acontece uma morte por descobrir as atrocidades que o parceiro já tinha feito e por vingança à morte da própria mãe. Não é à toa que um dos sintomas na vida atual era raiva e descontrole, toda essa energia era sentida atualmente sem se saber a causa

e inconscientemente a raiva estava relacionada ao relacionamento a dois, o que contribuía para as atuais dificuldades.

Elaine de Lucca, no caso Isabela, traz a questão da morte entre cônjuges envolvendo segredo. Esse tipo de carga costuma trazer um evitamento de relações na vida atual, pois relacionar-se causou morte e um segredo necessário de se carregar para preservar a vida. O inconsciente passa para a vida atual a mensagem de que ter um relacionamento pode ser perigoso e arriscado.

Morris Netherton mostra a morte por defesa. Em um harém, o sultão mata uma das suas esposas. A odalisca, vida passada da paciente, o mata. Historicamente é muito usual situações onde a questão é matar ou morrer e a escolha é matar. Mesmo que isso seja inevitável a alma carrega consigo a sensação de ter feito algo imperdoável e se essa carga está associada ao afetivo o resultado é: *melhor não me relacionar novamente*.

Uma questão cultural que aos olhos de hoje poderia parecer irrelevante também pode ser motivo de morte no passado, como no caso Romeu e Marina, de Helga Krelling. Simplesmente por julgar que sua mulher é expansiva demais, um guerreiro mongol a mata.

Outro tipo de morte traumática ligada ao relacionamento afetivo é apresentada por Roger Woolger: a mãe prostituta que mata o seu bebê jogando-o na parede, pois precisa continuar sua vida. Em vista disso, a alma acredita que não

merece ter filhos, por ter cometido tal injúria. Escolhas insensatas de passado que reverberam para o presente causando mais escolhas negativas, até que sejam acessadas, drenadas e conscientizadas.

5) Prostituição

Além da situação já demonstrada no caso de Brian Weiss, Denise Linn apresenta um outro tipo de carga que a prostituição no passado pode proporcionar. No caso Karen, ela foi um garoto de programa numa existência passada e a idéia fixa que a alma trazia era que *a beleza física é prejudicial e vai trazer degradação*. Por isso a mulher atual não conseguia nem se relacionar e nem perder peso, pois buscava sabotar seu físico para tentar ser feliz com alguém que não se interessasse só pelo corpo.

Difícilmente alguém segue o caminho da prostituição por opção, sempre há um motivo forte que conduz a pessoa. Seja necessidade de dinheiro, poder, ter nascido em condição de miséria, ser obrigada por alguém. Mas como já foi dito no caso de Brian Weiss, as prostitutas de passado costumam trazer gravado em si que *o amor é um jogo e um negócio* e isso causa comportamento evitativo.

Silvia Browne mostra que no caso de Mary Beth sua prostituta de passado até gostava do que fazia, porque se sentia apreciada. Como as prostitutas, especialmente as cortesãs, eram conhecidas por serem ótimas conselheiras – eram

mulheres muito cultas – Mary Beth trazia o padrão de ser sempre a conselheira e nunca a esposa.

Mauro Kwitko descreve o caso de uma mulher que morreu de doença venérea por ter sido prostituta e hoje traz o HIV positivo. Doenças assim costumam ocorrer como drenagem de passado, como se fosse um “freio”, para que a pessoa possa refletir sobre seus valores internos.

Quando trabalhamos com prostituição, existe a questão de retirar a personalidade atual do papel de conselheira, do papel degradante e promíscuo e de baixa auto-estima. É comum também encontrar pessoas em relacionamentos destrutivos sem reagirem, pois as prostitutas estavam acostumadas a serem mal tratadas, eram um corpo a ser usado para o prazer de alguém que não o seu.

6) Voto de Castidade

Na via oposta, ex- padres e freiras trazem consigo o juramento de castidade feito no momento da ordenação e também o desinteresse geral por relacionamentos afetivos. Normalmente são cuidadores que se envolvem com a busca pelo bem comum, pela ajuda ao semelhante. Vestem-se de maneira simples e discreta, têm hábitos solitários, místicos e sempre são procurados pelos amigos para desabafar.

Como é comum que transitemos entre opostos para encontrarmos nosso equilíbrio, é possível que no histórico encarnatório encontremos

padres e prostitutas, como Brian Weiss apresenta na vida de Pedro. Ele foi monge forçado, mas encontrou a felicidade dentro do mosteiro com a amizade de um abade, seu atual irmão que tinha morrido há pouco e deixado imensa dor. Após se desprogramar dessas tendências monásticas e promíscuas, ele pôde encontrar a felicidade com Elizabeth.

Elaine de Lucca mostra outra situação comum: a mulher descobre que foi traída e por causa de grande desilusão vai para o mosteiro ser freira. Nesse caso, a carga é de *pare o mundo que eu quero descer* e caso haja alguma outra grande desilusão na vida atual - como estava acontecendo com a infelicidade conjugal - aciona-se o isolamento monástico.

Judy Hall mostra o caso de uma mulher que foi para o convento no passado para ser separada do amor de sua vida. Atualmente os dois se reencontraram, mas tinham uma relação platônica e mal resolvida, com influência desses conteúdos de passado.

No caso Ivone, apresentado por Roger Woolger, temos um complicador: uma freira que foi violentada e estuprada, como também ocorre no caso Maria, de Edith Fiore. Dessa forma, a relação sexual fica com a carga de pecado, violação, a coisa mais suja do mundo. Segundo ela, uma verdadeira traição ao Senhor. Naturalmente, o sexo não será visto com bons olhos se essa carga for acionada.

Em perfis assim é importante conscientizar a personalidade de passado e obter sua permissão para que esse voto de castidade fique restrito à vida passada e seja revogado hoje, já que hoje a vida não é mais monástica. Muitas vezes, como vimos claramente no capítulo de auto-obsessão, as nossas vidas não percebem nem que morreram e nem que estão unidas a nós. Por isso continuam nos mesmos comportamentos e hábitos.

7) Abuso Sexual e Estupro

Esse tipo de situação no passado é normalmente a marca de sintomas atuais como frigidez e impotência. Quando há um abuso o assunto sexo vira tabu, é algo repulsivo, pois o que há de mais íntimo na pessoa é violado de forma brutal e deixa uma marca traumática que às vezes nem o tempo apaga.

Edith Fiore mostra o estupro mesclado com acusação de incesto que não ocorreu, no caso Patrícia. A adolescente Meteus, no antigo Egito, é expulsa de casa pela mãe que tem ciúmes dela com o pai e acaba sendo estuprada. Traz para o presente a vergonha e o nojo do estupro, aliado à sensação de injustiça e desconfiança por causa da atitude equivocada da mãe.

Novamente com Elizabeth e Brian Weiss temos a situação na aldeia da Mongólia. Isso gerou o que chamamos na teoria de *hangover*: uma saia suja, um peso que ficou sendo carregado. Naquela vida ela simplesmente existiu, não conseguiu realizar mais nada. E fez com que hoje Elizabeth se

apresentasse de forma seca, ríspida e sempre se envolvendo com o homem errado.

É como se a pessoa que foi abusada acreditasse que não é mais digna de amor verdadeiro, especialmente quando o estupro aconteceu em alguma situação mais grave, como mostra Morris Netherton. No caso Ann Boyd, ao ser estuprada por um padre e ouvir uma freira dizendo a ele que Deus iria castigar, ela assimilou aquela informação para si em relação ao sexo, apesar da frase ter sido direcionada ao padre. Para completar a tragédia, logo depois todos morreram em um terremoto e o sexo ficou associado a sujeira, pecado e morte.

Elaine de Lucca mostra no caso Nice um complicador de relacionamento atual. O marido atual foi seu estuprador no passado e quando o marido do passado percebeu que ela não era mais virgem a repudiou e viveram como estranhos. Logo, hoje o marido de passado que a repudiou não estava mais presente e ela se casou com seu estuprador. A carga chegou ao casal sem que nenhum dos dois soubesse o porquê e veio em forma de sintoma: incapacidade de sentir prazer.

Ser o estuprador, como mostra Elaine de Lucca, pode acarretar problemas sexuais atualmente pela carga de culpa e também pela perseguição astral das estupradas. Também é comum que se passe pelos dois papéis, de estuprador e de estuprada, como mostra Roger Woolger no caso Hildegard.

No caso Roseli, de Helga Krelling, vemos que ela tem raiva injustificada do marido e depois percebe que ele a estuprou no passado e ela o envenenou. Como disse, mesmo os casais que têm pequenas brigas e são felizes de forma geral podem ter problemas graves no passado. No caso, quando o atual marido cometeu uma violência sexual no passado, a tendência é que a mulher sinta asco ao fazer sexo com ele, aquela raiva chega em forma de pequenas brigas e implicâncias.

Quando o estupro acontece na infância de uma vida passada é ainda mais difícil para o psiquismo lidar com a carga. Ainda mais se for como no caso Maria, de Edith Fiore, onde Phileppa tinha apenas nove anos e era usada como objeto sexual por onze homens simultaneamente. Em dado momento se rebelou e foi decapitada, mas a morte trouxe um misto de alívio e sensação de estar perdida. Naturalmente na vida atual ela se sentia usada e sem rumo nos relacionamentos.

Por fim, Roger Woolger descreve no caso Melinda um estupro brutal, por sete homens em seguida, e uma gravidez em decorrência do estupro. No caso ainda houve a reincidência de abuso sexual na vida atual. É o *samskara* (ferida da alma) a ser trabalhado.

8) Jura de amor (ou voto de compromisso)

Em casos assim, em determinada vida foi feita uma jura de amor eterno, uma promessa de que não haveria mais qualquer forma de

envolvimento com outra pessoa. A alma costuma levar esse tipo de coisa a sério.

Célia Resende mostra no caso Lidia que mesmo esse juramento tendo sido feito no leito de morte do marido no século XVIII, ele ainda persistia. Lidia levava uma vida solitária e não permitia que ninguém se aproximasse.

Para resolver esse tipo de situação em terapia, trazemos o antigo marido para que seja conversada a possibilidade de desfazer essa jura. Às vezes há resistência da outra parte, mas sempre é possível se chegar a um acordo para o bem comum.

9) Mal entendido gerando postulado

Postulado é uma idéia fixa arraigada no psiquismo que foi sendo reafirmada no decorrer das encarnações por fatos e situações diferentes na forma, mas semelhantes na essência. São frases do tipo “a vida não serve”, “eu sou fraco”, “nada vai dar certo”, “ninguém gosta de mim” etc. Qualquer programação mental em forma de crença e idéia fixa pode ser considerada um postulado.

O caso Luiza de Célia Resende mostra uma situação interessante. Dentro da realidade de uma mãe agredida, fazia sentido não confiar nos homens. Mas quando a mãe disse para a filha como recomendação não confiar em homem nenhum, isso transformou-se em um comando (postulado) que foi trazido até os dias atuais, mesmo que a filha

(a vida passada de Lidia), nunca tenha sido agredida por homem nenhum.

O caso Sandra já traz a situação onde a mulher de passado julgou ter sido abandonada pelo marido, pois ele não retornou mais para casa. Na verdade, ele recebeu uma ameaça de morte e foi encontrar seu agressor. Acabou morrendo tentando defendê-la. Como ela não teve total conhecimento do que aconteceu, interpretou os fatos de forma errônea (teria sido abandonada) e guardou consigo uma carga que na verdade não existia.

Isso é muito comum de aparecer em traumas intra-uterinos, como mostra Morris Netherton novamente no caso Ann Boyd. A mãe não era amada pelo pai e acreditou que ninguém amaria seu filho (ainda um feto). Ann, no período gestacional, assimilou aquela idéia e desenvolveu problemas na auto-estima.

Vemos novamente com Bruce Goldberg o caso Carl. Temos dois amigos, um deles a personalidade de passado de Carl e outro a personalidade passada de sua esposa atual. Carl no passado mata acidentalmente o amigo (a mulher atual). Quando vai socorrê-lo, ele diz: *Não me toque*. Isso vira como uma “ordem de comando” no inconsciente atual e o casal de hoje não consegue estabelecer a relação sexual.

A generalização de uma idéia também pode ocorrer por testemunho de uma situação traumática com outras pessoas, como no caso Patrícia de Edith Fiore. Margarita (Patrícia no passado) escolhe

engordar e não ser atraente para não sofrer, pois testemunhou o abandono da mãe quando o pai a deixou por outra mulher mais nova e mais bonita. Patrícia reproduzia a mesma situação hoje, não se permitindo ser feliz sexualmente.

Da mesma forma, um erro que a pessoa tenha cometido pode ser generalizado em um postulado. Maria Teodora Ribeiro Guimarães apresenta um caso onde a mulher abandona seu marido paralítico para ficar com um amante e é por fim abandonada. Ela transfere tudo que aconteceu para *sexo é ruim*, sendo que o foco deveria ser a atitude dela.

Um dos casos mais claros de postulado generalizado ocorre com Henry Aiken, apresentado por Morris Netherton. Em situações diferentes ele ouviu que deveria vir rápido (em inglês *come* significa “vir” e “ejacular”). Em algumas situações o significado era vir rápido e em outras ejacular rápido. O inconsciente generalizou o termo e hoje como consequência dessa associação, Henry apresentou ejaculação precoce. Só que a ordem “ejacule rápido” fazia sentido apenas para um escravo reprodutor e para um adolescente se relacionando escondido. Judy Hall também mostra o caso de um relacionamento oculto que trazia como sintoma a ejaculação precoce.

José Antonio de Souza apresenta o caso de uma mulher que era empregada, foi proibida de namorar e acabou sendo descoberta em flagrante. Ficou gravado: *nunca mais vou amar ninguém*.

Esse tipo de situação ocorre mais normalmente aliada a traumas fortes, onde o ego colapsa. É típico do momento um pouco antes da morte, quando as idéias vão ficando confusas e uma última frase vai ecoando na mente. Em regressão trabalhamos muito com essas frases-chave, que inclusive são consideradas por Netherton como a melhor ponte de entrada para acessar uma vida passada.

A situação de fixação do postulado pode estar antes da morte física também, como Brian Weiss sinaliza no caso Martine. Em vida passada o pai ficou com raiva porque a mãe morreu no parto da vida anterior de Martine e por isso sempre a maltratou. Daí veio a idéia: *tenho que ser decidida*, pois ela precisava de enfrentamento e firmeza para lidar com o pai. Hoje isso trazia uma personalidade feminina forte demais, masculinizada, onde os homens mal conseguiam chegar perto.

Essa parte é um pouco difícil de dosar no mundo moderno, pois muitas vezes a mulher é obrigada a assumir um comportamento masculino, especialmente na parte profissional. De qualquer forma, seja por qual for o fator de passado, essa postura masculina sempre deve ser dosada, senão pode interferir muito e boicotar a vida afetiva.

O importante é entender quando e porquê a distorção aconteceu, para que a alma possa absorver os fatos reais e como viveu na ilusão por tanto tempo, tendo assim a possibilidade de

redirecionar comportamentos e atitudes de forma consciente.

10) Corpo físico repulsivo

No passado pode ocorrer que a pessoa manifeste uma existência ou mais onde foi particularmente feia ou repulsiva fisicamente. Esse tipo de situação costuma acontecer com o objetivo de um resgate de karma, pois a pessoa pode não ter usado a beleza de forma positiva e produtiva.

Novamente no caso Nise, com Elaine de Lucca, vemos que ela foi um homem feio que acabou sendo rejeitado e por isso cometeu um ato de violência. Na vida atual vinha a dificuldade com o corpo, dessa vez de forma sexual, como resgate por não ter aceitado a rejeição anterior. O aprendizado necessário é que nosso corpo é apenas um veículo e o que vale são os valores internos e o crescimento espiritual.

11) Mau uso de magia

É muito comum que as pessoas se envolvam com magia negra no passado em busca de poder e dominação. Na grande maioria das vezes os erros cometidos pela humanidade objetivaram a supremacia de valores como poder e sexo e a magia negra está incluída nesses erros. Pessoas assim trazem consigo uma “nuvem negra”, que repele os outros sem qualquer explicação aparente.

Ainda no caso Nise, de Elaine de Lucca, temos um exemplo do que ocorre no mau uso de magia. Após algumas manipulações, sua vida

passada de feiticeira foi queimada e sofreu horrores no entrevidas por séculos. Na regressão, esse tipo de personalidade costuma se apresentar de forma ativa, desafiadora e orgulhosa. É necessário retomar os erros cometidos e mostrar na prática toda a carga que está sendo trazida por conta disso, até que a personalidade concorde em desfazer as magias.

12) Inversão de polaridade

A questão da homossexualidade pode ser explicada em TVP como uma alma que vivenciou muitas vezes o papel masculino e veio dessa vez como mulher e vice-versa, que é o que chamamos de *inversão de polaridade*.

Judy Hall mostra o caso de uma mulher que se sentia como um jovem homossexual e de fato no passado ela foi. A alma não estava acostumada com o novo corpo e trazia as tendências de passado. No caso a paciente era heterossexual, mas é muito comum situações onde a homossexualidade ocorra por confusão causada pelo fator polaridade.

13) Casamentos compulsórios

Edith Fiore mostra no caso Patrícia que Zawn, uma antiga africana, sentia profunda decepção e vergonha com seu marido, pois ele não tinha comportamento guerreiro e a humilhava na frente da aldeia toda. Foi obrigada a permanecer casada com ele, mas hoje a obrigação se converteu em frigeidez, já que o marido atual era o mesmo

marido africano reencarnado. Seu corpo tinha a marca da frustração e o rejeitava inconscientemente.

Sabemos historicamente que a opção de escolher o marido, ou mesmo escolher não casar, é absolutamente moderna. Muitas mulheres e homens podem ter esse tipo de trauma no passado e hoje evitar se envolver para não perder uma liberdade arduamente conquistada – mas que também tem seu preço. Hoje temos a liberdade, mas também a solidão.

14) Castração

O caso de castração apresentado por Roger Woolger causa um sintoma literal, a impotência atual. O inconsciente guardou consigo a sensação de membro faltante.

Também é mostrado pelo mesmo autor um caso onde a castração foi em consequência da recusa de participar de um estupro. Nesse caso, como a vida atual era de mulher, o que ocasionava era um medo de estar no mundo, um recolhimento.

15) Esterilidade

Era uma grande vergonha para a mulher, no decorrer da história, não poder engravidar. Ainda não havia conhecimento científico, muitas vezes o próprio homem poderia ser o estéril, mas a culpa recaía sobre a mulher. Muitas já foram repudiadas e humilhadas por esse fator, como se fosse um castigo.

No caso Evelyn, Bruce Goldberg mostra que foi isso que aconteceu a Lilly, que passou a vida toda tentando engravidar e sentiu o peso da esterilidade se abater sobre seu casamento. Hoje Evelyn se sentia sempre em dívida com os homens, como se os fosse decepcionar.

Roger Woolger mostra no caso Gwen que a esterilidade é um fardo tão pesado a ser carregado que pode levar a mulher a cometer um crime, na loucura por tentar resolver sua vida. Ela raptou uma criança e ao ser pega foi jogada em um poço e mantida lá viva, só recebendo comida, o que trazia uma série de sintomas atualmente.

16) Obsessão espiritual

Obsessores podem interferir sobre o relacionamento amoroso quando estão perseguindo uma pessoa e desejam fazer de tudo pela sua infelicidade.

No caso Cibeli, Elaine de Lucca traz a história de um obsessor que acompanha a paciente por questões ocorridas entre o obsessor e o marido da paciente. Arturan, a entidade, acompanha a família por culpa de ter matado todos no passado. Após sua situação ser esclarecida e ele ser encaminhado para ajuda espiritual, o clima familiar ameniza. O mesmo caso mostra outra vida onde ela tenta ajudar um menino considerado enfeitado e é perseguida até hoje pelo obsessor que estava influenciando o menino.

A obsessão pode ocorrer também por atrocidades que o casal tenha cometido juntos, como no caso relatado pela mesma autora, onde um era dono de escravos e o outro era capataz. Todos os escravos que foram violentados perseguiram o casal em busca de justiça.

Ainda com Elaine de Lucca, temos um caso onde a esposa matou o marido para ficar com seu amigo. O amigo era o marido atual e o ex-marido obsessivo perseguia os dois, cobrando o assassinato por traição.

Helga Krelling mostra uma questão importante no caso Roseli. Muitas vezes o obsessivo pode ter uma questão pessoal com um dos membros do casal e acompanhar o outro, atrapalhando a relação, para que a vingança se concretize pelo sofrimento conjugal. É o que chamamos de obsessão trocada. Ou seja, se o problema é com o marido, o obsessivo influencia a mulher para com isso atingir o marido. Faz com que ela fique nervosa, irritada, com que as coisas na sua vida não dêem certo, ou até mesmo fique doente, pois aí a verdadeira vítima vai sofrer por ver seu ente querido sofrendo.

17) Promiscuidade

Pode ocorrer que a pessoa sinta vontade de ter um relacionamento duradouro, mas simplesmente não consiga. Helga Krelling mostra um caso onde no passado houve uma personalidade de sultão. Como é socialmente aceito e encorajado na cultura árabe que se tenha várias mulheres, o

sultão não conseguia encontrar estabilidade atualmente, por mais que quisesse. Não entendia por quê se relacionar com uma pessoa só.

18) Obsessão por amor

A conhecida obsessão por amor ocorre quando uma das partes está desencarnada e não aceita que seu amor se envolva com outra pessoa e os persegue. Pode acontecer entre encarnados também. Não se trata de amor, naturalmente, mas fixação e obsessão, pois o amor só liberta.

O obsessor que persegue por amor também pode ser alguém que não aceita ter sido trocado. No caso Neide e Roberto há a perseguição por um cigano que não aceita que sua cigana o tenha trocado por um oficial do exército, o marido atual. Na cultura cigana esse tipo de atitude é extremamente desonrosa.

Também pode ocorrer uma obsessão por amor no sentido de um desencarnado querer vivenciar seu amor através do encarnado cônjuge, como no caso Julia, da mesma autora. Na verdade Flávio, o marido, estava se relacionando com a desencarnada que o amava através de Julia. A desencarnada praticamente incorporava em Julia para viver seu amor. Quando a desencarnada se afastou, Flávio perdeu automaticamente o interesse por Julia, sem motivo.

No caso Ronaldo e Sueli, ainda com Helga Krelling, percebemos que obsessão por amor também pode ocorrer no sentido de proteção. No

passado ele foi romano e ela egípcia, o romano matou a egípcia e a separou de um grande amor. Esse grande amor, que estava desencarnado hoje, não entendia a situação e tentava protegê-la, causando desarmonia na relação. Para solucionar um caso assim é importante que o terapeuta tenha conhecimento espiritual para explicar a questão da reencarnação, pois na visão do egípcio ele estava apenas protegendo a sua amada.

19) Suicídio

O suicídio pode interferir em questões afetivas porque a pessoa abreviou a própria vida, uma das leis universais mais irrevogáveis. Essa atitude pode causar uma série de desarmonias.

Mauro Kwitko mostra no caso A.G. uma situação onde no passado a mulher do paciente se suicidou por ciúmes. Hoje ela é autoritária e mandona e ele se submete. Isso fica claro que acontece por um sentimento de culpa que ele traz.

Morris Netherton já mostra no caso Allan Hassler uma situação mais trágica, onde a mulher mata seus próprios filhos por fome (há uma seca generalizada e ela não deseja que eles sofram), ele mata a mulher e se mata em seguida. Essa situação traz a idéia que não adianta lutar, é “tudo inútil”, pensamentos típicos de um suicida. E uma após outra as relações de Allan vão dando errado num processo de autoboicote.

O suicídio também pode ocorrer por medo de que se descubra algo grave que foi feito. No

caso Romeu e Marina, de Helga Krelling, como ela matou um homem que era amigo do seu senhor, optou em se matar, por medo do que aconteceria quando fosse descoberta. Esse suicídio trazia um dos fatores da dificuldade de relacionamento dos dois, pois sempre que ocorre um suicídio há uma missão que não foi cumprida e a sintonia com o momento de desistência e desespero que leva ao suicídio.

20) Rivalidade

Quando o casal ocupou anteriormente posições sociais de disputa, a carga de briga é sentida como um clima tenso que permeia a relação.

Judith Johnstone e Glenn Willinston apresentam um casal que no passado foram dois cientistas rivais na extinta Atlântida. Continuavam disputando poder até hoje.

Bruce Goldberg mostra um caso onde a mulher foi rejeitada pelo atual marido no passado porque tinha sido violada antes do casamento e hoje vinha a frigidez. No caso, era como se fosse uma vingança atrasada pela rejeição, uma vingança que não pôde ser expressa na época e veio séculos depois. Sempre é necessário nesse tipo de caso drenar todos os sentimentos que ficaram contidos, porque afinal mesmo no passado não foi culpa dela ser estuprada. Às vezes, o psiquismo guarda emoções tão fortes que é como se fosse uma represa arrebitando.

21) Situação de prisão ou coerção

Quando de alguma forma o sexo ou a relação conjugal significou uma prisão numa vida anterior, a tendência atual é a fuga do tema.

Edith Fiore mostra no caso Patrícia a situação da pequena Becky, que apesar da tenra idade de cinco anos teve que lidar com várias cargas pesadas: passar fome, ser vendida pelo pai, ser feita de escrava, quase ser estuprada, fugir e ser picada por uma cobra. O inconsciente trouxe a sensação de que sexo poderia ser algo escravizante ou coercivo.

22) Isolamento excessivo

De forma similar, mas por motivos diferentes, o isolamento excessivo também causa o comportamento de fuga de relacionamentos, como se não fosse seguro.

Ainda no caso Patricia, Edith Fiore mostra a história da princesa havaiana Alena. Como o homem que ela amava apenas a procurava com interesse sexual, decidiu romper o relacionamento com ele e não se relacionar com mais ninguém. Por ser ele o marido atual, a distância entre os dois era tão grande que gerou oito anos de dificuldades sexuais.

Temos no caso Romeu e Marina, de Helga Krelling, um adolescente apaixonado por uma hetaíra (cortesã) grega que não se declara. Essa dificuldade de se expressar bloqueia o relacionamento afetivo dos dois atualmente.

Roger Woolger coloca no caso Milton a questão da pessoa que fez muito mal aos outros em relacionamentos passados e na vida atual busca se isolar, cair no contra-padrão de não se relacionar com ninguém – o que é tão doentio quanto.

23) Incesto

O incesto é um dos maiores tabus da humanidade. Foi desenvolvida essa proibição especialmente nas sociedades ocidentais. As tribos indígenas, africanas e demais comunidades mais isoladas não viam a situação como tão grave e culposa – especialmente pela ausência de moralidade cristã e pelo menor número de população, o que poderia impor o costume por questões de sobrevivência.

De forma geral, quando o inconsciente traz essa carga e isso foi motivo de vergonha pública, há sempre uma sensação de culpa permeando a vivência sexual.

Edith Fiore traz no caso Patrícia a história de Kim, que comete incesto com seu irmão. É um misto de incesto, abandono e suicídio, pois ao se descobrir grávida e ele ter ido casar com outra, opta em se matar. Mas o incesto foi a carga mais forte, tanto que ficou gravado no inconsciente que atualmente era menos pior buscar sexo no fim de semana – que era quando eles não se relacionavam.

Mauro Kwitko mostra no caso J.P. que houve incesto no passado entre o paciente e o pai, mesmo pai atual. Atualmente há a

homossexualidade e o afastamento do pai, por conta da energia de culpa.

Ainda abordando a culpa e a sensação de sujeira, Roger Woolger mostra um caso onde a moça no passado cuidava do pai e ele forçou o incesto, gerando dois filhos. Como ela também sentiu prazer, o prazer ficou associado a algo sujo e pecaminoso.

Também pode acontecer como num caso relatado pelo mesmo autor, onde a adolescente foi estuprada pelo pai, engravidou e depois foi expulsa de casa porque o bebê era a prova do abuso cometido. Nesse caso o ego colapsa mais ainda, porque há a violência, a quebra da confiança, um filho não desejado e a sensação de medo por ser colocada em uma situação inesperada e onde ainda não há maturidade para ser resolvida.

24) Morte no parto

A morte no parto também pode causar traumas se a vida passada envolver o papel de marido. Bruce Goldberg mostra no caso Carl que a impotência sexual estava vindo por medo que a esposa engravidasse novamente, pois no passado como o pescador Ladin ele já havia perdido a mesma esposa com um bebê natimorto. Em histórias assim a dor guardada é maior ainda, pois houve a dupla perda do amor e do filho.

Roger Woolger, que trabalha com uma abordagem mais sinestésica, mostra que o corpo pode guardar consigo lembranças trágicas, como

uma mulher que teve morte no parto e atualmente seu corpo gerava cólicas menstruais fortíssimas.

25) Problemas em relação à gravidez

Assim como a esterilidade, trazer ao mundo um bebê morto era motivo de vergonha e humilhação para a mulher. Elaine de Lucca mostra um caso onde após uma gravidez difícil o bebê nasce morto, a mulher é humilhada por isso e definha até a morte.

26) Subpersonalidade

Por fim, o trauma expresso na vida afetiva pode ter origens em algo que ficou reprimido na própria vida atual.

Bruce Goldberg traz no caso Carl uma situação que ele apenas ouviu enquanto estava dormindo, mas que já foi suficiente para acionar sentimentos milenares. Carl foi ameaçado pelo ex-marido da esposa na vida atual e essa ameaça ecoou no seu psiquismo trazendo a impotência sexual, mesmo que ele não a tenha ouvido conscientemente.

Dessa forma, fica expresso que uma dificuldade afetiva pode esconder séculos de desavenças e questões pendentes. Por isso é sempre importante fazer um trabalho de investigação minuciosa em terapia, não se limitar a poucas sessões, para que o novelo seja devidamente desfeito.

Vida afetiva

Caso Pamela

Quando Pamela chegou, parecia exausta. Não sabia mais o que fazer para resolver a situação que vivia e ainda por cima tinha uma formação de cientista, estava acostumada a resolver problemas com a lógica. Também tinha amplo conhecimento esotérico, mas os tratamentos de harmonização do grupo que fazia parte não estavam dando conta da questão.

Pamela sofria de tanta ansiedade que desenvolveu uma patologia chamada tricotilomania, ou compulsão por arrancar os cabelos. Também estava tendo grandes dificuldades com seu namorado, Rodrigo. Os dois trabalhavam no mesmo ambiente, estudando o lado esotérico do tratamento a alcoólatras. Já tinham terminado o relacionamento e voltado algumas vezes.

Na relação deles havia muita dificuldade na parte sexual. Dificuldades dela em chegar ao orgasmo, dificuldades dele com a insegurança. Ele não se achava bom o bastante para ela, achava que ela iria abandona-lo, enfim: a situação deles estava bem difícil. O ciúme também fazia parte do histórico dos dois: ele tinha ciúme do ex-namorado dela, Alberto, e ela tinha ciúme porque entre alguns termos ele se envolveu com outra moça, Catia.

O tratamento dela durou 6 meses, incluindo a ajuda da Apometria na parte espiritual. Foram feitas 9 sessões de TVP e tratadas 28 vidas. Foram

selecionadas aqui as 15 que tinham relação direta com Rodrigo. A regressão de Pamela era mais em flashes, mostrando os principais momentos da vida passada.

Hoje em dia, após várias tentativas, o casal não ficou junto. Por ironia do destino Rodrigo ficou com Catia e Pamela casou com Alberto. Pamela acabou de ter seu primeiro filho e constituiu a família que tanto sonhava.

Escolhi essa história, que não inclui final feliz entre o casal da queixa inicial, para mostrar que muitas vezes a Terapia de Vidas Passadas ajuda um casal que precisa harmonizar suas vidas passadas em comum a agilizar esse reencontro e resolver logo as pendências milenares que trouxeram pela drenagem e entendimento, para que possam ser felizes com quem realmente devem ser.

É comum que as pessoas se encontrem para resgatar os problemas que tiveram em vidas anteriores, mas não necessariamente se casem. Hoje em dia, com o afrouxamento das obrigações dos jovens nas questões maritais, como é comum que aconteçam alguns namoros sérios antes de encontrar o cômulo, a espiritualidade aproveita para resolver todos os desajustes amorosos possíveis de cada um.

Também escolhi esse caso para mostrar que a resolução de um impasse dificilmente é mágica. Um tratamento bem feito engloba algumas sessões, várias vidas, pois um problema raramente é uniausal. Quantas vidas e quantas sessões varia

individualmente. No meu trabalho observo uma média de 10 a 20 sessões quinzenais de duas horas.

No caso, foi falado na proposta encarnatória de Pamela que o objetivo de reencontrar Rodrigo era o aprendizado do perdão e respeito. Isso com certeza os dois tiveram muita oportunidade de aprender.

Observemos o desenrolar do tratamento:

Primeira vida: Pressão no lado esquerdo do ovário ou do útero. Mulher gritando. Como se ela estivesse presa. Está com raiva. Medo de baterem em mim.

Sempre homens.

Ela está fugindo. Está numa floresta, mas não sei do que ela está fugindo.

Está fugindo do marido dela. Ele bate nela.

Marido: Rodrigo.

Sempre que acesso uma vida, trabalho alguns aspectos:

- Qual era o aprendizado daquela vida.
- Qual a pendência que traz para hoje.
- Qual a influência que isso causa atualmente.
- Harmonização da vida passada com a vida atual.

No caso, quando fui fazer a harmonização, o Rodrigo atual que veio desdobrado ao consultório teve dificuldade em aceitar que tivesse feito mal a ela. Achava que não foi ele, porque ele não faria

isso. Isso é comum, pois a consciência encarnada atual muitas vezes tem um comportamento contrário ao da vida passada. Justamente porque vamos vivenciando os opostos das situações, até alcançarmos o equilíbrio.

Essa primeira vida começou a explicar a aversão dela por ele. Também é usual que as vidas de vítima apareçam primeiro. Continuemos:

Segunda vida: Moça numa corte. Morava lá. Foi casada com alguém que não queria. O pai dela que quis. Sentia medo de ter relação com o marido. Ele era mais velho. Forçou ela a fazer o que queria. Ficou abusando dela a noite toda. E ficava bravo porque ela chorava.

O resto do casamento foi ruim. Ela se sentia usada. Ele a tratava mal. E tinha outras e ela sabia. Tinha raiva, porque tinha as outras e também queria ela e ela não queria nunca. Não teve filhos. Teve com as outras.

Ela morreu primeiro, mesmo mais nova. Fica na cama. Sente-se triste, como sempre.

Último pensamento: tenho raiva dele. Quando comecei a gostar não consegui desculpar.

Ele fica triste, sente falta dela.

Tem uma cena que ele tenta enforcar ela com a mão. Ela fica na cama parada. Está com raiva.

Mais uma explicação para a aversão, especialmente na hora do sexo. Por conta do casamento arranjado – altamente comum historicamente falando – tudo já começou errado.

Essa vida mostra também a estranha simbiose que os dois desenvolveram, onde sofrem juntos, mas também sentem falta um do outro, quase um masoquismo sentimental mútuo.

Terceira vida: Solidão. Moça numa casa, fica numa rua bem perto da Torre Eiffel. Ela mora lá. Ele é marido dela. Levam a vida separados, ele não dá muito valor para ela, porque ela tinha vários amantes. Sempre se sentia sozinha. Ele esperava outra coisa dela, não que ela tivesse tantos amantes. Ele começou a ter as dele depois dela, quando descobriu.

Ficam juntos até o fim, mas ambos se cobram, discutem. Ele diz que só teve amantes porque ela começou, a culpa foi dela. Ela se sente mesmo culpada.

Ele morre, ela fica sozinha. Ela se arrepende. Se culpa. Arranca o cabelo. Não podia ter tratado ele assim.

Influências dele: acha que não estou feliz com ele. (Peço para ele observar o comportamento dela hoje). Não fiz nada, mas ele acha que eu posso mudar de idéia.

Influências dela: quer que eu tente alguma coisa porque se sente culpada e quer fazer o bem hoje. Me influencia na parte do cabelo (tricotilomania).

Nessa já temos uma pitada de feminismo, comum na cultura francesa. Explica também a insegurança e desconfiança dele. A

tricotilomania se revela como um sintoma já carregado de outras existências.

Observamos também as opiniões divergentes das personalidades, que acabavam causando auto-obsessão em ambos. No caso uma “auto-obsessão trocada”, pois além da personalidade dele o influenciava contra ela, também a influenciava contra ele. E a personalidade dela fazia o mesmo. Um verdadeiro tiro cruzado e os dois tentando namorar em paz.

Quarta vida: Biblioteca de uma casa antiga. Uma criada limpando o chão, sou eu. Me sinto humilhada. Cheguei lá pedindo emprego. A dona da casa me tratava mal, porque o marido dela gostava de mim. Ele traía a esposa comigo. Eu gostava dele. A mulher dele me maltratava. Ele percebia, mas dizia que não tinha o que fazer. Ela quer me expulsar, mas ele não deixa. Ela manda uns homens me matarem. Eles cortaram. O braço e o corpo todo. É a mãe dele hoje. Ele sente conflito entre nós duas.

A sogra atual, apesar de não interferir na relação dos dois, participa das vidas passadas. É o que chamamos em TVP de inversão de papel: um casal reencarna como pai e filha, mãe e filho etc. E a vibração da configuração anterior confunde o papel a ser exercido hoje.

No caso, também vemos a questão da submissão dela e da falta de posicionamento dele,

que acaba levando à morte. Historicamente o envolvimento entre patrões e empregados também é freqüente, assim como o ciúme despertado nas esposas. Os criados eram vistos como objetos descartáveis na casa.

Atualmente essa vibração causava estragos na auto-estima dos dois e no respeito mútuo entre o casal. Isso também explica a proposta encarnatória envolver o aprendizado do respeito.

Quinta vida: Estou com um bebê no colo, meu filho. É uma menina. O pai é o Rodrigo. A menina é a mãe dele atual. Tenho ciúmes dela. Eles são muito grudados. Ele briga comigo. Eu vou para longe. Ele fica com a filha. Encontro outra pessoa. Mas me sinto culpada por ter abandonado tudo.

Volto um dia. Ele está casado com outra. Eu não, abandonei meu marido. Mas não posso ficar lá. Vou embora. Tento convencer a ficar comigo, ele diz que não confia em mim e fica com mais raiva por eu ter ido até lá. A filha tem uns 6 anos, não me reconheceu.

Vou morar em outra casa, sozinha. Fico só com os criados. Morro de doença, na cama. Arrepentida, me achando burra pelo que fiz.

Depois de morta mesmo assim vou até a casa dele e tento infernizar o casamento dele. Consigo, eles brigam. Quando eles morrem já não estou mais lá.

Influências: ele acha que fez bem em não me deixar voltar. Não acredita que eu tenha

mudado. A esposa é uma mulher que tenta separar a gente, uma amiga dele atual. Não gosta de mim, tem inveja.

Catia aparece pela primeira vez, justificando o ódio atual entre as duas. E nessa vida, a inversão de papel torna impossível aceitar a ex-rival como filha, causando mais um distanciamento. Mostra que a carga que o casal atual encarava era realmente pesada.

Sexta vida: Um aborto. Eu abortei. Para não engordar. Não sei quem era o pai, mas o bebê era menina. É o Rodrigo. Ela que fez o aborto, a amiga. Eu tive hemorragia e morri.

Mais uma razão para o reencontro dos três e para a desconfiança de Rodrigo, que foi abortado por Pamela anteriormente. Isso também justifica um comportamento infantil que ele apresentava e uma preocupação excessiva dela com o peso corporal.

Sétima vida: Eu era homem. Ele era minha filha. Eu bebia. Abusava dela. Mas isso é muito antigo. É uma cabana. Sociedade mais primitiva. Conseqüências ruins para ela. Não se casou. Engravidou de mim. Sufocou o bebê e se matou. Eu nem liguei. Depois da morte: tortura sexual, tem genitais atrofiados, cortaram a mão.

Essa situação explica o sexo como algo doloroso e pecaminoso e a atual dificuldade em atingir o orgasmo. Rompe-se o tabu do sexo entre pai e filha (também comum historicamente).

Os dois foram realmente passando as existências exercendo todo tipo de papel, sempre envolvendo traição, mentira, abuso sexual, o que torna compreensível os sintomas apresentados hoje.

Oitava situação: Obsessão:

- 1) Catia: acha que não tem nada a ver a gente junto. Tem inveja porque é sozinha. Se acha feia e gorda.**
- 2) Trabalho: não querem que eu fique com ele e nem que desenvolva meu trabalho com os alcoólatras. São obsessores deles e querem aumentar o número de dependentes.**

Catia apareceu algumas vezes durante o tratamento tentando impedir a felicidade dos dois. Ela entraria na categoria de obsessão entre encarnados.

Nessa situação apareceu também o próprio trabalho que os dois desenvolviam. Como a área de pesquisa envolvia a parte espiritual, eles eram obsedados pelos acompanhantes dos alcóoltras que estudavam, pois os obsessores não queriam que a pesquisa fosse concluída, muito menos que as pessoas deixassem de beber. Os dois unidos e em

paz ficavam mais fortes, então além de todas as auto-obsessões também enfrentavam as obsessões.

Essa parte foi bem difícil para Pamela, pois ela era uma estudiosa do esoterismo muito atuante no grupo que fazia parte. E Rodrigo, apesar de ter sensibilidade espiritual, era cético e se recusava a estudar esse ítem – ou pelo menos não ia no ritmo dela, que era o ritmo necessário para a proteção do tipo de trabalho que faziam. Esse tipo de dificuldade é muito comum entre trabalhadores espirituais, quando os dois não possuem a mesma mentalidade.

Nona vida: Tem um harém. Sou uma das mulheres. Sou distante de todo mundo. Me acho inferior a elas. Fui comprada, era escrava. Me achava inferior por não ser da mesma raça.

O dono tratava a gente bem. Via muito raramente, ele nunca me escolhia. Quando eu ia eu não gostava, porque parecia que ele não gostava de mim. É o Rodrigo.

Sempre vi ele brigando com a pessoa que me comprou, um homem que trabalha com ele. Ele sempre falava que não deveria ter me comprado, porque eu não servia. Me sentia rejeitada. Fui colocada para fora do harém, esse servo me levou para fora da tenda. Eu não fiz nada. Não sobrevivi. Ele cravou uma espada no meu peito. Morri com raiva. Influência: insegurança e para o Rodrigo sentimento que não sou tão boa.

Essa vida trazia muita sensação de inferioridade para Pamela. E o contexto histórico explica que não havia nada de errado com ela, ela era apenas uma estrangeira e por isso considerada “descartável”, assim como a serva da vida anterior. Isso hoje trazia vários problemas na auto-estima.

Décima vida: Eu era homem. Comprei uma moça no deserto e depois a tratei mal. Menosprezei. Ela se sentia humilhada. Eu não me importava com ela.

O servo era outra mulher. Tratava um pouco melhor.

Influência: posse.

Essa vida foi um link da anterior, deixando clara a relação de alternância de papel de vítima e algoz que os dois foram exercendo. Não existe, no trabalho de TVP, nem culpa nem culpados, pois em última análise sempre encontramos vínculos onde ambos fizeram mal um ao outro. Mesmo em casais felizes.

A grande questão não é o que aconteceu no passado, é o que vamos fazer a partir disso. O objetivo da TVP é tirar os bloqueios para que as decisões atuais sejam tomadas sem interferências externas. No caso, após o trabalho, os dois poderiam ter ficado juntos. Aí sim não continuar foi uma escolha baseada nas prioridades pessoais de cada um.

Décima primeira vida: Casamento. O noivo não apareceu.

Relação de competição. Posses. Tentavam ver quem conseguia mais propriedades. Eram ricos. Ele não queria casar com ela. Tinha medo de dizer. Ele desapareceu.

Ela ficou triste. Ficou com muita vergonha do que ele fez. Mandou procurarem, mas não acharam. Sou ela.

Ele viveu em outra cidade, mas tudo bem. Não se casou. Fez de tudo para não pensar nisso, vivia em festas. Ela tomou veneno.

Depois da morte fui atrás dele. Batia nele mas ele não sentia. Queria machuca-lo. Ficava na casa dele, por isso ele não casou. Quando morreu ela estava lá. E houve mais briga. Iam tentar de novo. Foi a penúltima vida.

Essa vida mostra a grande carga de disputa entre os dois e a dificuldade de ficarem juntos. E também o padrão recorrente da disputa continuar no pós-morte, um sabotando o outro.

Ser abandonada no altar também é um trauma comum de se encontrar, quase um arquétipo. E traz muita raiva, vergonha, pela situação de exposição e pela frustração com o desrespeito do parceiro, de fazer aquilo sem avisar ou explicar-se antes da cerimônia.

Hoje, como o plano de Pamela era se casar, essa vida interferia muito no processo, para ambos. O padrão de desconfiança continua.

Décima segunda vida: Cavaleiro de armadura. Ele fez um juramento de não casar. Para o rei. Ele tem raiva do rei porque gosta de uma moça. Não casa. Ela casa com outro, mas gostava dele. Ele matou o marido dela. Depois do casamento. Ela ficou com ódio dele.

O rei é muito presente, eles são muito próximos. Ela se vingou dele. Comprometeu o nome dele na corte e ele teve que sair de lá. Ela fez isso se aproximando do rei. Ele fugiu. Muitas festas. Ela ficou muito próxima do rei, era amante dele. Problemas com a mulher do rei. Contratou uns homens que mataram a moça, mas primeiro judiaram dos órgãos genitais com faca e estupraram.

O Rodrigo era o cavaleiro.

Influências: desconfiança.

Essa mostra mais uma violência em relação aos órgãos genitais. Não diretamente feita por ele, mas por uma situação que foi gerada pelo desentendimento deles. Essa violência trazia a dificuldade sexual de hoje, que inclusive foi melhorando consideravelmente durante o tratamento.

Décima terceira vida: Muito gelo e uma cabana. Um feiticeiro vivia lá. Magia ruim.

Relacionava-se com outros homens, sexualmente. Dei uma poção para o meu amante matar sua mulher. A mulher é o Rodrigo.

Um amigo atual dele me ensinou a magia. Nós vendíamos o serviço.

Nessa temos uma inversão de papel onde houve a troca de gênero sexual de Pamela, a homossexualidade, a troca de gênero sexual de Rodrigo e a disputa por um homem. Isso no psiquismo vira uma verdadeira “salada mista energética”. Além disso, como envolvia magia, foi necessário desmagnetizar essa situação, pois ela prendia a energia dos dois. Eu trabalho muito com prata e violeta nessas situações.

Décima quarta vida: Escrava negra. Eu batia nela, humilhava. Era o dono dela. Não fui eu que comprei. Foi dada para cuidar de mim. Eu batia para descontar minha raiva. De tudo, da vida dele.

E com certeza devia estar descontando uma raiva milenar nas costas da escrava. Raiva de todas essas vidas em desalinho. Mais uma oportunidade perdida para se resgatarem.

O resgate, com toda a conscientização da terapia e do conhecimento espiritual de Pamela, foi alcançado da melhor forma possível dessa vez. Isso com certeza já é uma grande conquista.

Décima quinta vida: Espécie de tribo. Fui conquistar. Depois que eu já tinha conquistado levei uma pedrada na cabeça, esmagaram. Por

eu ser agressor. Foi um jovem da tribo. Amiga dele atual.

O Rodrigo conseguiu voltar para o navio. Era companheiro de guerra. Ele fugiu à noite.

Dessa vez eram companheiros, mas houve traição mesmo assim e mais uma vez Catia é a agressora.

Essa foi a seqüência de vidas que tratamos, na ordem que vieram. Após esse tratamento o casal permaneceu junto ainda um ano e depois acabou se separando.

A grande importância de uma harmonização dessas é que através da TVP séculos de história estão sendo revistos, harmonizados e transmutados. É muito necessária a colaboração consciente do paciente para que essa energia toda se dissipe e seja reelaborada, ou que pelo menos ele faça a parte dele.

Pamela foi ótima nesse sentido, pois apesar do ceticismo inicial – outro item comum, pois as informações durante a regressão são bem abstratas – reagiu muito bem ao tratamento, buscando conscientizar e fazer a sua parte.

Que essa história cumpra o papel de mostrar que às vezes sentimentos totalmente sem explicação que vão se instalando entre o casal podem ter raízes muito mais profundas e podem ser trabalhados. Para unir ou separar, mas para conduzir todos rumo à verdadeira felicidade, sem ilusões.

Afinal, em termos afetivos, na teoria da TVP “até que a morte os separe” pode ser substituído por duas frases: até que as mortes os separem e que as vidas os unam! E se a vida uniu, analisemos se foi para a felicidade ou para o aprendizado. Se foi para a felicidade e só precisa de uma forcinha, a TVP cumpre esse papel de limpeza. Se foi para o aprendizado, busquemos logo qual, pois **o sofrimento é do tamanho da teimosia**. Quando aprendemos o que temos que aprender e seguimos nossa proposta encarnatória, tudo flui naturalmente. A felicidade nos brinda com a recompensa pelo esforço pessoal e se instala tão de mansinho que quando vemos tudo está bem.

Pânico

*Pan predica o pânico.
Eis a épica apocalíptica.
Calígulas engolem lúgubres signos,
Cálidas Calíopes, as afrodites etíopes,
Com o sabre da Calábria, abro o lábaro, calibre,
digno-me de túnicas inconsúlteis.*

Ícone halogeno, Marcio Catunda

Revisão bibliográfica

Pan era associado ao terror entre as pessoas que precisavam atravessar as florestas à noite. Por isso o nome do Transtorno, pois o Pânico é o terror avassalador que toma conta da alma e a paralisa. A pessoa perde a capacidade de fazer os itens mais básicos, como sair de casa ou até mesmo da cama. Os sintomas físicos dão a sensação de morte e de desespero e não há para onde fugir – a não ser para dentro de si mesmo.

Na bibliografia temos poucos casos relacionados a Pânico porque o termo é recentemente catalogado como Transtorno. A TVP é especialmente eficaz nesses casos, pois a grande maioria das pessoas que sofre tanto com o Transtorno de Pânico está congelada em algum tipo de situação de passado. Vejamos que tipos de situação podem ser:

1) Mortes em catástrofes coletivas e guerras

Na História da humanidade o que não faltou foram guerras e conflitos. Também houve muitos desastres naturais, como maremotos, erupções vulcânicas, terremotos etc. As pessoas que morreram nessas situações foram tomadas pelo pânico coletivo e podem ter ficado unidas energeticamente por essa morte em grupo.

É o caso da famosa Catherine, a paciente que realizou o despertar espiritual de Brian Weiss. Ela morreu em um maremoto e não conseguiu segurar seu bebê no braço. Morreu também em um bombardeio, na guerra. Hoje tinha tanto medo que precisava dormir dentro do armário.

No caso Corey Hopkins, de Morris Netherton, há a morte por soterramento em um terremoto. Hoje ela sempre se sentia esmagada pelas situações.

2) Mortes violentas e súbitas

Morrer de forma rápida e sem motivo sólido pode deixar a alma em estado de torpor, sem saber o que aconteceu e ainda vivenciando a situação de desespero.

Pode acontecer que o medo fique guardado também na testemunha da morte súbita. É o caso de Leise, de Célia Resende, que em vida passada testemunhou o assassinato da mãe quando tinha três anos.

Márcia, caso de Helga Krelling, morreu em uma perseguição de policiais e nem percebeu que morreu, continuou fugindo. Hoje o Pânico veio quando ela presenciou uma perseguição a bandidos.

3) Reencontro com pessoa ou situação específica

É quase unânime que o Pânico seja causado por várias vidas e algum estímulo aciona esse grupo para ser tratado atualmente. Investigando com pacientes sempre encontramos algum

estímulo para os sintomas. Esse estímulo pode ser o reencontro com alguém que esteve ligado a esse grupo de vidas.

O marido de Virginia, caso de Célia Resende, foi quem reacendeu o Pânico. Tinham passado por episódios de traição no passado, em meio à Revolução Francesa. Todo o impacto energético das vidas foi sentido quando ela ficou noiva dele.

O caso Rick, de Sylvia Browne, mostra uma associação feita pelo inconsciente. Rick estava em uma mercearia e viu um pai pedir ao filho que não comesse maçã suja, porque é veneno. Isso iniciou uma crise de pânico porque Rick associou com o veneno que tomou quando era asteca.

4) Espíritos pedindo ajuda

Na sua maioria os pacientes de Pânico possuem síndrome de mediunidade reprimida, ou seja, não exercitam a sua espiritualidade. Mais uma vez repito: trabalhar a mediunidade não significa apenas ir trabalhar com incorporação, pode ser qualquer atividade espiritual.

Nesse sentido, normalmente foi combinado na proposta encarnatória algum tipo de trabalho socorrista que não está sendo exercido. Os espíritos que estão aguardando socorro daquele encarnado específico começam a se agitar e cobrar pelo que foi prometido.

No caso Antonio, de Edison Flávio Martins, seu cunhado morreu em um acidente de ônibus - no qual ele deveria estar - e estava pedindo ajuda.

Uniu-se o pedido de ajuda com a possibilidade de morte e o Pânico começou.

5) Ser enterrado vivo ou emparedado

Essa era uma punição usada para crimes graves na Antiguidade, como alta traição, rompimento de votos, ou disputas com poderosos. A pessoa com Pânico traz atualmente a mesma sensação da falta de ar, taquicardia e desespero de quem morreu sem ter como escapar.

No caso de José Carlos, de Helga Krelling, ele foi emparedado por ser arquiteto de uma pirâmide e hoje tinha o medo de lugares fechados.

Maria Teodora Ribeiro Guimarães apresenta o caso Anne, que foi emparedada por ser ladrão e também em outra vida foi trancada no quarto a vida toda por ciúmes do marido. Isso justificava o excesso de fobias atual.

6) Morte em parto

A mulher que morre no parto tem o desespero da dor e da preocupação do que irá acontecer com seu filho. Hoje o mesmo desespero pode voltar em forma de Pânico quando o assunto maternidade se fizer presente na vida.

O caso Betsy, de Sylvia Browne, mostra a morte ocorrida em vida passada por ter sido obrigada pelo pai a fazer um aborto. Perde muito sangue e morre em decorrência do aborto. Hoje o Pânico veio pouco depois de perder um filho.

7) Trauma intra-uterino

Também pode acontecer algo durante a gravidez que traga à tona o Pânico.

A mãe de Inge, caso de Thorwald Dethlefsen, tentou abortá-la aos 3 meses de gravidez e isso reativou o passado.

8) Traições e vexames públicos

As situações de exposição podem trazer um sintoma comum do Pânico, que é o medo de sair de casa. É como se ficasse guardado que estar em público é perigoso, há grande carga de desconfiança.

Maria Teodora Ribeiro Guimarães apresenta um caso onde o homem no passado sofreu traições de subordinados, e hoje sofria com o Pânico há anos.

Já Thorwald Dethlefsen apresenta uma moça que foi humilhada em público por ter se envolvido com um homem casado e não foi defendida por ele.

Enfim, após todas as drenagens e ressignificações a pessoa consegue se recuperar e se libertar dos sintomas, pouco a pouco. Um novo grau de consciência é alcançado e o caminho de evolução é retomado, integrando mente, corpo, emoção e espírito.

Pânico

Caso Leonardo

Leonardo é um desses rapazes à moda antiga, um raro cavalheiro em extinção. Daqueles que abre a porta do carro para a moça, está sempre disposto a ajudar os amigos, sorridente, culto, uma companhia agradável.

Mas essa sensibilidade lhe custava caro e veio acompanhada de um Transtorno de Pânico que durou cinco anos. Começou aparentemente ao acaso. Ele era caixa de banco e estava atendendo um cliente (mais tarde soubemos que o que reacendeu as vidas passadas, por incrível que pareça, foi esse cliente). E esse era o outro lado da sua personalidade dócil, que escondia uma raiva e agressividade reprimidas na alma.

A partir daí, Leonardo começou a ter os sintomas comuns do pânico: taquicardia, sudorese, sensação de morte iminente, angústia, tontura. A princípio pensou que fosse stress e pediu licença no trabalho. Quando voltou e continuou doente, naturalmente foi demitido – como acontece com muitos.

Passou anos em casa tendo conflitos familiares, pois era chamado de preguiçoso, incapaz, não era compreendido. Perdeu a namorada, que também cansou da doença. Ficou isolado, infeliz e sem entender o que tinha.

Os tratamentos psiquiátricos davam medicação e a medicação não resolvia. As terapias

verbais foram ineficazes, pois conversar não resolvia os sintomas. Os tratamentos espirituais eram secretos e ele continuava sem saber o que acontecia. Para ele, que era absolutamente racional, tinha que haver um porquê. Não era possível que ele sofresse tanto à toa, que não tivesse uma explicação lógica.

Depois de muito sofrimento ele conseguiu passar em um concurso público e resolveu sua questão profissional. Mas como foi trabalhar em uma delegacia, a carga energética era quase insuportável.

Gostava muito de exercícios físicos, então a parte de condicionamento ele fez: mudou a alimentação, controlou os exercícios aeróbicos, leu a bibliografia que existia a respeito (ele pediu para citar Gugu Keller, que foi o que mais o ajudou) e aprendeu a controlar as crises. Mas os sintomas não passavam.

E foi assim que nos conhecemos em uma comunidade do orkut. Leonardo foi o único trabalho de TVP que foi feito exclusivamente para esse livro. Quando ele me conheceu os sintomas já estavam mais sob controle, mas combinamos que mapearíamos suas vidas até que os sintomas parassem de vez e que todo o resultado seria contado no livro – para ajudar as pessoas que passavam pelo mesmo sofrimento que ele passou.

Seu tratamento durou 15 sessões, 8 meses. E o sucesso foi total. Como disse, sempre fico muito feliz quando os sintomas cedem de vez, o que nem sempre acontece 100%.

No caso de Leonardo, foram encontradas muitas mortes coletivas e participação em guerras, o que é comum no Pânico. A pessoa continua sentindo a vibração de todos aqueles que morreram junto com ela e a sensação de morte iminente.

Primeira vida: Pessoa andando num cavalo. Época medieval, capa, espada grande à esquerda, bate quase no chão. Símbolo vermelho da cruz no peito.

Tá indo para um castelo, atravessa um gramado.

Ele tá num almoço. No lado esquerdo leva uma facada, um punhal. Perto da coluna.

Tem capacete de ferro. Cabelo comprido. Está com um punhal.

Vejo a porta do castelo se abrir, iam chegar os inimigos com machados. Ele foi morto antes deles chegarem. Chegam com cavalos e armas maiores.

Vejo ele no topo do castelo, atirando com flechas. A pessoa que esfaqueou é um empregado, baixinho, magro, doente.

Eu estava sentado de costas para ele.

Foi de surpresa, os outros estavam vindo.

Sinto uma mulher, ela é ruim, tem ligação direta comigo, está aqui nas minhas costas.

Antes ele sofreu um ataque vindo da esquerda, o cara pulou em cima dele, mas ele matou o cara depois. Tem um cerco, catapultas atirando, ele só observando, do lado de quem ataca.

Parece frustrado com algo.

Imagem de lutas com outros cavaleiros medievais. Ele tira o capacete e joga no chão. Olha para uma janela em um castelo longe.

Ele mata pessoas numa Igreja, um padre também.

O padre ficou caído e o puxei para fora, para não matar na frente do altar. Muito violento. Ele estava com cálice na mão. Mas morreu fora do altar. E a Igreja estava vazia e ficou suja de sangue.

Parece que ficou preso ali porque isso ia repecurtir.

Ele era meu pai na época. Ele ofereceu a bebida na taça para uma mulher. Queria ter algo com ela. Eu fui criado por ele antes dele ser padre.

Eu não aceitei a situação. Mas tem algo a mais. Eu vi o padre agarrando ela num canto. Ele ofereceu a bebida para dopar ela.

A moça tem roupas roxas, chapéu estranho. Ficava à toa para lá e para cá. Pega no meu braço direito. Ela me recusou quando eu era jovem e por isso fui para os templários. Por isso fiquei tão bravo.

O pessoal da época achou errado mas ninguém quis falar nada por medo de mim, por ser templário.

A mulher pega meu braço direito. Está mais velha. Coloca a testa no meu antebraço e me pede algo. Pede perdão por não ter ficado comigo. Ajoelha. Tá arrependida.

Ele teve mágoa mas deixou para lá. Ela continua aos meus pés. Ele gosta, por vaidade e vingança.

Ele me influencia com muita violência, querer consertar as injustiças, pegar uma causa difícil para lutar.

Ele não cumpria a castidade, dormia com as prostitutas e as matava depois para elas não contarem. Duas são ex-namoradas.

Corta muitas cabeças e braços, mata prisioneiros.

Está com um grupo. Estão fazendo uma saudação com as espadas levantadas, antes do ataque. Cenas de batalha, muita violência.

Corto a cabeça de um cara.

Esse templário nos deu muito trabalho e foi revisitado várias vezes. Trazia comportamentos do tipo “está tudo errado no sistema e eu tenho que mudar”, o que naturalmente trabalhando em uma delegacia era uma influência difícil de lidar e até perigosa.

Além disso, essa personalidade agia como um guarda-costas de Leonardo e achava que tinha que o proteger a todo custo. Foi duro convencê-lo que Leonardo tinha sua mentora e ficaria bem sem ele.

A mentora inclusive se chama Márcia e se apresentou dizendo que estava muito feliz e que Leonardo conheceria dali para a frente um caminho bonito e mais espiritualizado.

Desligamos todas as milhares de pessoas envolvidas nas batalhas que ainda estavam com ele e rearmonizamos especialmente a questão da

morte, pois além do Pânico Leonardo também tinha uma bronquite crônica.

Tratar esse templário também resolveu um sintoma interessante: Leonardo não gostava de comer em locais públicos, nem gostava que ninguém o ficasse olhando enquanto comia. Fruto da morte que foi golpeado pelas costas na hora do almoço.

A reação já foi ótima nessa primeira sessão, mas justamente por estar em simbiose com a personalidade ele sentiu um grande vazio até a próxima sessão.

Segunda vida: Era um viking, mais gordo, maior. Gostava de atacar as pessoas com o machado, era muito grande.

Pessoa descontente, com capa escura. Presença pesada. Ele é inimigo, de longe, mas não pessoal. Tenta jogar negro nas minhas pernas, com raiva.

Matei com um machado, acertando ele na parte esquerda. Cortei a cabeça dele do mesmo jeito.

Eu estava do lado dos inimigos que invadiram.

Acertei na clavícula. Ele era de alguma religião, tinha magnetismo. Sinto muita violência, prazer em matar ele. Dei dois golpes e cortei a cabeça.

Dá vontade de atacar as pessoas, mas não prevalece.

Morro com uma flecha no meio da coluna.

Esse viking, além da questão da violência e da guerra, teve a infelicidade de matar um mago.

Foi necessário desfazer todo o magnetismo que o mago imantou o viking na hora da morte e esse mago continuava acompanhando Leonardo como obsessivo e contribuindo para os sintomas. Ele retirava ectoplasma do próprio Leonardo e fazia feitiços no astral para que os sintomas piorassem.

Terceira vida: Figura estranha, parece um rei. Estou na guarda, no lado direito. Sou o terceiro ou quarto. Parece árabe.

Tem barba grande. É arrogante, bebe, cospe. Bêbado.

Eu ataco o rei com uma arma de lâmina curvada. E fui morto, pelos guardas.

Sentimento de humilhação.

Traz a influência de arrogância, insatisfação.

Essa vida foi logo após o templário e o rei em questão era das Cruzadas também. Qualquer um que estudou sobre os árabes sabe que não era uma idéia muito sábia tentar matar um rei, eles eram bem severos com isso. Trazia a influência da insubordinação.

Quarta vida: Vejo um sacrifício, espada entrando na área abdominal, na área acima do umbigo. Não sei se foi voluntário ou não.

Caí na mão de inimigos. É um tempo mais antigo. Eles atingiram com a espada, era amarela, me impressiona muito.

É uma civilização antiga, uma morte muito anormal, a sensação continua. E eu fazia parte

deles, foi uma traição. Eles têm roupas amarelas. Seguraram-me muito forte, têm um líder com roupa estranha.

Eu me propus ao sacrifício e na última hora recuei, eles tiveram raiva e continuaram.

Tem um lado meu que gostou dessa morte violenta, é estranho.

Ele me influencia com dúvida, confusão. Tem um fascínio pela morte, algo sádico.”

E realmente, apesar de doce Leonardo tinha uma energia mórbida, algo como se fosse uma nuvenzinha negra que sempre o acompanhava. Inclusive, ele era um rapaz muito bonito e tinha dificuldade com a parte afetiva, algo sempre afastava as mulheres. Após essa sessão ele se sentiu mais desinibido e começou a retomar o tempo perdido na vida pessoal.

Quinta vida: Alguém rindo e falando que eu não vou conseguir. Fica se escondendo atrás de mim.

Ele é um soldado romano. Vida passada do meu chefe. Está me segurando energeticamente por um cordão na nuca e no pé esquerdo. Ódio.

Disputa.

Ela ficou presa em uma gaiola suspensa, era escrava.

Na época ele dominava, hoje também, vontade de destruir.

Minha mentora o acalma.

É comum que esse tipo de resgate apareça, como foi visto no capítulo de vida profissional. Mesmo alguém que reencontramos numa situação de trabalho pode ter sido um inimigo de passado.

Esse chefe causava uma série de intrigas e problemas para Leonardo, que convive em um ambiente mesquinho e corrupto mas se mantém honesto.

Interessante que se não fosse o Pânico Leonardo não teria ido trabalhar nesse local. Possivelmente a disputa já acontecia no astral antes dos sintomas começarem, para que os dois se reencontrassem e resolvessem as pendências. Após essa sessão a situação de Leonardo normalizou no trabalho e as perseguições pararam.

Sexta vida: Egípcio. Correndo dentro do palácio ou pirâmide. Tem sol, verde. Via tudo lá do alto. Está mostrando ele pequeno ou jovem. Vê as pessoas construindo lá embaixo. É filho dos nobres. Muito atrevido e sapeca. Ficava brincando, é tão bom que nem dá vontade de sair.

Depois é mais para jovem, 18 anos. Começa a pensar em assumir o trono. Tem alguma questão, ele tem um lado meio sádico. Pedra rolando em cima do escravo. Ficou tipo rindo, se regozizando com a desgraça alheia.

Areia do deserto. Passa a mão na areia. Guerra. É meio perturbado, tudo é motivo de riso. É meio doido. Situação de guerra. Campo de batalha, ele comanda. Fica vibrando. Tem a

mente esquisita, não parece normal. Não tava nem aí. Muita morte.

Perdeu muitos exércitos. Vejo ele velho. Torturou prisioneiros. Escravidão, trabalhos forçados. Tem algum desastre natural, mas ele não morre.

Influência com muita confusão mental.

Em certa idade perdeu o juízo completamente.

Batia a cabeça na parede. Tinha algo genético.

Muito magnetismo na sala funerária.

Sempre que trato vidas no Egito tenho todo um cuidado com a parte de desmagnetização. Os egípcios eram profundos conhecedores das propriedades magnéticas e imantavam os sarcófagos magicamente, já que acreditavam que a vida continuaria no além. É muito comum pessoas que tiveram vidas lá terem muito cansaço, perda de energia, se sentirem presos.

Era o caso de Leonardo e grande parte do Pânico tinha relação com esse misto de loucura com prisão no pós-morte, além da perseguição de todos que morreram nas guerras.

Essa confusão mental atrapalhava muito a capacidade de discernir as situações, trazia muitas idéias fixas destrutivas. Em caso assim trabalho bastante com amarelo no chakra frontal, para retomar a sanidade da personalidade de passado.

Sétima vida: Época medieval.

Rei muito velho, apoiado na espada, se lamentando e chorando.

Velho, barba branca, líder de tribo germânica. Frustrado, velho. Em combate na floresta. Muitas guerras, frustrado com isso. Queria paz, ficar tranqüilo. Muitos morreram, o reino dele ficou pequeno. Influência: cansaço de ter que brigar de novo.

Essa vida trazia uma carga tão pesada que Leonardo tinha vários comportamentos de pessoa idosa. Era lamentativo, vivia como se carregasse um grande peso e buscasse uma paz inalcançável e impossível.

O alívio foi imediato, ao encaminharmos o pobre comandante que pouco podia fazer em uma época tão bélica ele logo sentiu um imenso fardo sair das suas costas, uma sensação de liberdade e de leveza.

Oitava vida: Campo verde com mata ao fundo, grupo de soldados franceses. Relaxando, rindo, jogando chapéu e dando tiro. Roupas pretas com faixa atravessada. É engraçado. Estão descansando entre uma batalha e outra.

Eu dentro de uma cabana do exército, luz de vela, com caneta de pena, escrevendo uma carta a uma moça. Ouço bater na porta, autorizo a entrada, vem um soldado, eu continuo escrevendo e ele vai contando aos poucos. Quando dá a notícia da morte da moça, eu abro a porta da cabana, é de noite, vejo o acampamento e choro muito. Foi uma perda

terrível e eu sentia essa saudade na ponta física de hoje.

Campo de batalha, época de Napoleão, emoções muito fortes, soldados com baionetas, combate muito violento. Tiros, fumaça, gritos.

Ele morreu em batalha. Por baioneta, no lado esquerdo do estômago.

Quer que a vida atual tenha romances proibidos e lide com armas.

Outra personalidade que causava bastante auto-sabotagem. Em todas as vidas que tratamos, além do encaminhamento das pessoas que morreram nas batalhas e que continuavam presas, sempre foi necessário fazer uma harmonização comportamental, pois o clima das batalhas além de sanguinolento era muito lascivo, promíscuo. Era uma influência desastrosa para a vida afetiva.

Essa saudade da moça também trazia uma angústia e uma sensação de perda. Conforme Leonardo se libertou disso o Pânico foi melhorando a olhos vistos.

Nona vida: Lemúria. Vivem diferente daqui. Muita magia. Sabem que vai ter algo de ruim, evacuação, fuga. Fico tendo flashes rápidos em vários lugares.

Essa parte é polêmica, mas para terapeutas de vidas passadas, com tantas pesquisas e relatos de caso que existem, Lemúria e Atlântida podem ser consideradas fato.

No caso Leonardo estava sintonizado com a situação do afundamento da Lemúria, o que também contribuía para sua bronquite. Por ser uma situação de morte iminente, colaborava para os sintomas do Pânico.

O acesso a essa vida foi bem energético, Leonardo conseguiu trazer poucos dados. Mas havia tanta magia incluída que passamos cerca de uma hora drenando a energia que o prendia lá.

Por Apometria soubemos depois que ele fez parte na Lemúria de um grupo que trabalhava com magia sexual e sugava energia das pessoas pelo chakra básico. Cada mago do grupo tinha uma especialidade e a de Leonardo era a vampirização em si das energias. O grupo que o acompanhava por causa dessa vivência era enorme.

Décima vida: Dentro de gaiola de madeira. Tem feno no chão. Sou escravo prisioneiro. Não posso ficar de pé. Situação com os leões. Injustiça. Esses romanos. Ódio. Desgraçados. Eu vou mas volto e acabo com vocês!

Mais uma vez as informações vieram esparsas e foram complementadas na Apometria. Nessa vida em Roma Leonardo morreu comido por leões, era um dos primeiros cristãos. Ficou sintonizado com a situação apavorante de ser devorado vivo. Estava também com sua família e com a esposa grávida quando foi para a arena, o que além do desespero pela própria morte trazia a angústia de perder os que amava e vê-los sofrer.

O sentimento de ódio pelos romanos ficou incrustado nos seus corpos espirituais, o mesmo ódio que o levou posteriormente a muitas vidas de guerreiro e que hoje reprimido vinha na forma dos sintomas do Pânico.

Décima primeira vida: Vida em castelo, vê pessoas guilhotinadas e acha graça. Bebe, não quer nada com nada.

Com Leonardo foi acontecendo um fenômeno comum entre os pacientes de TVP. Quanto mais fomos nos aproximando das personalidades algozes e vilãs, mais ele foi tendo dificuldade de visualizar detalhes do que aconteceu na vida. Isso é normal, por causa dos nossos mecanismos de defesa naturais. É sempre difícil enfrentarmos a nossa sombra.

Nessa vida dele, percebemos uma total energia de indiferença pelo sofrimento alheio e de desperdício da encarnação. Como era também recorrente entre nobres que viveram em castelos, nada de útil se fazia, apenas bebida, farra, nada de construtivo.

Leonardo repetia muitas vezes hoje: “Mas o que fiz de tão mal para merecer tanto sofrimento? Devo ter sido muito ruim em minhas outras vidas!”. De fato, foi, como a maioria de nós.

O que ele foi aprendendo na terapia – bem aos poucos, por causa da sua imensa teimosia – é a sair do papel de vítima e tomar as rédeas do próprio desenvolvimento e evolução. Ele sabia que

caminhava na linha de limite entre o lado branco e o lado negro nessa encarnação. Muitas vezes sentia vontade de abandonar o tratamento e ter uma vida desregrada, sem se importar com espiritualidade e coisas do tipo. Mas foi aos poucos vencendo a sua resistência milenar, mudando seus paradigmas.

Essa disposição à mudança interna é fundamental para o sucesso da TVP. Naturalmente não vai ser o terapeuta quem vai dizer o que é certo ou errado moralmente ao cliente, não é esse nosso papel. Mas é nosso papel conscientizar sobre determinadas leis universais, que independem de religião ou crença: lei de causa e efeito, não fazer ao outro o que não quer que faça a si, a lei do amor, a necessidade de aprendizado e desenvolvimento espiritual, da caridade, de parar de se colocar como centro do mundo. Isso todas as linhas de pensamento, filosofias e religiões concordam.

A questão é que algumas pessoas conseguem se olhar e de fato empreender esse caminho de mudança. E algumas até querem, mas os vícios e apegos milenares são mais fortes. Esse fator é o que mais decide o sucesso ou fracasso do tratamento e isso só o paciente pode fazer por si mesmo. O terapeuta pode assistir, orientar – e torcer.

Mas continuemos com a sombra de Leonardo:

Décima segunda vida: Vejo um menino na casa da minha ex-namorada. Quando fui lá a

primeira vez tive a sensação de que ia constituir família e ter filhos.

Vejo que estou desdobrado na casa dela. Ela me expulsa de lá.

Tem alguém lá que parece um mago negro. Fala com boa argumentação sobre o passado. Leva-me para a época medieval. Mostra uma pessoa sendo torturada, braços e pernas esticados em máquina de tortura. Eu estava torturando ela. Ele diz que não vai revelar nada dela. Ele é uma personalidade múltipla minha.

Eu a enforquei depois. Ela era camponesa e eu a queimei na fogueira.

Aparece eu sendo morto na época medieval, uma lança com estandarte. É o que viria como meu filho. Em volta do meu corpo tem uma estática, uma energia que bloqueia o acesso. Flutuo em cima de um mausoléu. Querem me jogar lá, me puxa. Ali é o meu lugar, dizem que não deveria ter saído de lá. O túmulo tem um leão desenhado.

Nessa vida percebemos uma personalidade de passado dele que fez mal à antiga namorada e que trabalhou contra o relacionamento dos dois. Essa personalidade de inquisidor fez mal a ela e a muitos outros, torturando e julgando. Soubemos depois que recebeu muitas pragas e feitiços de bruxas e estava sendo amplamente perseguido astralmente.

Trazia para a vida atual o egoísmo, o autoritarismo e os sintomas do Pânico, pois o

inquisidor estava literalmente em pânico sendo perseguido no astral. E mesmo com esse terror, foi difícil convencê-lo a pedir perdão, pois pensava estar correto no seu serviço à Igreja. Muitos inquisidores reagem assim.

Nesse sentido minha formação de historiadora sempre foi muito valiosa como terapeuta. Cada questão que vamos tratar envolve a parte emocional e envolve também o contexto histórico. É muito importante saber qual é a visão de mundo da época em que a pessoa está, até para saber que argumentos usar para harmonizar.

Décima terceira vida: Romano depois de Spartacus. É do fim do Império. Ele marchando descendo em formação militar em um terreno seco. Pedra dura. Foi centurião por pouco tempo.

Tem uma briga com outro romano. O outro enfiou uma lança, pegou na boca dele. A lança atravessou. Era por mulher. Ele não era boa pessoa, roubava, trapaceava, bebia, enganava. Influencia a ser vingativo, ardiloso.

Mais uma vez assistimos a uma situação comum do Pânico: mortes coletivas, perseguição de pessoas que morreram na época, violência e guerras. Esse soldado ainda o perseguia pessoalmente e deu bastante trabalho para ser desligado.

O que mais ajudou no convencimento desse desencarnado foi o fato de Leonardo estar cuidando

das suas brechas de caráter. Como ele atualmente estava se desligando dessa frequência de vingança e egoísmo, o obsessivo aceitou ajuda e seguiu seu caminho.

Considero muito importante que o terapeuta tenha bastante conhecimento sobre a parte espiritual: obsessão, desobsessão, chakras, corpos sutis, como funciona o mundo astral etc. Estudei muito essa parte e insisto muito nela na formação dos meus alunos, pois em situações assim mais ferrenhas é fundamental que o terapeuta saiba como resolver a questão.

Décima quarta vida: Bastilha. Vejo a janela ao longe. Estou preso mas tava vivo. Tem um guarda que veio bater em mim. Eu tô acorrentado. Eu queria chegar até a janela, mas não dá por causa das correntes. É uma prisão em retângulo.

Tem uma confusão, incêndio, o guarda desceu correndo. Tinha um outro. Gritaria.

Eu não posso sair por causa das correntes. Gritaria. Se eu pudesse pular pela janela ia morrer mais fácil. A porta ficou aberta mas eu não posso descer. Os outros pedem socorro também. Não quero que o pessoal lá embaixo me encontre.

Eu fui julgado. Estava amarrado numa estaca antes de entrar na prisão. Jogavam verduras em mim. Sou homem, sou artesão. Era pedófilo e não pagava impostos. A mãe da criança viu. Tinha convivência e ela confirmou depois.

A criança está desencarnada e já evoluiu, não está mais presa aqui na Terra. Ela vem aqui e o calor que emana dela é muito forte. Veio me ajudar para eu conhecer as coisas que eu fiz e ver que essa tendência não está em mim. Para me ajudar ela deu lugar à Márcia. Já estivemos juntas e ela evoluiu mais. Vai me passar paz e energia.

Isso me gerava vaidade sexual. Tendência interior.

Isso foi acionado na minha infância, estava na casa da minha avó e um pedaço do telhado caiu.

A essa altura até brincamos: mas será possível que você vai estar em todas as guerras e revoluções da humanidade?

A contribuição dessa vida para o Pânico era a perseguição pelo fato da pedofilia e a morte em si em meio ao fogo, enquanto a Bastilha estava sendo tomada. Leonardo posteriormente confirmou em uma enciclopédia que quando a Bastilha foi tomada, em 14 de julho de 1789, entre os presos havia um pedófilo.

Décima quinta vida: Um caixão de pedra. Para cima da terra. Estou nele. Tem o desenho de um brasão. Sou mulher. Estava sentada em uma igreja. Passou uma mulher e me dirigiu um olhar horrível.

Tem aspecto de muita força, parece bruxa. Tem muita energia. É como uma cerimônia.

Parece imagem de Salem. Ela tá me acusando numa tribuna. Na porta tem soldados com machado e calça curta.

Ela fez por inveja da minha beleza. É minha mãe atual.

Depois me bateram e me jogaram na rua.

Ela amava um homem e eu fiquei com ele. Meu irmão atual. Ela era mãe dele e não queria que eu casasse com ele.

Morri enforcada. Julgada por bruxaria.

Tinha um guardião desencarnado.

Essa vida além de ajudar com o Pânico resolveu sintomas que o irmão de Leonardo sentia. Foi mais um caso onde a terapia ajudou uma terceira pessoa à distância, sem ela necessariamente participar.

O irmão de Leonardo tinha ataques à noite, começava a gritar e em crises de sonambulismo saía correndo. Sofria muito com isso e a família também. Também havia uma simbiose estranha na família, como se ninguém conseguisse viver bem separado. Após essa vida e dois atendimentos apométricos, o irmão nunca mais teve crises.

Essa vida também mostra a configuração dos opostos. Leonardo passou pela experiência de inquisidor e pela de bruxa, algoz e vítima, para ir chegando ao equilíbrio.

Décima sexta vida: Samurai. General sisudo.

Feiticeiro orienta para as batalhas.

Teve baixas mas lutas honradas.

**Foi pego pelos inimigos. Suicida-se com ritual.
Fica pendente a violência, não quer se
harmonizar, não acha honrado.**

O samurai foi uma das últimas personalidades a ser retirada e de forma bem resistente. O ritual de suicídio também contribuía para a bronquite, que cedeu bastante após essa vida ser tratada.

Décima sétima vida: Nazista.

**Fiz muito mal, nunca vou me livrar desse carma.
Era um dos chefes. Matava pessoas sem dó, pata
liberar mais espaço no campo para novos
prisioneiros, mandava centenas de uma vez para
a câmara de gás.**

**Acreditava fielmente no fuhrer. O terceiro
Reich vai durar mais mil anos. Nunca vou ser
desleal.**

O nazista sem dúvida foi o tratamento mais difícil. Resistente, teimoso, fanático, tinha passado por verdadeira lavagem cerebral, o que sabemos que foi característica do período.

Toda a violência e sangue que ele causou traziam para Leonardo a sensação que jamais conseguiria ser feliz, com tantas atrocidades em seu passado – e no caso um passado tão recente. Muitos sentem isso quando fazem TVP.

Mas o que acontece é o que aconteceu com esse nazista quando ele aceitou ser ajudado: as energias de amor e de perdão sempre são mais

fortes que qualquer atrocidade e quando a pessoa se deixa envolver por elas, pode se libertar.

Esse é o grande objetivo da TVP: limpar o passado, conscientizar, para que possamos começar de novo. As feridas podem ser cicatrizadas, os scripts sempre podem ser mudados.

Como diz Leo Buscaglia - que foi o motivo de Leonardo escolher esse nome para ser seu nome fictício – somos os diretores e roteiristas de nossas vidas e podemos muda-las quando quisermos. A TVP acrescenta que quando queremos mudar e não conseguimos, podemos harmonizar nossos passados para entender quais são as tendências que nos governam e nos libertar delas.

Não que não envolva trabalho duro, que é fácil nunca ninguém vai prometer. Mas é possível e executável para todos aqueles que realmente se propõem.

Os sintomas de Leonardo cederam totalmente e abaixo fica a orientação final da sua mentora, que foi nossa companheira de jornada:

Orientação final da mentora: o Pânico tinha a ver com o medo de que toda essa violência, morte e destruição viesse à tona. Antes dele aflorar eu sentia que ia agredir as pessoas. Como se eu fosse sair de mim mesmo. Estou liberto dessa energia de agressão. Agora depende da ponta física construir o futuro, aproveitar melhor o tempo. Vou sentir uma nova harmonia.

Ainda precisamos cuidar depois de outros assuntos, como a vida profissional e a vida afetiva. Mas sem dúvida Leonardo ficou outro depois do tratamento. Mais calmo, equilibrado, centrado. Energia mais elevada, pensamentos menos rígidos. Sem os sintomas, podendo inclusive escolher outro rumo profissional.

Trabalhos como o dele mostram todo o potencial da TVP no tratamento ao Pânico e me deixam cada vez mais convicta de que farei isso pelo resto da minha vida, pois o resultado é absolutamente maravilhoso.

Bibliografia

Revisão bibliográfica

1. BOWMAN, Carol – *Crianças e suas vidas passadas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997
2. BROWNE, Sylvia – *Vidas passadas, curas futuras – a influência do Outro Lado da vida sobre a felicidade e o bem-estar desta vida*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.
3. CORRINGTON, Pat Rowe – *Viver novamente – 43 casos de regressão a vidas passadas e como isso pode ajudar você*. São Paulo: Madras, 1999.
4. DETHLEFSEN, Torwald – *A regressão a vidas passadas como método de cura*. São Paulo: Pensamento, 1997.
5. DROUOT, Patrick – *Memórias de um viajante do tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
6. FIORE, Edith – *Já vivemos antes*. Póvoa do Varzim: Publicações Europa América, n.d.
7. _____ *Possessão espiritual*. São Paulo: Pensamento, 1991.
8. GODINHO, J.S – *Psiquismo em terapia*. Limeira: Editora do Conhecimento, 2000.
9. GUIMARÃES, Maria Teodora Ribeiro – *Viajantes*. Campinas: SBTVP, 1999.
10. _____ *Tempo de amar*. Campinas: SBTVP, 2000.
11. _____ *O filho das estrelas*. Campinas: SBTVP, 2002.

12. HALL, Judy – *Fundamentos de Terapia de vidas passadas*. São Paulo: Avatar, 1998.
13. JOHNSTONE, Judith e WILLINSTON, Glenn – *Em busca de vidas passadas*. São Paulo: Siciliano, 1989.
14. KRELLING, Helga – *Egos de vidas passadas*. São Paulo: E. Roka, 1999.
15. KWITKO, Mauro – *20 casos de regressão*. São Paulo: Robe, 2001.
16. LINN, Denise – *Vidas passadas, sonhos presentes*. São Paulo: Pensamento, 1998.
17. LUCCA, Elaine e POZZATO, Alexandre – *Regressão: a evolução da terapia de vidas passadas*. São Paulo: Roka, 1998.
18. _____ *As faces do invisível – a influência do nosso passado em nosso presente*. São Paulo: Harbra, 2002.
19. MARTINS, Edison Flávio – *Abrindo as janelas do tempo*. Campinas: Editora Livro Pleno, 2001.
20. _____ *Viver muitas vezes*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 2003.
21. McCLAIN, Florence – *Guia prático de regressão a vidas passadas*. São Paulo: Siciliano, 1989.
22. MENDES, Eliezer C. – *Psicotrãse*. São Paulo: Pensamento, 1980.
23. MOODY, Raymond e PERRY, Paul – *Investigando vidas passadas*. São Paulo: Pensamento, 1995.
24. NETHERTON, Morris – *Vida passada – uma abordagem psicoterápica*. São Paulo: Summus, 1997.

25. PINCHERLE, Livio Túlio (org) – *Terapia de vida passada – uma abordagem profunda do inconsciente*. São Paulo: Summus, 1990.
26. RESENDE, Célia – *Terapia de vidas passadas – uma viagem no tempo para desatar os nós do inconsciente*. Rio de Janeiro: Nova era, 2000.
27. _____ *Nascer, viver, renascer*. Rio de Janeiro: Nova era, 2003.
28. ROSSETI, Francesca – *Psicorregressão – um novo sistema de cura e desenvolvimento pessoal*. São Paulo: Pensamento, 1996.
29. SOUZA, José Antonio de – *Introdução a Terapia de Vidas Passadas – guia prático para terapeuta e paciente*. São Paulo: Berkana, 1999.
30. TENDAM, Hans – *Cura profunda*. São Paulo: Summus, 1997.
31. WEISS, Brian – *Muitas vidas, muitos mestres*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
32. _____ *A cura através da terapia de vidas passadas*. Rio de Janeiro: Sextante, 1996.
33. _____ *Só o amor é real*. Rio de Janeiro: Sextante, 1996.
34. WHITTON, Joel – *Vida transição vida. – explorações científicas no tempo de transição entre uma encarnação e outra*. São Paulo: Pensamento, 1992.
35. WOOLGER, Roger – *As várias vidas da alma – um psicoterapeuta junguiano descobre as vidas passadas*. São Paulo: Pensamento, 1992.